

Diário de Lisboa

ANO 64 N.º 21 612

Novembro de 1984
Sábado

Fundador Joaquim Manso

Director A. Ruella Ramos

Director-adjunto Fernando Pitteira Santos

17 30\$00

Para todos os efeitos oficiais

Solução para o Governo fica à espera de Viseu

● **O Primeiro-Ministro vai a Londres enquanto Mota Pinto prepara Conselho Nacional PSD**

● **NESTA EDIÇÃO:**
As cartas amargo-doces e de desamor entre as duas Comissões Permanentes

«A verdadeira cimeira foi ontem, e o verdadeiro Conselho Nacional do PSD é amanhã, domingo» — dizia ironicamente, esta madrugada, uma fonte social-democrata, convidada pelo «DL» a comentar o adiamento da cimeira oficial entre os dois partidos para depois do conclave de Viseu, marcado para o próximo fim-de-semana.

Com efeito, o gabinete restrito que ontem reuniu apenas com Mário Soares, Mota Pinto, Eduardo Pereira, Almeida Santos e Amândio de Azevedo admitiu que, na próxima semana, apenas terão lugar «reuniões preparatórias». Nas três horas de discussão havidas tera, já, fi-

cado delineado o âmbito do «aprofundamento do acordo de governo» de que a «cimeira oficial» se ocupará, mais tarde.

Por outro lado, Mota Pinto marcou para amanhã à tarde, em Coimbra, um encontro «a sós» com as distritais do PSD, antecipando-se a outro marcado, com as distritais do Norte, para segunda-feira, por iniciativa de Eurico de Melo e Cavaco Silva.

Tudo indica que o vice-Primeiro-Ministro, negociando previamente com as bases do partido, e afastando dessa conversa a comissão política (que nela devia, em princípio, participar), está a tentar criar condições para chegar ao Conselho Nacional de

Viseu em posição de força, e preparado para aceitar, mas já sem problemas, as críticas de que não deixará de ser alvo.

Na reunião de ontem, os socialistas convidaram abertamente os sociais-democratas a abrir a frente de diálogo sobre as candidaturas à Presidência da República, respeitando a liberdade de cada partido de apresentar uma candidatura própria, mas desde que o PSD não queira «recuperar antigos frentismos de direita».

Só durante a reunião de ontem foi dado conhecimento, a Mário Soares, do teor da resposta social-democrata ao convite para a cimeira bilateral. A res-

posta é evidentemente positiva, mas tudo indica que, quando ela se efectuar, apenas «oficializará» os acordos ontem adquiridos e a retomada de poder de Mota Pinto em Viseu — a menos que as tendências que o têm criticado ainda consigam, durante a próxima semana, um 'volte-face' que ponha seriamente em perigo a posição do actual líder do PSD.

Entretanto, Soares, que parte terça-feira para Londres, reúne com a Comissão Política do PS na segunda-feira, para lhe dar conta do estado das relações entre os dois parceiros de governo depois da reunião de ontem.

Págs. 3, 4 e 5

Relações China-Portugal

O horizonte é cor de rosa



O presidente da República Popular da China, Li Xiannian, esta manhã, à chegada à Praça do Município para uma visita aos Paços do Concelho, onde lhe foram entregues, em sessão de boas-vindas, as chaves da cidade

Pág. 4



Embora não formalmente, tudo indica que Proença de Carvalho tenha oficializado ontem a sua disponibilidade para ser, se lho pedirem, o «candidato da mudança» nas próximas eleições Presidenciais

No Sheraton ao serão

Candidato para a 'mudança' oferece-se

Pág. 20

Nova acção de Polícia no caso FP

Selada a sede dos familiares dos presos

Pág. 8



Desacordo declarado

Lia Viegas

Retiro o que (já) disse. Afinal não é fácil negociar. Não é para toda a gente. Aliás depende do que se está a negociar e do que se quer negociar. Talvez seja este o problema. Por exemplo: Vamos negociar a nossa entrada na CEE. O negociador pergunta: Mas onde é que está o interesse? Precisamos nós que os estrangeiros venham competir com os nacionais, assim sem mais nem menos, na nossa terra, no estado em que estamos, de tanta fraqueza? Eles já estão organizados, estão fortalecidos, têm grandes mercados, enormes empresas. O negociador sugere: Só se eles aceitarem o mesmo quanto aos nossos produtos, embora não sejam muitos: Têxteis, tomate, vinhos e outros. Aceitarão, não aceitarão? Vamos a negociar. Que isto é negócio arriscado, está-se a ver. Vai ser prejudicial para muitos, vai ser prejudicial para as nossas empresas. Será melhor perguntar aos interessados. Será melhor perguntar ao país. Que isto é uma decisão que não se deve tomar sem ponderação. Será melhor perguntar. Será melhor um referendo? Mas ninguém sabe, para se pronunciar. Ninguém está informado. E muito menos esclarecido. Alguns pensam que vamos viver como os suecos. Essa já foi lançada há muito. Aqui, esclareço: Os suecos não fazem parte da CEE. Outros pensarão que a Europa vem ter connosco, em vez de nós irmos à Europa. O que seria muito mais cómodo e chega a todos que não podem viajar, nem sequer emigrar. Bem. Mas mesmo sem o tal referendo, que foi feito noutros países, mesmo sem a tal informação, que foi feita noutros países, há quem esteja alertado e alarmado. São as classes trabalhadoras, pela voz do movimento sindical. São as classes patronais, pela voz das associações patronais, no que respeita à produção. Então o que fica? As profissões liberais, os comerciantes, as camadas intermédias, a pequena burguesia, e outros não lembrados? Não são estes que compõem as votações de partidos da maioria, pois que, como é bem de ver, aqueles estratos sociais são minoritários. Nem me atrevo a dizer que os votantes na maioria estavam ou estão desinformados. Aqui há qualquer coisa que não bate certo. Uns não sabem, outros não querem. Então quem sabe e quem quer? O Governo e seus departamentos especializados. Os «dossiers». E porque sabem e porque querem? Porque são órgãos políticos e vêem o assunto sob o ângulo político. Da sua política. Não acredito que estejam feitos com os empresários estrangeiros. É que o nosso Governo é político. Só faz política. Quer-nos alinhar com os países capitalistas, sem olhar a que nós estamos noutra fase de desenvolvimento. E nada de originalidades à portuguesa. Lembram-se de se dizer que o nosso processo (revolucionário) era original? Têm presente o 25 de Abril e a nossa Constituição, ora vigente, apontar como rumo o socialismo? Isso não há na CEE. Reformas agrárias, empresas públicas que não visam apenas o lucro, banca nacionalizada, isso terá que acabar, segundo supõem os adeptos da CEE. É preciso domesticar de uma vez para sempre este povo, civilizá-lo, dar-lhe padrões e padrões multinacionais. Custe o que custar. E por isso que o Governo coloca as negociações para segundo plano? É por isso que as questões económicas vão ser discutidas mais tarde? Uma péssima forma de negociar. Aceitar um negócio sem acertar as condições. Mas qual é o negócio? Se é o interesse económico nacional, é uma coisa. Mas se é o interesse político do Governo, é outra. Há aqui um desacordo, sem dúvida. Declarado.

“Democracia à Americana”

de Jacques Arnault

Quem quiser compreender o sistema político norte-americano e as complexas atribuições do processo eleitoral nos EUA tem a partir de agora uma fonte de conhecimentos: o livro «A Democracia à Americana», do francês Jacques Arnault, publicado entre nós pela Editorial Caminho.

Ao longo dos seus trinta e um capítulos, dos anexos e de um post-scriptum (explicativo da vitória de Reagan em 1979, eleito por 27% dos seus concidadãos), esta obra de um reputado especialista francês explica como o «sistema político dos Estados Unidos poderia ser descrito como a interconexão de duas redes: uma rede pública, instituída pelas leis constitucionais, e uma rede privada, organizada à margem delas».

O livro não cede à tentação, muito fácil em obras desta natureza, de entrar em tecnicismos só acessíveis a alguns. Alguns capítulos são evoca-

ções históricas, que lançam uma luz muito esclarecedora sobre o presente. Outros têm o aspecto de reportagem ao vivo. Finda a leitura, não se ficará com a ideia de que os EUA fogem à definição clássica de democracia. Mas ficam, sem dúvida, com a noção clara dos limites de uma democracia enredada numa tela que garante aos poderosos o controlo das verdadeiras alavancas do poder. Não será isso uma originalidade dos EUA. Só que nesse país os caminhos sinuosos do poder são muito mais visíveis à vista desarmada que noutros democracias semelhantes.

O livro, de 280 páginas, é o número 24 da colecção «Nosso Mundo», da Editorial Caminho, com tradução de Alice Nicolau e José Oliveira, capa de Delgado Godinho e orientação gráfica de José Serrão.

Relido sem correcções

Esquerda liberal

«Nós temos uma incipiente segurança social. Haverá que desenvolvê-la. Mas de que maneira? O nosso atraso dá-nos talvez a vantagem de podermos evitar os erros dos outros. Aproveitemos a presença de Pierre Rosanvallon para lhe pedir que nos exponha as grandes linhas que, no seu entender, devem orientar a reforma da segurança social.»

José Fernandes Fafe,
«Diário de Notícias», 12/11

Padre Padrone

«Ainda supus que, com a entrada do dr. Palma Carlos para a RTP, a coisa melhorasse algo, no que respeitava à mais comestível moral. Mas não. A um Palma sucedeu outro Palma. Vê-se que a solução não está nos Palmas, mas, isso sim, numa coisa bem conhecida: a 'palma-tória'! (...) É assim que a RTP, desbragada, idiota e degradante, quer que os portugueses sejam assíduos no pagamento da taxa?»

Adelino Alves,
«O Dia», 12/11

Óleo político

«A EPAL, como empresa responsável que é, enviou amostras, devidamente seladas pela Câmara Municipal de Sintra e pelo Instituto Ricardo Jorge, para França, de forma a serem rigorosamente identificados os tais 'óleos'. Mas, se as análises forem, como se espera, negativas, exigimos que se abra um rigoroso inquérito no sentido de apurar responsabilidades. Pode ser que nessa altura se descubra toda a trama política que está por detrás dos 'óleos na água'»

«Correio da Manhã», 12/11

Lança em riste

«Este comunicado irá talvez desencadear a revolta de quantos aqui identificamos como irresponsáveis, mas com a coragem de S. Jorge, nosso Patrono, cá ficamos com a lança em riste, à espera dos seus ataques, para então os esmagarmos como merecem. A Gerência, ATENTA, Vigilância Comercial e Industrial, Ld., Assinaturas ilegíveis.»

«Diário Popular»,
Publicidade, 12/11

Ejaculações

«Num estudo em que se compara a sexualidade dos portugueses com a dos anglo-saxónicos, nota-se que «a ejaculação prematura quase não existe nestes povos», sendo, ao contrário, «uma disfunção sexual característica dos nossos compatriotas.»

«A Capital», 12/11

A máscara

«Abril visto por Jardim: Revolucionários mascarados enganaram portugueses.»

Título de
«O Dia», 13/11

A hipótese

«Presidenciais e autárquicas simultâneas é uma hipótese em estudo pelo Governo — revelou o ministro da Administração Interna, em Coimbra.»

Manchete ao
«Diário de Notícias», 13/11

O ridículo

«As declarações de Fernando Amaral, rejeitando apoios do PSD a uma eventual candidatura de Mário Soares à Presidência da República, foram ontem mesmo objecto de um comentário por parte de António Campos, que as considerou 'ridículas e graves'»

«Diário de Notícias», 14/11

Alimentação

«A Federação Distrital do PS da Guarda anunciou anteontem em comunicado que o PSD é Governo de coligação para assalto aos lugares de responsabilidade e oposição para fuga a eventuais fracassos governativos»

O documento acrescenta que o PSD — é a triste história de um partido que sem base ideológica e em nome da falsa social-democracia, vai alimentando legiões que, sem olhar a meios para atingir fins, apanham o comboio do poder.»

«Correio da Manhã», 14/11

Nicarágua

Esteve em Matagalpa e Jinotega. Visitou o Hospital Militar de Manágua. Participou nos festejos realizados na Praça Heróis e Mártires de Manágua. Conversei com dirigentes da Frente Sandinista e dos partidos da oposição.

«Já em Lisboa, Aurélio Santos afirma que 'é de lamentar que o Governo Soares/Mota Pinto, também neste caso, se mostre fiel servidor da política agressiva de Washington'»

«O Diário», 14/11

Não podem

«Os jornais não podem ser correias de transmissão do Poder — afirmou Mário Soares na abertura do ciclo de comemorações dos 120 anos do 'DN'»

Manchete do «Diário de Notícias», 15/11

Cabecinha

«De resto, o que se viu, depois que Jordão falhou o «penalty»,

foi uma equipa, a de Portugal, a lutar com o coração, e o adversário, com a frieza característica dos nórdicos, a jogar com a cabecinha, quase zombando da falta de discernimento e do atabalhoamento dos jogadores lusos, que acabaram de cabeça perdida.»

«Correio da Manhã», 15/11

Apagar

«(...) Lima Pereira, Eurico e Inácio, os que mais contribuíram para este resultado que deve ser apagado da memória de todos, para que não venha a ter efeitos nocivos no futuro desta equipa de futebol, capaz do bom e logo a seguir do mau.»

«O Diário», 15/11

Frios como o gelo

«Uma equipa de onze suecos frios como o gelo que lhes cobre o País chegou, na noite de ontem em Alvalade, para aniquilar o conjunto português.»

«O Dia», 15/11

Facções

«Este público, pouco mas bom, ajudou quanto pôde puxando pela equipa a perder, incentivando-a ao intervalo e gritando «Portugal, Portugal». Certo que se viam mais bandeiras e roupas do Sporting e Benfica do que distintivos da selecção!»

«Diário Popular», 15/11

Antecipação

«A manifestação que amanhã percorrerá as ruas do Porto será, com certeza, uma demonstração inequívoca do querer popular perante esta política e este Governo: 'vão-se embora'»

«O Diário», 16/11

Natureza

«Quando alguém toma um antibiótico, nada mais pretende do que repor a natureza no seu equilíbrio que a doença fez desaparecer. Ora, a pilula tenta precisamente o contrário: procura o desequilíbrio da natureza, dado que esta estava, até então, no seu curso normal.»

Adelino Alves,
«O Dia», 16/11

Contra si

«O PSD está agora em posição de, perante a intimação do

seu parceiro para que se defina com clareza, dar como resposta aquela que António Capucho já deixou subentendida: a de que a crise na coligação se deve tão-só ao facto de os socialistas pretenderem, a todo o custo, que os social-democratas ajudem Soares nas presidenciais. Reduzida a estes termos a aparente posição de força tardiamente assumida pelo PS poderá voltar-se contra si mesmo.»

Editorial do «Diário de Notícias», 16/11

Quinta-feira

«(...) Soares teve conhecimento da última sondagem da Euroexpansão: segundo os dados fornecidos por esta sondagem, o PSD passa a partido mais votado — entre 25 e 27 por cento das intenções de voto — deixando o PS em segundo plano, com 24 a 26. A APU poderia subir para 20-22 por cento, e o CDS ficaria pelos 12-15 por cento. (...)»

«Ao mesmo tempo, segundo a mesma sondagem, Lourdes Pintasilgo poderia vencer Soares à primeira volta, com ligeiramente mais de 50 por cento do eleitorado, nas próximas presidenciais.»

João Mendes, «DL», 15/11

Sexta-feira

«Segundo os dados de uma sondagem da Euroexpansão, que Soares encomendara recentemente, o PSD ultrapassa o PS e passa a partido mais votado, com 25 a 27 por cento das intenções de voto. O PS estaria em segundo plano com 24-26, a APU subiria para 20-22 e o CDS permaneceria nos 12-15 por cento.»

«Por outro lado, segundo a mesma sondagem, Lourdes Pintasilgo poderia vencer Mário Soares nas presidenciais, à primeira volta, com cerca de 50 por cento de votos do eleitorado.»

António Duarte, «O Jornal», 16/11

Crédito

«ão é intenção da administração mexer nos ordenados dos trabalhadores» — eis a primeira declaração do Conselho de Gerência da Empresa Pública «Diário Popular», proprietária do nosso jornal, a propósito da declaração em situação económica difícil, ontem decidida em Conselho de Ministros. (...)»

«O CG adiantou, ainda, que a sua proposta visava também uma possibilidade de desencadear determinados tipos de crédito, que não especificou.»

«Diário Popular», 16/11

Soares não quis Severiano Falcão à sua mesa

A Câmara de Loures acusou ontem o Primeiro-Ministro de ter proibido o seu presidente de integrar a mesa de honra da sessão solene da inauguração das novas instalações da Cometna.

A União dos Sindicatos de Lisboa afirma, por seu turno, que um dirigente sindical, integrando um grupo de trabalhadores que aguardava Mário Soares à entrada foi por ele mandado «à merda».

O presidente da Câmara de Loures — afirma em comunicado da edilidade — tinha sido convidado para integrar a mesa pela administração da Cometna mas,

antes do início da sessão, Mário Soares ordenou aos membros da administração que retirassem o cartão com o nome de Severiano Falcão e que o mandassem sentar entre a assistência.

O presidente da Câmara de Loures disse aos membros do Conselho de Administração da Cometna que «as atitudes arbitrárias» do Primeiro-Ministro tinham contado com a sua cumplicidade e abandonou o local acompanhado pelos vereadores do Município.

O presidente da Câmara de Loures afirmou que a justificação de Mário Soares para não consentir na sua intervenção foi a de

que o presidente do Município «julgava que ia para ali fazer uma peixaria» mas que «aquilo não era lugar para peixarias».

Severiano Falcão considerou que as afirmações do Primeiro-Ministro «mais não eram do que o estilo regareiro utilizado pelos partidos da coligação, de uns para com os outros, de que ele ali apenas dava mostras de estar completamente viciado, para vergonha do regime democrático do País».

O relacionamento entre o Primeiro-Ministro e os trabalhadores que o esperavam à entrada das instalações da Cometna

caracterizar-se-ia por um conflito claro. Mário Soares foi vaiado à entrada e à saída, tendo sido, igualmente, registados assobios quando procedia ao desceramento da lápida inaugural.

As circunstâncias terão levado o chefe do Governo a dar alguns conselhos aos convidados presentes. «A tipos como aqueles dizemos que estamos em guerra» — eis palavras que lhe são atribuídas a propósito.

«Sem disciplina no trabalho, sem produtividade, sem estabilidade política não é possível resolver os problemas» — disse, já oficialmente, ao intervir na sessão inaugural.

Só depois de Viseu se verá quem são os tigres de papel

João Mendes

A semana da contra-ofensiva do PS chega ao fim, e é preciso reconhecer que os socialistas conseguiram em boa parte inverter a situação, passando a conduzir o jogo que os opõe aos seus parceiros de coligação. Mas Mário Soares não conseguiu impor a Mota Pinto a «cimeira decisiva» para antes do próximo Conselho Nacional do PSD, e as reuniões preparatórias — que a antecederão perdem muito do seu significado: tudo dependerá, de facto, do conclave social-democrata de Viseu, marcado para o próximo fim-de-semana. O vice-primeiro-ministro mostra assim, que não está, de momento, em condições de negociar um «segundo fôlego» para o Governo, e que é obrigado a sofrer, primeiro, o embate com o conjunto de críticas que o esperam, no seio do seu partido. É natural que a pressão socialista não abrande na próxima semana, dado que ela apenas atingiu o auge com a proposta, por Jaime Gama, do acordo de cavalheiros segundo o qual os dois partidos poderiam fazer juntos, em 86, a revisão da Constituição, em troca do apoio do PSD à candidatura de Mário Soares.

Mas, em contrapartida, e apesar do «fogo de artifício» do PS ao longo desta semana, os sociais democratas sabem agora que o futuro do Governo voltou a estar nas mãos de quem vencer em Viseu. Eles vão para Viseu fortalecidos pela sondagem da Euroexpansão, que abriu novos mundos ao seu mundo. E quanto às novas exigências do PS, já se

diz que elas poderão vir a produzir um efeito de «boomerang».

De facto, Mota Pinto tinha necessidade absoluta de adiar a «cimeira decisiva» exigida pelos socialistas para depois do Conselho Nacional.

Em primeiro lugar, porque ele espera sem dúvida — e talvez com razão — que, apesar das críticas de que será alvo por ter levado o seu partido a uma posição subalterna, quer no tocante à prática governativa quer no tocante à estratégia presidencial, as diferentes tendências reunidas em Viseu acabarão por não lhe recusar a luz verde para continuar no Governo. Poderia, até, acontecer que esse segundo fôlego lhe viesse, de novo, a ser dado por Marcelo Rebelo de Sousa... e Rui Machete.

Em segundo lugar, porque ele precisa desse Conselho Nacional para alterar claramente, apoiando-se no partido, a sua posição em matéria de presidenciais: depois de Viseu, e se sobreviver a Viseu, Mota Pinto terá deixado de ser o homem disposto a defender um candidato «fraco» do PSD à Presidência, e terá de admitir que o seu partido quer disputar, «com todas as suas forças», o palácio de Belém.

Neste particular, a proposta de um candidato «comum» aos dois partidos e deles equidistante, ainda ontem ressuscitada por Rui Machete como aquela que permitiria a estabilidade da coligação, parece não passar de uma manobra de diversão, no sentido militar. Mais crível é que, no PSD, todos e cada um estejam convictos de que nada pode — em princípio — levar Mário Soares a afastar-se da corrida para Belém. Se Mota Pinto acabar por receber em Viseu o novo apoio condicional de que precisa para se manter no Governo ele terá, assim, de passar a liderar a defesa de um candidato «forte» do PSD — um candidato que possa até vir a ser apoiado pelo CDS. Terá portanto, de enfrentar nova «zanga» socialista, visto que o PS quer «proibir» ao PSD o lançamento de uma candidatura que seja a de uma nova AD, apostada no combate ao bloco-central de que o PSD é parte.



Em troca do adiamento, Soares terá conseguido que a «reunião preparatória» de ontem fosse, já, uma «cimeira»

Em terceiro lugar porque a aceitação de uma «cimeira decisiva» com Mário Soares, antes do Conselho Nacional, teria piorado irremediavelmente a sua posição negociadora em Viseu: ele teria nesse caso, «ultrapassado» o seu próprio partido, furtando-se a uma discussão prévia que o partido deseja profundamente. Poderia talvez manter-se no Governo, mas anteciparia o seu apagamento como líder do PSD, comprometendo, assim, o seu próprio futuro político, em termos de participação activa nas batalhas do próximo ano.

O Conselho Nacional está preparado para «sovar» Mota Pinto, mas ao mesmo tempo sabe agora

que nele se joga não só a continuação do PSD no Governo, como o próprio futuro da coligação. Com efeito se as exigências dele resultantes fossem inaceitáveis por Mário Soares, é quase certo que este não estaria disposto a permanecer à frente de um executivo minoritário — mesmo que esse executivo se baseasse numa renegociação do apoio parlamentar do PSD.

Se Soares não quer protagonizar o bode expiatório tendo os sociais-democratas como parceiros, ainda menos o fará sozinho.

A hipótese surgida nas últimas horas, de que ao «derrube» de Mota Pinto em Viseu sucederia um Governo da mesma coligação, mas liderado por Almeida Santos e por Rui Machete, parece à luz do que está em jogo, desprovido de senso comum.

Se não concertarem posições para fazer durar a coligação — mesmo à custa de uma forte remodelação ministerial — é bem mais provável que os dois partidos prefiram abandonar o palco do poder, para se poderem dedicar a fundo às respectivas estratégias presidenciais.

Mas a saída do poder comporta excessivos riscos para ambos: as sondagens que têm inspirado as novas reflexões do PS e do PSD e que atribuem um progresso sensível às possibilidades dos sociais democratas, não consideram a variável «eianista» nos cenários eleitorais descritos. Elas referem, sim, a alteração de posicionamentos dentro do actual quadro partidário.

Nem o PS nem o PSD sabem quantos votos perderiam para a nova força política em formação,

num cenário eleitoral marcado por um «harakiri» da coligação, seguido de dissolução da Assembleia da República, e da formação de um Governo de iniciativa presidencial, que prepararia legislativas antecipadas.

Esta hesitação também marcará o Conselho Nacional dos sociais-democratas: a par da fúria anti-soarista tem-se esboçado, nos últimos semanas no PSD, uma vontade de «provocar os eianistas», um desejo de demonstrar que eles podem não passar de um «tigre de papel». Mas terão os «provocadores» condições para ganhar em Viseu, levando o partido ao desmantelamento do Governo e ao tudo-por-tudo fora do poder? Nada mais incerto.

Se esta semana foi a da contra-ofensiva do PS, o fim-de-semana de 24-25 será o da viabilidade ou da inviabilidade de um segundo fôlego para a dupla Soares-Mota Pinto, nas posições de primeiro e segundo personagens do Governo.

Curiosamente, a formação política que com mais optimismo encara o futuro, é neste momento a APU. Relegada para segundo plano a querela entre o MDP e o PCP, o Partido Comunista espera crescer eleitoralmente no próximo ano. Os comunistas podem ter atravessado um período em que perderam o apoio de grande número de intelectuais, mas estão certos de ter ganho o apoio do voto «tout venant», aquele que menos directamente depende da ideologia. E ele sabe, por saber de experiências feitas, que os intelectuais regressam ao seu convívio quando o voto desideologizado amplia a sua imagem...

Conviviais—4

Governo PS—PSD: o último acto

Beja Santos

Há um mês atrás, postulavam, confiadamente, os grupos de pressão governamentais: as dificuldades são imensas, mas é nítida a ausência de alternativa.

Abruptamente, conhecedores das sondagens que os habilitaram e saber que o primeiro partido eleitoral se chama agora PSD e que a eng.^a Maria de Lourdes Pintasilgo seria hoje eleita à primeira volta, avolumou-se a tempestade: que não se apoia o dr. Mário Soares a Belém, dizem de uma banda, que o PSD não pode continuar com um pé no Governo e outro fora, responder da outra. Há, aqui, uma contumácia cénica; e dezasseis meses de Executivo dão pasto para se tecer alguns considerandos e finalmente sobre a génese de equívocos malabares que desembocaram no ranger de dentes entre os parceiros da «maioria maior», talvez o somatório de todos os alarmes e desânimos que impendem sobre dois partidos formalmente comprometidos num grande acto patriótico que é estancar a sangria financeira e modernizar a economia.

Primeiro, quando o secretário-geral do PS ganhou as eleições e quando os eleitores do PSD certificaram este partido a constituir com o vencedor uma coligação, pressupunha-se um acordo de rigor, sacrifícios e abnegações mútuos, clarividência para dosear o restritivismo com o reacender da esperança na fecunda negociação política, económica e social. O acordo que se atingiu, ficou imediatamente escancarado: era o comprometimento de um poder sem projecto. Procurando maquiar o passado recente, a direcção do

PS preferiu assumir a governação às escuras, isto é, esquecer-se, tacticamente, o ónus da AD. A direcção socialista optou pela não-denúncia da política da AD, caucionando com o seu silêncio incapacidades, compadócios, leviandades. E mais: tornou-se no braço secular da AD, executando as medidas mais agressivas, tanto as impopulares como as antipopulares. O Governo dissolveu o PS, enquanto o PSD se manteve no percurso trilhado desde 1981: simultaneamente no Governo e na oposição. O PS tornou-se, publicamente, numa empresa de serviços: o PSD não precisou de subtilidades para se eleger sócio-gerente. Em suma, o maior desgaste recaiu não sobre os autores mas sobre os executivos.

Segundo, atribuiu-se, equivocadamente, à contracção financeira a obrigatoriedade de sustentar todos os empreendimentos de largo espectro, desde o fomento agrícola à descentralização. Com a acentuada perda de credibilidade e completamente insensível aos rudimentos da moral social, sedimentou-se a prática do Governo na rotina e no desapontamento, com desgastes terroristas sobre o sector público, folhetins presidencialistas, a obscuridade da Lei de Segurança Interna, o constad d'acord, etc., etc., enfim, ficou-se pela espuma das relações públicas e pela inflexão triunfal para a direita cristalina.

O toque de fragilidade nevrálgica assomou quando os principais responsáveis desafiaram a névoa das alternativas. Com efeito, a governação da AD tinha uma alternativa, a governação PS/PSD não tem alternativa, dizia-se até este melodrama dos comunicados entre as estruturas

federativas PS e PSD. Esqueceram-se de várias coisas: um regime democrático onde não há alternativa é um regime exangue; o dr. Mário Soares não podia governar eternamente sob a chantagem da insularidade (votos amaralistas e motapintistas); o CDS não tem outra vocação liberal que não seja as intervenções extra-CDS do dr. Lucas Pires; um Governo não pode esgotar-se na aplicação fastidiosa de fórmulas técnicas no combate à crise, isto quando o dr. Mário Soares deixou colar cartazes com o seu rosto e com a legenda: «Comigo, convosco, para combater a crise», isto é, ninguém se propagandeia político e distribui, e só, receituários contabilísticos, entre dois jantares no estrangeiro.

Terceiro, a guerrilha de comunicados preludia o estertor. Mesmo supondo que tudo se retoca pela renegociação de acordos, com as consabidas reformas estruturais (liberalização dos despedimentos, entrega das pastas suculentas do sector público aos amigalhões, encerramento sem critério num esquema de segurança social de empresas inviáveis, etc.), mesmo que os dois principais actores venham apertar a mão em público, ficará sempre a dúvida: porque se falhou durante dezasseis meses, porque se está pior hoje que em Junho de 83? Não restam dúvidas que ninguém se importará, neste caso, de repor alguma verdade dos factos: a consciência moral do PS, Salgado Zenha, votou-se ao ostracismo para não o suporem misturado na bandalha; ao contrário do que apregoou o sr. António Campos, o PS é um falso representante de estabilidade, pois está dividido entre um grupo de apoio

cesarista ao projecto de «Mário Soares a Belém» e outro grupo que privilegia o silêncio, mais ou menos discreto, para não pactuar com a eleição dum Presidente da República forçado ao exílio, quando, em 1986, viesse a deflagrar a grande crise: o PSD não está desorientado, está inchado por se poder vir a consagrar como o curioso líder de um Governo tripartido, e, por ora, ameaça negociar as presidenciais para mais facilmente compor o cadáver da coligação. A mistificação será premiada com a queda total de Mota Pinto, dentro de uma semana, em Viseu. O dr. Mário Soares está fadado a ser o novo Pinto Balsemão. E Belém deixou de ser uma probabilidade. Enfim, andaimos do cenário.

Quarto, que vai acontecer: coligação recauchutada, Governo minoritário? Curiosamente, os «timings» estão certos e trocados: era útil ao PS abandonar já o Governo pois ainda falta um ano para as presidenciais; o quinto partido, havendo dissolução da Assembleia da República, como parece ser desejável por parte do PSD, demorará a surgir efeito e então arrastará o vexame de liderar este Governo ao contrário: quem criou o mártir e o réu exercerá tal papel, no auge eleitoral, autárquico e presidencial.

Paradoxo dos paradoxos, Eanes, o órgão de soberania cobinado e troçado pelos dois partidos da coligação, vai ser chamado a proferir sentença. A história, essa incongruente, recomenda onde os dois partidos obreiros da revisão constitucional a deixaram: no último acto renascem todos os actores do primeiro. Assim é no teatro, assim é na política.

ponto a ponto

■ Os jornalistas Vicente Jorge Silva e Jorge Wamans foram nomeados director-adjunto e subdirector do semanário «Expresso». As duas nomeações, por proposta do director, José António Saraiva, tiveram a aprovação do conselho de redacção daquele semanário. Vicente Jorge Silva entrou para o «Expresso» em 1974, foi já chefe de redacção do semanário e actualmente coordenava, desde 1981, o suplemento «Revista».

■ O oficial da Marinha Mercante soviética que há oito dias pediu asilo político em Portugal encontra-se alojado, a seu pedido, no Serviço de Estrangeiros do Ministério de Administração Interna. Aquele serviço enviou já ao respectivo ministro o processo respeitante à solicitação de asilo político de Alexandre Usmanov.

■ Uma delegação do Movimento Democrático de Mulheres, composta por elementos do distrito de Lisboa, trabalhadoras da «Luvex» e um elemento da direcção dos textos deslocaram-se há três dias à Comissão para a Igualdade de Trabalho e Emprego, pediram também audiência ao ministro do Trabalho sem obterem qualquer resposta e vão em breve à Assembleia da República para denunciar a situação na «Luvex».

■ Mudança estrutural na indústria europeia e implicações para Portugal são tema para um seminário que vai decorrer em Lisboa de 21 a 23 de Novembro organizado pelo Banco de Fomento Nacional. A iniciativa, integrada no âmbito do programa de cooperação e assistência técnica da OCDE, conta com a participação de investigadores da Universidade britânica de Sussex, Geoffrey Shepperd, João Rendeiro, Margareth Sharp e Daniel Jones e é dirigido especialmente aos quadros técnicos da administração pública, escolas universitárias, empresas e jornalistas da área económica.

■ O director do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane, Aquino de Bragança, foi recebido ontem pelo Presidente da República. Foi recebido, também em audiências particulares, pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, e pelo ministro de Estado, Almeida Santos. «As conversas que tive, a título estritamente privado, com Ramalho Eanes, Jaime Gama e Almeida Santos, incidiram sobre as relações entre Portugal e Moçambique e a situação na África Austral» — disse Aquino de Bragança.

■ Treinar, avaliar e melhorar a prontidão operacional das Forças Armadas da Madeira é o objectivo do exercício «Furão 84» que vai decorrer segunda e terça-feira na região. O exercício, que se realiza numa área não revelada pelo Quartel-General da Zona Militar da Madeira (ZMM), envolve meios aéreos, navais e terrestres.

■ O chefe do Estado-Maior do Exército, general Salazar Braga, presidiu ontem à cerimónia de abertura do ano lectivo do Instituto dos Pupilos do Exército, que vai principiar com 690 alunos. Foram admitidos este ano no Instituto 69 alunos para o ciclo preparatório e 75 para os cursos superiores.

■ Cinquenta povoações espalhadas pelo País vão «estar debaixo de fogo» a partir de 21 de Novembro — são os exercícios de fogos reais realizados por várias unidades militares. Os exercícios, que se prolongam até ao dia 22, decorrem sobretudo no Norte do País, e nas regiões de Setúbal e de Lisboa. São realizados pelos regimentos de artilharia da Serra do Pilar, infantaria do Porto e artilharia de costa.

Li Xiannian em Lisboa para visita oficial

Perspectivas de cooperação bilateral entre Portugal e a República da China

O Presidente da República manifestou-se ontem favorável a «uma maior aproximação entre a China e a Europa». Esta circunstância, segundo Eanes, «induziria efeitos altamente benéficos no presente contexto mundial».

O Chefe do Estado discursava no banquete que ofereceu em honra do presidente da República Popular da China, Li Xiannian, que se encontra em Lisboa para uma visita oficial de quatro dias ao nosso país. Para justificar a sua afirmação, Ramalho Eanes referiu-se à «complementaridade existente» entre as estruturas produtivas da China e da Europa e à possibilidade de uma maior «intervenção própria de cada um destes espaços, face a uma situação internacional crescentemente bipolarizada e na qual, dia a dia, as tensões se agravam».

Em resposta ao discurso de Eanes, Xiannian afirmou que o «governo e o povo chineses estão prontos a juntar-se aos portugueses e a todos os países e povos que amam a Paz e assumem a justiça num esforço incansável por isto». Acrescentou que o «combate contra o hegemónio e a preservação da paz mundial» constituem os princípios gerais pelos quais se rege a política externa do seu país.

Somos pelos cinco princípios — respeito mútuo à soberania e integridade territoriais, não agressão recíproca, não ingerência nos assuntos internos um do outro, igualdade e benefício mútuo, coexistência pacífica — que devem ser as normas básicas para regerem as relações de Estado a Estado», declarou Li Xiannian.

A visita

Ontem à tarde, os dois presidentes haviam-se encontrado, em Belém, para um encontro de cerca de uma hora. Antes da audiência, Eanes e Xiannian procederam a uma troca de lembranças: o Chefe do Estado português ofereceu ao presidente chinês uma caravela quinhentista (miniatura em prata), e Li Xiannian ofereceu a Eanes uma tapeçaria com a grande muralha da China representada.

Após o encontro entre os dois chefes de Estado, o presidente da República Popular da China visitou o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, onde apreciou a tecnologia portuguesa de barragens hidráulicas — um sector que interessa ao seu país em termos de cooperação bilateral.

Neste momento existem algumas possibilidades de cooperação entre Lisboa e Pequim em muitas áreas, embora se esteja ainda «numa fase exploratória», e não haja ainda, por parte da China, «uma definição clara de intenções». Durante a visita de meia hora, Xiannian e sua mulher demoraram-se na secção de barragens e informaram-se sobre a actividade do LNEC através de uma exposição documental expressamente montada para o efeito, com fotografias e maquetas.

Mensagem

Logo após a sua chegada a Lisboa, Li Xiannian dirigiu uma mensagem ao povo português, através da qual o chefe do Estado chinês sublinhou que o estreitamento «dos laços de cooperação amistosa sino-portuguesa corresponde aos interesses essenciais e ao desejo comum dos seus povos e beneficia a paz e a estabilidade do mundo».

«Desejo transmitir ao povo português as afectuosas saudações e os melhores votos do povo chinês», acrescentou Xiannian, para concluir que deseja, — e nisso tem esperança — que a cooperação entre os dois países conheça a partir de agora, e depois da sua visita, «um novo avanço».

Os negócios estrangeiros

Os ministros dos Negócios Estrangeiros de Portugal e da China não discutiram ontem a questão de Macau por considerarem não ser esse «o momento oportuno». No encontro efectuado entre Jaime Gama e Wu Xueqian foram discutidas, sim, as relações leste-oeste, as relações China-Estados Unidos, relações China-URSS e a situação africana. A Europa ocidental e as consequências do desarmamento foram também outros temas abordados pelos dois responsáveis da política externa de Portugal e da China.

Visita à CML

Esta manhã o presidente Xiannian visitou a Câmara Municipal de Lisboa onde lhe foram entregues pelo presidente do município as chaves da cidade. À hora do fecho desta edição o chefe do Estado chinês e a sua comitiva deverão estar de visita ao castelo de S. Jorge de onde seguirão para o almoço em Sintra com o Primeiro-Ministro. Após o almoço Xiannian visitará o Palácio Nacional da Pena. À noite o presidente da República Popular da China retribui ao presidente Eanes o banquete de honra na embaixada do seu país em Lisboa.

Amanhã, Xiannian estará de visita ao Porto.

António Arnaut:

Governo de salvação nacional ou dissolução da Assembleia

António Arnaut, militante socialista e antigo ministro dos Assuntos Sociais disse ontem, em Coimbra, que «o actual governo nunca teve um projecto e uma coerência próprios».

Em declarações à ANOP, António Arnaut salientou que «estando provado o fracasso total da actual coligação, ou se constitui um verdadeiro governo de salvação nacional e uma espécie de armistício partidário ou terá de ser dissolvida a Assembleia da República».

«A coligação — continuou o antigo ministro socialista — era teoricamente desejável, mas revelou-se praticamente insustentável porque, em vez de governar acima dos interesses partidários, com sentido de responsabilidade, deixou-se enredar no negociado e no compadrio em que, cada partido procura abocanhar o maior número de cargos para os seus apaniguados».

Referindo-se à carta aberta que escreveu a Mário Soares e recentemente publicada pelo «DL» Arnaut disse que com ela pretendia manifestar «uma profunda preocupação, como português e socialista, face ao agravamento intolerável da situação política, económica e social».

Jaime Ramos manter é preciso

Jaime Ramos, deputado do PSD e presidente da Câmara Municipal de Miranda do Corvo, disse ontem que «a coligação PS/PSD é actualmente tão fundamental quanto o era no início».

Em declarações à ANOP salientou que «a sua manutenção justifica-se cada vez mais pela actual situação política e eco-



nómica do país».

Depois de sublinhar que «seria de uma irresponsabilidade total acabar com a coligação» acrescentou que «no entanto, ela não se pode esgotar num governo sem projecto e como forma exclusiva de manutenção do poder».

Ilhas aproximam-se

Temas relativos ao próximo Conselho Nacional do PSD serão abordados por Mota Amaral e João Jardim no encontro que os dois dirigentes manterão

segunda e terça-feira em Ponta Delgada — admitiu à Anop o dirigente açoriano.

Embora Mota Amaral não tenha adiantado pormenores, os dirigentes sociais-democratas dos Açores e da Madeira têm multiplicado nas últimas semanas declarações no sentido da unidade entre as duas regiões.

Mota Amaral, que confirmou já a sua participação no próximo Conselho Nacional do PSD, não compareceu à reunião desse órgão realizada no princípio de Outubro devido à realização de eleições regionais nos Açores.

Para as presidenciais de 85

Maria de Lourdes Pintasilgo favorável ao voto dos emigrantes

Maria de Lourdes Pintasilgo defendeu, em entrevista ao «Jornal do Fundão», uma «atitude de intervenção» dos emigrantes nas eleições presidenciais de 1985, «apoiando as candidaturas que correspondam aos seus interesses e representem dignamente a Nação».

A entrevistada entende que os portugueses «que são obrigados a ir lá para fora buscar as suas mãos» (na expressão da escritora Teolinda Gersão), têm o direito de estar ligados ao seu país, pelos vínculos que mais significado têm. «Na medida em que o Presidente da República é o garante da unidade do Estado (e neste se insere uma «diáspora portuguesa» como frequentemente tem afirmado Ramalho Eanes), os portugueses emigrados deveriam ter o direito de participar nas eleições presidenciais», acrescentou a antiga Primeiro-Ministro.

Maria de Lourdes Pintasilgo considerou depois «extremamente preocupante» que os emigrantes regressados tenham como «única solução» para as suas economias o depósito a prazo apesar do juro real negativo que essa forma de investimento proporciona em Portugal. Lourdes Pintasilgo julga pois necessário criar «urgentemente» projectos tecnicamente apoiados e financeiramente enquadrados numa



política de desenvolvimento, que tenha em linha de conta as necessidades das regiões a que vão regressar. Nesse sentido, a entre-

vista atribuiu ao Estado um «papel fundamental e decisivo», considerando-o «um imperativo moral e político».

Regionalização

Nesta entrevista, Maria de Lourdes Pintasilgo defende também a regionalização, através de uma nova lei de finanças locais «que procure evitar que os governos descentralizem a crise para o poder local». Em seu entender a institucionalização da regionalização é «de forma inequívoca, uma condição para o desenvolvimento e da democracia», por permitir e exigir «uma maior participação dos cidadãos nas decisões e um maior controlo do exercício do poder político».

Tomando como exemplo a Beira Interior, cujas necessidades se situam a níveis de «sobrevivência das pessoas», Maria de Lourdes Pintasilgo sublinhou a «dificuldade de acesso aos cuidados de saúde» para uma população de densidade de 35 mil habitantes por quilómetro quadrado, a mortalidade infantil, os alojamentos sem água canalizada no distrito da Guarda (48 por cento), sem casa de banho (67 por cento), sem energia eléctrica (16 por cento) e, no distrito de Castelo Branco, os valores são «quase idênticos».

«Sem o esteio de uma regionalização forte e de uma política de desenvolvimento regional clara estamos a comprometer não só o progresso da Beira Interior, mas também, o desenvolvimento do País», concluiu a antiga Primeiro-Ministro.

Timor-Leste

CPDPM critica Estado português

A Comissão Portuguesa para os Direitos do Povo Maubere, que funciona no âmbito do CIDAC, afirmou ontem em comunicado que «vários indícios apontam para um próximo recomeço da segunda fase de contactos Portugal-Indonésia, mas salienta que quaisquer contactos com aquele país só deveriam ter lugar no caso de definição pormenorizada e coerente de uma estratégia política da diplomacia portuguesa quanto ao caso de Timor-Leste».

Esta organização considera

que «o Estado português não respeita nem as normas constitucionais, nem as regras internacionais, nem os seus próprios compromissos» quanto ao caso de Timor.

A posição da Comissão foi motivada pelo encontro recente que o Presidente da República teve com o Primeiro-Ministro e com o ministro dos Negócios Estrangeiros para definir as acções a desenvolver, sem que tenham sido dados pormenores dessas mesmas acções.

Jardim escreve «A Tolice»

«A ditadura vem aí!»

Alberto João Jardim afirmou ontem no Funchal que «uma ditadura de direita ou de esquerda vem a caminho».

O presidente do Governo Regional da Madeira fez a afirmação num artigo intitulado «A Tolice» publicado na edição de ontem do «Jornal da Madeira».

Em análise à vida política portuguesa, João Jardim considera que o regime democrático «não resistirá ao desespero das legiões de desempregados, de famintos e de revoltados» se não se «desmitificar e denunciar a tolice que está instalada na vida pública portuguesa».

«Portugal chega ao final de 84 mergulhado numa das maiores crises da sua gloriosa história de oito séculos, talvez a mais grave depois da ocupação filipinas», escreve Jardim.

Isto acontece — refere — porque a população portuguesa, na sua maioria, deixou-se arrastar e acreditou em mensagens tolas.

«Embalou no mito do «socialismo», não sabendo distingui-lo de socialização» e «pensou que nacionalizando os pilares da economia e entregando tais estruturas a gente que se dizia «amiga do povo» o rendimento nacional iria aumentar e seria distribuído com mais justiça» — observa.

Esgrima com floretes de ponta boleada

Amor, desamor e mal-dizer na correspondência entre as Comissões Permanentes do PS e PSD

O PS acusou o PSD de «denegrecimento intencional e sistemático» de um potencial candidato às eleições presidenciais (Mário Soares), num acto que classificou de «ofensivo do acordo e lesivo da coligação». Esta acusação consta da carta enviada pela Comissão Permanente do PS aos seus parceiros da coligação e que o semanário «Expresso» publica na sua edição de hoje, a par da carta de resposta dos sociais-democratas aos socialistas.

O PS justifica o pedido de realização urgente de uma cimeira dos dois partidos com as múltiplas declarações peremptórias de comissões distritais, deputados e personalidades políticas do PSD nas últimas semanas e que põem «objetivamente em causa o Governo e nele, em particular, o vice-primeiro-ministro e o Primeiro-Ministro».

Sublinha que o «mais preocupante fermento de oposição à coligação se situa nas flutuações de sensibilidade do PSD».

Justifica esta afirmação com a constatação de que as oposições se encontram em situação difícil: «Contestação de liderança no CDS, divergências táticas na APU, com o puxão de orelhas público do PC ao MDP, desencontro crescente e divisões do campo eanista».

«A Comissão Permanente do PS continua a considerar a coligação como a mais adequada das soluções políticas para a resolução dos grandes problemas nacionais e que não há, no actual quadro parlamentar, alternativa melhor para a coligação PS-PSD» — sublinham os socialistas.

O desaparecimento da coligação «ou mesmo uma derrapagem grave, criaria um vazio político propício a todas as aventuras e geradora dos maiores entraves e dificuldades nos planos da recuperação financeira e

económica» — acrescenta a Comissão Permanente do PS.

Sublinhando que o PS não pode continuar a ser, como até agora, «o único referencial de estabilidade para o País», os socialistas assinalam a proximidade

choca o PS — e não é aceitável nos termos do acordo celebrado — é que dirigentes regionais e nacionais do PSD se definam quanto às presidenciais exclusivamente pela negativa, criando espaço para candidatos contrários à coligação e numa lógica da reconstrução de um bloco não civilista de direita» — acentuam os socialistas na carta.

Consideram que não está em causa a apresentação de uma candidatura presidencial do PSD, mas sim o «denegrecimento sistemático de um potencial candidato, cuja candidatura não foi sequer formalizada e cuja abordagem não chegou sequer a ter lugar ao nível dos mecanismos de consulta entre o PS e o PSD, previstos no acordo constitutivo da coligação».

«Potencial candidato que é secretário-geral do principal partido da coligação e Primeiro-Ministro e cujo denegrecimento intencional e sistemático é um acto ofensivo do acordo e lesivo da coligação» — acentuam.

«Está sobretudo em causa a campanha política em que se antecipa o lançamento de candidaturas presidenciais em franca hostilidade aos objetivos reformistas e ao espírito civilista que presidiu à última revisão constitucional», afirma a Comissão Permanente do PS.

«Só na transparência e na lealdade recíproca é possível restituir à coligação credibilidade, digação e numa lógica da reconstrução de um bloco não civilista de direita» — acentuam os socialistas na carta.

namismo e eficácia, por forma a dar aos portugueses confiança no futuro próximo. A situação é muito difícil mas tem saída. Assim posamos continuar a entendermos sem mesquinhez partidária e a bem de Portugal» — conclui a

posições manifestadas pelos militantes não se podem confundir com as que são tomadas pelos órgãos dirigentes do partido.

«Talvez por isso mesmo, o País tem assistido há já muitos meses, e de forma extemporânea, a manifestações de dirigentes do PS até mesmo membros do executivo (...) quanto à questão presidencial, em termos que não se conformam com os mecanismos de tomada de decisão previstos no acordo» — acrescenta a carta do PSD, entregue ontem, sexta-feira, na sede do PS, e da qual Mário Soares só teve conhecimento durante a reunião do gabinete governamental restrito.

Essas manifestações, vindas do PS, poderiam ser entendidas, do ponto de vista dos militantes do PSD, «com uma atitude à revelia e condicionadora da deliberação que deveria ser tomada em sedes e momentos próprios» — adiantam os sociais-democratas.

«É assim, natural que órgãos e personalidades do mesmo nível hierárquico do PSD sejam levados a responder a tais tomadas de posição» — justifica o PSD na sua carta.

Acentua que a posição do PSD foi sempre «claramente respeitadora» das decisões da coligação em todos os órgãos de soberania onde ela se expressa, referindo especificamente o caso do Parlamento, para acentuar que os «escassíssimos» deputados que não votaram em consonância com essas decisões foram alvo de «severas medidas disciplinares».

«Aliás, e neste âmbito, e como os caros amigos sabem, a violação mais significativa da solidariedade da coligação foi obtida aquando da apresentação autónoma por vós, de um projecto de «despenalização do aborto», e a principal oposição política expressa na votação global da Lei de Segurança Interna partiu de destacados dirigentes do PS» — acusa o PSD.

«Para nós, a coligação não se confirma só ao Governo. Deste modo é legítimo para nós per-

guntar donde parte afinal o mais preocupante fermento de oposição à coligação» — acentua.

«O PSD está na coligação crente que a sua maioria — superior a dois terços dos deputados da AR — tem virtualidades, vontade e capacidade suficientes para desbloquear os principais impasses institucionais e organizativos que impedem a modernização e o progresso da sociedade portuguesa» — acrescenta a carta do PSD.

O PSD diz compreender a «delicadeza e dificuldade política» que a implementação de algumas dessas medidas representam e acentua que sempre defendeu a sua concretização nas sedes próprias.

«Por isso, com surpresa, e alguma perplexidade, constatamos declarações de personalidades relevantes do PS, inclusive nas suas jornadas parlamentares, de bjecções colocadas a diplomas fundamentais do Governo» — acrescentam os sociais-democratas.

Continuando a responder a acusações do PS, o PSD diz não acreditar que o executivo não tenha força suficiente «para impor as suas decisões perante quem quer que seja, nomeadamente gestores públicos e dirigentes do aparelho administrativo do Estado».

«Estamos crentes de que o modelo de sociedade que ambos os partidos da coligação defende não se identifica com as estruturas totalitárias herdadas do «11 de Março», o PSD privilegia a estabilidade para o progresso e não deve pactuar com o conformismo e imobilismo que se desenvolvem na estagnação» — declaram os sociais-democratas.

«Caros amigos, verificamos assim existirem problemas e questões a resolver para que a coligação possa funcionar com a eficácia que todos desejamos, pelo que nos encontramos abertos ao diálogo franco, aberto e leal, do qual possa resultar o reforço da democracia e a resolução dos problemas nacionais» — conclui a carta do PSD.

«Soares só teve conhecimento da resposta social-democrata durante a reunião de ontem do gabinete restrito»

carta da Comissão Permanente dos Socialistas.

PSD rebate acusações

Na carta de resposta o PSD rebate as acusações dos socialistas mas não faz qualquer referência às presidenciais e ao «denegrecimento» da imagem de Mário Soares.

Na carta, o PSD interroga-se sobre onde está verdadeiramente o «mais preocupante fermento de oposição à coligação».

Para os sociais-democratas, que afirmam aceitar a «Cimeira», a carta dos socialistas reflecte «preocupações próprias do PS, sem dúvida legítimas, mas que se revelam a outra luz quando examinadas do ponto de vista do PSD».

Sublinham os sociais-democratas que o partido «está» e sempre esteve, por inteiro na coligação e, por conseguinte, nos órgãos de soberania onde ela se projecta.

Começa por esclarecer que o PSD, tal como PS é um partido «eminenteiramente democrático» onde a liberdade de expressão tem foros de cidadania» e que as

Rui Machete em Paços de Ferreira:

Candidato próprio social-democrata ou comum aos parceiros coligados

O ministro da Justiça, Rui Machete, defendeu ontem em Paços Ferreira, Porto, a renovação do espírito da coligação governamental PS/PSD.

Rui Machete encontrava-se em Paços Ferreira para inaugurar dois cursos de formação profissional para reclusos da Cadeia Central do Norte, na Serôa, e a era acompanhado pelo ministro do Trabalho, Amândio de Azevedo, e pelo secretário de Estado do Emprego e Formação Profissional, Rui Amaral.

Em declarações antes do início da visita ao estabelecimento prisional, Rui Machete referiu-se às eleições presidenciais de 1985, à eventual candidatura presidencial de Mário Soares e aos últimos acontecimentos na coligação governamental, designadamente ao pedido de uma cimeira apresentado pelo PS.

O ministro afirmou que «o PSD quer escolher e apoiar um candidato próprio embora não exclua



a hipótese de apoiar um candidato comum ao PS e PSD».

Neste caso, «terá no entanto de ser uma personalidade equidistante dos dois partidos» — acrescentou, referindo que o acordo de Governo PS/PSD prevê a discussão de interesses comuns e decisões bilaterais.

Sobre a eventual candidatura presidencial do secretário-geral do PS, afirmou: «Se o PS apresenta como seu candidato Mário Soares e mais ninguém, a coligação corre efectivamente o risco de se desfazer».

Considerou ainda que a questão das eleições presidenciais não é prioritária. «O País atravessa uma situação económica muito difícil e a questão fundamental é tentar resolver estas dificuldades» — afirmou.

O ministro referiu que o pedido de uma cimeira apresentado pelo PS «mereceu a pronta anuência» do PSD e admitiu que a reunião se realize antes do Conselho Nacional dos Sociais-Democratas marcado para 24 e 25 de Novembro, em Viseu.

Rui Machete, que admitiu que «a coligação atravessa um período de crise», considerou contudo que «os problemas nacionais são suficientemente graves

e importantes para que nos debrecemos especialmente sobre eles, procurando as soluções possíveis».

O ministro da Justiça afirmou que «o mais importante é que a coligação possa garantir, de maneira clara, a concretização de medidas anunciadas como necessárias e que têm vindo a ser adiadas».

«Modificações institucionais que permitam uma gestão mais eficaz das empresas públicas e a reestruturação da máquina administrativa com a eliminação e redução de despesas incorpáveis e inúteis» foram duas medidas referidas por Rui Machete como «indispensáveis, embora impliquem custos sociais».

«O secretário-geral do PCP disse um dia que Portugal nunca teria uma democracia estabilizada, mas a coligação PS/PSD ainda está em condições de provar o contrário» — afirmou Rui Machete.

O PSD estaria «humilhado»

Silva Marques: parece inevitável o afastamento de Mota Pinto

O deputado social-democrata Silva Marques afirmou ontem que o seu partido sofre «a maior crise desde a sua fundação» e que lhe «parece ser inevitável o afastamento de Mota Pinto».

Em entrevista ao vespertino «A Tarde», Silva Marques acha que o seu partido está numa «situação de humilhação», que «os resultados da liderança de Mota Pinto tem sido muito negativos», embora não ponha de lado a hipótese de que «ele revele nesta ponta final recursos insuspeitos».

Em contrapartida, elogia sociais-democratas, que pela sua «seriedade e competência», manifestam «capacidade de ver com rigor as situações e os caminhos a seguir»: João Salgueiro, Rogério Martins, Rui Machete, Tomaz Oliveira Dias, Miguel Veiga, Vaz Portugal, Viana Baptista, Meneres Pimentel, Nascimento Rodrigues, Pinto

Balsemão, Fernando Amaral, António Capucho, Pedro Pinto, entre outros.

Para Silva Marques o próximo conselho nacional do PSD «não resolve este problema, mas pode ser a ante-câmara da sua resolução», que endossa para um congresso extraordinário.

Embora considere indiferente um candidato presidencial civil ou militar, entende que «nas actuais condições» seria preferível um militar, como Firmino Miguel, Lemos Ferreira, Loureiro dos Santos e Rocha Vieira.

Silva Marques acusa o Governo de dar apenas «simulacros de resposta» à crise e de publicar leis «já prontas e que só não tinham saído devido à existência do Conselho da Revolução».

Interroga-se, ainda, sobre se a actual coligação terá ainda capacidade para gerar «um executivo à altura da situação».

Lá longe da capital

Jornalistas estrangeiros à descoberta de um País chamado Beira Interior

● *Três dias em ritmo vivo para ver Cargaleiro, a Egitânia e a memória do paleolítico do vale do Tejo e ouvir falar dos hospitais, do regadio e da crise dos têxteis na Covilhã*

Havia uma barragem na Beira raiana pronta há muito tempo, água armazenada, mas inoperacional porque tardavam a ser aprovados os planos de abastecimento à vila vizinha e as autorizações para as obras avançarem. A mais complicada dessas autorizações dependia da Junta Autónoma das Estradas, pois a conduta principal passa largos quilómetros à beira da estrada nacional e sem autorização da Junta não se pode tocar nas estradas.

Carta vai e carta vem, a população a exigir água nas casas e os autarcas desesperados... até que um dia decidiram:

«Vão já as máquinas para a estrada e depois de vê!».

Assim se fez. A obra avançou, mas a notícia chegou a Lisboa e, com a presteza que não revelara quando lhe foi pedida a autorização, a Junta das Estradas embargou-a. Só que a desesperança era mais forte que o legalismo e o presidente da câmara fez ouvidos de mercador, completando as condutas, ligando a água à vila e tranquilizando a população.

Mas a Junta Autónoma das Estradas não compreendeu isso, tão rapidamente como devia, e meteu a autarquia em tribunal por violar o embargo. Para tribunal se foi e só a 10 minutos do início da audiência o bom-senso iluminou as mentes dos agentes do poder central que desistiram da causa, à tangente.

Hoje a vila raiana tem água em suas casas, a estrada está ok e por lá circularam enquanto ouviam a história, os jornalistas estrangeiros acreditados em Portugal, convidados a passar um fim-de-semana na Beira Interior.

Esta e outras histórias do Portugal profundo foram recolhidas ao vivo por 18 jornalistas estrangeiros a residir em Portugal e os correspondentes portugueses da Imprensa internacional. O



Uma americana da «Times» e um soviético da TASS entendem-se em português. Lá atrás, um chinês da Nova China não perde um pormenor da viagem

convite à Associação da Imprensa estrangeira foi formulado por António Paulouro, director do Jornal do Fundão, que mantém uma apetência cada vez mais forte de mostrar a sua Beira natal ao grande mundo ou à nossa pequena quinta lisboeta. Ao longo dos anos, por lá têm passado, por iniciativa do «Jornal do Fundão», artistas, intelectuais, políticos e técnicos de desenvolvimento. Desta vez foram os responsáveis pelo que se diz de Portugal em jornais tão importantes como o «Monde», «EL Pais», «Time», «Guardian», «Excelsior» (do México, o maior jornal da América Latina) e «Tempo» (de Moçambique) ou mesmo no conjunto da Imprensa de alguns países, pois integraram-se na visita os correspondentes e jornalistas residentes das agências France Press (França), Ansa (Itália), Tass (União Soviética), Nova China, e da Rádio Nacional de Espanha.

Aquela história do autarca não excessivamente preocupado com os legalismos burocráticos da Junta Autónoma das Estradas deliciou-os. Mas outras histórias menos agradáveis lhes foram contadas, mesmo sob reservas de que não pretendiam os homens da Beira fazer queixinhas a

estrangeiros sobre os atrasos do nosso desenvolvimento e as peias à nossa democracia.

Por exemplo a questão dos hospitais e da saúde; para os estrangeiros ela tem apenas o mérito de ajudar a conhecer melhor o país onde recolham informação para os seus jornais; mas foi registada, avidamente, pelos poucos jornalistas portugueses que os acompanhavam entre eles um redactor do «Diário de Lisboa».

É o caso de o Hospital de Castelo Branco, modeladamente equipado em máquinas e laboratórios e instalado num edifício que custou milhões mas não presta às populações da região os serviços de qualidade para que foi construído porque o Ministério não abre os concursos para admissão de médicos e pessoal paramédico, quando não bloqueia, mesmo, os desejos de alguns clínicos que manifestam vontade de regressar à sua terra, para trabalhar.

Dos 17 lugares do quadro de chefes de clínica estão preenchidos quatro; dos 43 assistentes hospitalares previstos para o hospital distrital de Castelo Branco só 21 se encontram a trabalhar, tal como 18 médicos do quadro de internato, que

prevê 25. Isto para não falar do pessoal paramédico largamente deficitário relativamente às necessidades do hospital e às vagas do quadro.

«A saúde está toda em crise económica e talvez à beira da rotura financeira» — disse-nos um alto responsável do hospital. Mas os sacrifícios maiores são ainda os pedidos à população do interior do país, como é o caso da de Castelo Branco.

Corte de estradas: a última barreira

Mas há mais, sobre hospitais, digno de ser contado e repetido aos cidadãos apenas atentos, ao que se passa no país que vai de Belém a S. Bento com passagem pela Quinta da Marinha, em Cascais. Por exemplo a situação explosiva que está a ser preparada no Fundão e nas Minas da Panasqueira.

O Hospital das Minas da Panasqueira, unidade vital para acorrer aos acidentes dos quase mil e quinhentos mineiros da região, corre sérios riscos de encerrar. O do Fundão já perdeu a sua maternidade, que está encerrada, há vários meses, e agora está a sofrer ameaças de se transformar em simples posto de tratamento.

«Nós por cá somos pacíficos e entendemos que os problemas se resolvem pelo diálogo e a discussão aberta» — comentou António Paulouro, ao expor à vintena de jornalistas, nacionais e estrangeiros, o que se passa com os hospitais do Fundão e das Minas da Panasqueira. «Mas o hospital, esse não o fecham, ainda que tenhamos de recorrer aos métodos que noutras partes do país se tornaram moda e parecem ser os únicos que o Poder Central entende. Se quiserem fechar o hospital, podem con-



António Paulouro, director do «Jornal do Fundão» (à direita) serve de cicerone a Peter Collins da «Time» e da «Life», na visita à casa de Belmonte onde nasceu Pedro Álvares Cabral

tar que nós fechamos também a linha de caminho-de-ferro e cortamos as estradas para o impiedr».

A ideia de levar os jornalistas estrangeiros à Beira partiu, como dissemos, do «Jornal do Fundão». Algumas câmaras municipais nomeadamente as de Vila Velha de Ródão, Fundão, Covilhã, Idanha-a-Nova e o próprio governador civil da Guarda apoiaram-na financeiramente. Só assim eles puderam contactar, de perto, realidades tão distintas como a cultura que a Beira teima em vivificar e as dificuldades que no dia-a-dia se deparam a uma população que mede as estradas ao metro e não ao quilómetro tão mais elas são e tão morosas e desgastantes tornam os transportes.

Viram assim uma exposição riquíssima de Manuel Cargaleiro — pintura, cerâmica, tapeçaria, óleos e guaches — no Centro de Cultura de Vila Velha de Ródão (uma jóia inaugurada há pouco tempo pelo Presidente da República), penetraram nos segredos das gentes e dos seus antepassados da Beira, no Museu de Castelo Branco (onde peças do paleolítico, descobertas no vale do Tejo, constituem atracção inesquecível) e ouviram, também, falar dos sonhos de desenvolvimento que o regadio vai concretizar na Cova da Beira.

E para que ficassem bem cientes de que o país profundo é uma parte integrante do todo do país, ninguém lhes escondeu a crise. Eles puderam verificar os reflexos que a crise na indústria têxtil e de lanifícios provoca na verificação da Câmara da Covilhã. A guerra latente entre empresários e trabalhadores provoca chispas

na câmara, os dramas dos salários em atraso e dos despedimentos são discutidos em câmara de eco que provoca faíscas até aos olhos dos mais desatentos. Há um grande número de empresas à beira da falência, enquanto outras procuram acumular capitais, que apoiem a modernização e aumentem a produtividade e a capacidade de concorrência com a indústria nortenha, à custa de cadências infernais, salários baixos e horas extraordinárias em quantidades demolidoras.

A descapitalização sistemática a que procederam os industriais de lanifícios nos anos 40, 50 e 60, com transferências de lucros para a capital e para outras indústrias, está agora a produzir consequências devastadoras em toda a cidade pois dos 25 mil habitantes da Covilhã cerca de um terço são operários têxteis.

Foram três dias sempre a correr e com um programa agitado, mas extremamente enriquecido. A hospitalidade e a sinceridade da gente da Beira compensou o desgaste. O resto, para que a ida da Associação da Imprensa Estrangeira à Beira se tornasse memorável fê-lo o convívio estreito entre todos, desde os distantes chineses, pouco faladores mas atentos a tudo, até aos americanos e soviéticos que se entendem em português e, principalmente, aos que, por serem de França e de Espanha compreendem mais rapidamente, se é que não tomam quase que como seus também, as alegrias e os dramas da gente da Beira raiana.

Daniel Reis

ANDANTE

Acaba de receber em Madrid o

TROFEU INTERNACIONAL «TRADICION Y PRESTIGIO»

A fábrica de Calçado «ANDANTE», — Eduardo Braga & C.ª, Ld.ª — de Vila Nova de Gaia, foi seleccionada, por um júri internacional, para receber, em Madrid, o Trofeu «TRADICION Y PRESTIGIO».

Ao acto estiveram presentes personalidades dos diferentes sectores industriais, associações empresariais, do Corpo Diplomático e dos meios de Comunicação Social.

Os seus gestores manifestaram o seu regozijo por tão elevada distinção que julgam ser fruto de informações colhidas junto de seus clientes, nacionais e estrangeiros, dos fornecedores e da banca.

A fábrica de Calçado ANDANTE produz 1200 pares/dia dos quais 75% se destinam à exportação para os países da EFTA e CEE.

«ADMINISTRAÇÕES PREDIAIS G. SILVA,

LIMITADA»

CERTIFICADO:

Que, por escritura de cinco de Novembro do corrente ano, lavrada de folhas 20 v.ª a folhas 22 v.ª, do livro de notas para escrituras diversas número 312-A, do Primeiro Cartório Notarial de Almada, a cargo do notário licenciado José Manuel Cabral de Matos Oliveira.

Que foram alterados os artigos primeiro e décimo do Pacto Social da sociedade com denominação em epígrafe e sede na Rua Dom Francisco Manuel de Melo, treze, quarto andar, freguesia de São Sebastião da Pedreira, concelho de Lisboa, os quais passam a ter a redacção seguinte:

ARTIGO PRIMEIRO — A sociedade adopta a denominação Administrações Prediais G. Silva, Limitada, tem a sua sede na Rua Dom Francisco Manuel de Melo, treze, quarto andar, freguesia de São Sebastião da Pedreira, concelho de Lisboa.

ARTIGO DÉCIMO-UM — A sociedade é permitida efectuar a amortização das quotas em qualquer dos casos seguintes:

- Quando assim o acordar com o titular da quota.
- Quando se trate de quota que a sociedade tenha adquirido.
- Quando, por qualquer motivo nomeadamente nos casos de morte, divórcio ou separação, haja de se proceder a partilha do património do sócio.
- Quando a quota haja sido penhorada, ou dada em penhor, arrolada, apreendida, ou objecto de providência cautelar, ou, por qualquer outro motivo, deva proceder-se à respectiva arrematação, adjudicação ou venda em processo judicial, administrativo ou fiscal.
- Quando a quota seja cedida, onerada, ou alienada sem o consentimento da sociedade.

DOIS — Fora dos casos previstos nas alíneas A) e B) do número anterior, o preço de amortização poderá ser pago em prestações trimestrais, e iguais, sem juro até ao máximo de seis e será correspondente ao valor que a quota tiver no último balanço, aprovado, ou se não houver ainda balanço aprovado, ao valor nominal dessa quota.

TRES — Considerar-se-á realizada a amortização da quota, ou pela outorga da respectiva escritura nos casos das alíneas A) e B) do número um, ou pelo pagamento ou consignação em depósito da primeira prestação do preço, nos restantes casos.

É certidão que fiz extrair e está conforme o original na parte aplicada.

Almada, aos sete de Novembro de mil novecentos e oitenta e quatro.

O Notário,
(José Manuel Cabral de Matos Oliveira)

VENDE-SE

Farmácia Rosado Pinto sem activos nem passivos c/toda a existência. Central, boa clientela, por 15.000 contos. Atende das 15 h às 16 h. Telefone: 22 484
Praça do Bocage n.º 98, 99, 2900 Setúbal

em nova edição revista e ampliada

a criança e a vida
colectânea de
Maria Rosa Colaço
O mundo visto pelas crianças
Um livro para os adultos lerem
e reflectirem

uma edição de
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Na NAZARÉ o **Diário de Lisboa**
vende-se na TABACARIA BATISTA

Duas semanas depois análises garantem

Água da EPAL é boa para beber

As quantidades de óleos minerais, hidrocarbonetos e gasolinas existentes na água consumida na área da Grande Lisboa não apresentam qualquer perigo para a saúde pública, foi ontem afirmado pelo professor Bernardo Heroldo em conferência de imprensa promovida pela EPAL.

Os resultados das análises realizadas no Instituto Ricardo Jorge, laboratórios da EPAL, Instituto Hidrográfico e Compagnie Général des Eaux (França), destinadas a apurar os níveis de contaminantes não-tóxicos existentes na água fornecida pela EPAL, situam-se em todos os casos, segundo foi revelado, abaixo dos níveis-guia estabelecidos pela CEE. Estes valores, segundo foi afirmado, são já tão baixos, que tornam extremamente problemática a eficácia dos próprios métodos analíticos adoptados laboratorialmente.

Paralelamente, a EPAL determinou análises para apuramento dos teores em pesticidas eventualmente existentes na água consumida pelos lisboetas, que também não atingem valores significativos.

O professor Heroldo contratado pela empresa para proceder a este trabalho, revelou ainda que os óleos e gorduras encontrados dentro dos valores

detectados, não são prejudiciais para a saúde, pois «não têm acção fisiológica, são inertes».

Sublinhou ainda que os valores máximos admissíveis fixados pela própria Organização Mundial de Saúde, foram por este organismo abandonados, uma vez que os métodos analíticos existentes para detectar a exis-

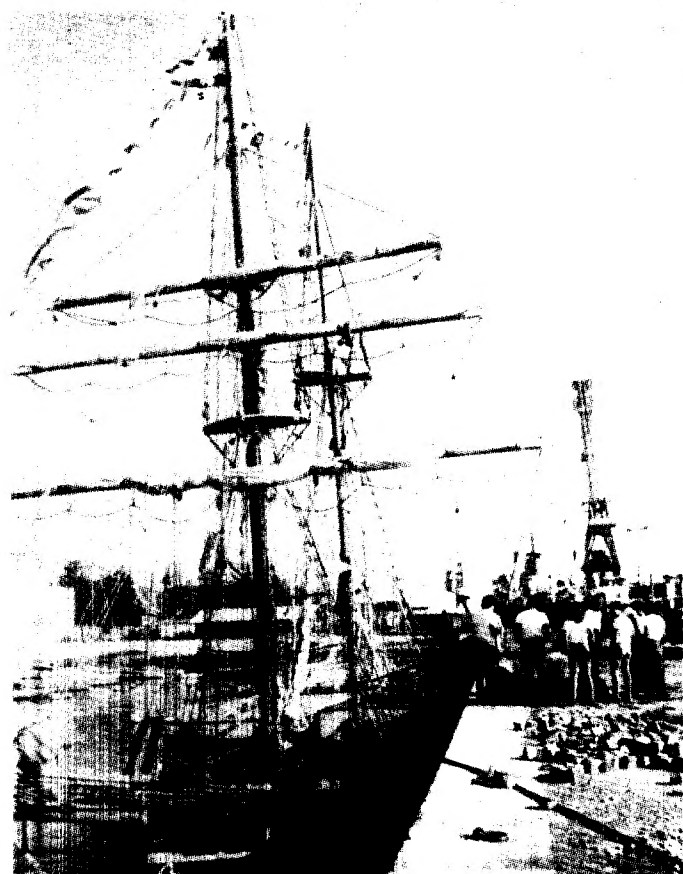
ção desses resultados acaba por levar ao abandono do consumo de água.

O presidente do conselho de gerência da EPAL, Hoof Ribeiro, sublinharia por seu turno que «esta é a primeira vez que se vai tão longe em Portugal» neste tipo de análises, criticando nomeadamente os Serviços Muni-

tia que daí fossem retiradas ilacções quanto a perigo para a saúde do público utilizador».

Interrogado pelo nosso jornal quanto à lentidão na resposta, por parte da EPAL, às suspeitas de contaminação da água, Hoof Ribeiro limitou-se a declarar que «foi feito o que se podia», e que os jornais tinham continuado a dar destaque às declarações do primeiro comunicado dos SMAS, em que se afirmava, como os nossos leitores estão recordados, que a água fornecida pela EPAL ao conselho de Sintra tinha óleo em quantidades preocupantes e acima de todos os valores máximos internacionalmente admitidos.

Mas a circunstância de esta ser a primeira vez que a empresa se confronta com uma situação deste tipo, não justifica a falta de reacção evidenciada. Com efeito, compreende-se com dificuldade que só passadas mais de duas semanas, a EPAL esteja em condições de vir a público e formalmente rebater o teor de todas as notícias divulgadas, quando uma clara, sistemática e correcta informação poderia ter sustado a «bola de neve» que agora Hoof Ribeiro vem subtilmente sugerir integrada numa campanha contra o presidente do conselho de gerência da EPAL.



“Zebu” a caminho da aventura

Foi mais um veleiro que andou pelo nosso Tejo, emprestando-lhe mais um pouco de beleza e excitando a mente de muitos jovens. O «Zebu» largou ontem de Lisboa com destino a uma abertura que levará 16 jovens, durante quatro anos, a 35 portos um pouco por todo o mundo. O nosso contributo para esta expedição é de seis jovens que, muito provavelmente, acalantarão uma réstea de sonho de virem a ser outros tantos «gamas».

Através de transfusões sanguíneas

Riscos de contágio de SIDA muito reduzidos em Portugal

Os riscos de contágio de SIDA (síndrome de imunodeficiência adquirida) através de transfusões sanguíneas são muito reduzidos em Portugal, sustenta o director do Instituto Nacional de Sangue, António Pedro Franco.

Para o mais alto responsável do INS, o problema do contágio do SIDA através de transfusões de sangue coloca-se, sobretudo, em países onde é grande o recurso a dadores remunerados, número que em Portugal não ultrapassa os vinte por cento.

O SIDA é uma doença no sistema imunitário causada por um vírus que pode ser transmitido através de contactos sexuais, de transfusões sanguíneas ou de agulhas contaminadas. É por essa razão que os hemofílicos, juntamente com os homossexuais e os toxicómanos, constituem 75 por cento dos doentes de SIDA.

O contágio do SIDA através do sangue é ainda favorecido pelo facto de muitos toxicómanos atingidos pelo vírus venderem sangue contaminado a troco de dinheiro para adquirir droga. «Se é verdade que muitos homossexuais não vendem sangue porque compreendem que são dadores de risco, o mesmo não sucede com os toxicómanos, dispostos a tudo para adquirirem droga», admitiu uma médica ouvida pela ANOP.

O facto de em Portugal haver hoje poucos dadores de sangue remunerados mercê de legislação restritiva nesse sentido, publicada há dois anos, aliado ao controlo a que são submetidos os chamados dadores benévols (precaução que nem sempre é praticada) tornam praticamente inexistentes os riscos de contágio de SIDA através das transfusões de sangue, na opinião de António Pedro Franco.

Maldonado Gonelha é visado

Analistas privados afirmam-se ‘asfixiados’

O gabinete crise do sector dos analistas clínicos denunciou ontem que o ministro da Saúde, Maldonado Gonelha, está a proceder à asfixia dos laboratórios privados de análises.

Em conferência de imprensa os responsáveis pelo gabinete afirmaram que o ministro da Saúde está a mandar realizar as análises clínicas requisitadas através dos Serviços Médico-Sociais nos laboratórios pertencentes às administrações Regionais de Saúde.

Joaquim Chaves referiu na ocasião que a decisão do ministro da Saúde é a de fazer deslocar na medida do possível a realização das análises cujo pagamento está a cargo das administrações regionais de saúde para os laboratórios privados destas.

Os elementos do gabinete crise do sector adiantam que a solução é inteiramente errada, quer sob o ponto de vista económico, quer sob o ponto de vista social, quer sob o ponto de

vista técnico, quer, ainda, sob o ponto de vista legal.

«Antes de mais», diz o gabinete crise, «a decisão do ministro constitui uma nacionalização por via indirecta, uma distorção da lei Arnault mas sem a virilidade daquela».

«Trata-se de ampliar o sector estatal criando uma série de empresas públicas de análises clínicas com asfixia do sector privado».

Entre outros entraves à iniciativa ministerial o gabinete considera que é claro e evidente que o país não dispõe de técnicos pararamédicos na especialidade de análises em número suficiente para dotar todos os laboratórios de todos os centros de saúde.

Joaquim Chaves referiu também que do ponto de vista legal a orientação definida pelo ministro da Saúde é errada e constitucional.

Aquele elemento enunciou que os preceitos constitucionais incluem o direito à livre escolha

do médico pelo doente.

Joaquim Chaves referiu ainda que o artigo 80 da Constituição assenta na coexistência dos diversos sectores de propriedade: público, privado e cooperativo.

O gabinete crise enumerou também as dívidas do Ministério aos laboratórios privados e referiu que na área de Lisboa as últimas contas liquidadas dizem respeito ao mês de Junho e no valor de 60 por cento do total.

Ministério nega

O Ministério da Saúde negou ontem que o Estado esteja a criar empresas públicas de análises clínicas para asfixiar o sector privado.

Uma fonte oficial do Ministério de Saúde respondia, assim, a acusações de analistas privados. A mesma fonte esclareceu que o Estado não abriu novos laboratórios e que as Adminis-

trações Regionais de Saúde estão a aproveitar e a melhorar os laboratórios que têm.

«Se os laboratórios do Estado têm as mesmas condições que os privados e tendo também de pagar aos seus utentes é normal que se recorra aos serviços das Administrações Regionais de Saúde», acrescentou, frisando que «é uma forma de o Estado reduzir as despesas».

Quanto a uma eventual inconstitucionalidade da acção do Ministério lembrou que «nada disso se passa, porque a situação que se verifica está prevista em convenções acordadas entre a Ordem dos Farmacêuticos, a Ordem dos Médicos e o Ministério».

Sobre as convenções estabelecidas está previsto que os Serviços Médico-Sociais recorram aos laboratórios estatais existentes que possam fornecer serviços disponíveis no mesmo grau de especialização em patologia clínica, salientou.

Estado pagou em Novembro 40 por cento de Maio

A Associação Portuguesa de Medicina privada (APMP) responsabilizou ontem o Ministério da Saúde pela eventual degradação dos serviços de saúde daquele sector, provocada pelos atrasos nos pagamentos. A APMP afirma que em Novembro apenas vão ser pagos a todos os que exercem a medicina privada os restantes 40 por cento da facturação de Maio que é devida pelas Administrações Regionais de Saúde.

Ao fim de muitos anos de luta

Sines ganha no porto de pesca

«A luta pelo porto de pesca de Sines não se travou apenas nestes últimos sete anos, pois já vem do meu avô e do pai do meu avô» — disse o presidente da Câmara daquela vila, Francisco Maria Pacheco, na qualidade de membro da Comissão de Estudo do Porto de Pesca de Sines que

juntamente com Carlos Manafá, João Carlos Almeida e Francisco António Cheinho, da mesma comissão, se reuniram na Casa do Alentejo em Lisboa com jornalistas de diferentes ór-

gãos da Comunicação Social.

O autarca fez uma síntese do que têm sido os esforços não só dos pescadores e pessoas ligadas ao sector das pescas, como de toda a população sinesense pela defesa da baía, porquanto coincidem os interesses; para uns o porto de pesca e para todos o combate à poluição e defesa da praia.

Na base dos problemas está naturalmente toda a problemática criada na região com a implementação do Complexo In-

dustrial de Sines. Os responsáveis pretendiam, e muito fizeram para o conseguir, «empurrar os pescadores para Vila Nova de Milfontes ou Odesseixe, «para prejudicar o porto petroleiro», segundo se apregoa.

No entanto, decorridos sete anos de intensa actividade daquela Comissão, viram chegar a bom fim o almejado projecto: todos acordaram em que é possível a coexistência no mesmo porto dos grandes petroleiros e das embarcações de pesca.

Um outro problema que se levantava com a estrutura para descarga de carvão destinada à central eléctrica da EDP, foi também resolvido a contento, por ora com uma solução provisória e posteriormente com a construção de um terminal de carvão num local que não afecta o porto de pesca nem provocará poluição.

AEDP, que havia já investido 6 milhões de contos, assumiu o compromisso de cobrir um terço dos custos do novo porto de

pesca que orçará os 800 mil contos. O restante será coberto pelo Estado conforme garantiu o ministro do Mar, Carlos Melancia.

As obras iniciam-se dentro de pouco tempo e estarão concluídas dentro de dois anos.

As mil pessoas ligadas às pescas, seus familiares e restante população de Sines estão assim de parabéns, bem como os turistas que no Verão procuram aquela vila, pois esta medida salva também a muito apreciada praia.

de ontem para hoje

Cortes de luz na Madeira investigados pela PJ

A cidade do Funchal e a zona leste da Madeira estiveram na noite de anteontem sem luz, durante cerca de uma hora, em virtude de um corte de energia eléctrica cuja origem está a ser investigada pela Polícia Judiciária. A falta de luz (a segunda verificada no espaço de cinco dias e na mesma área) motivou a paralisação das comunicações «telex» com o exterior e a interrupção das emissões de Rádio e TV. O Aeroporto de Santa Catarina, afectado igualmente pela falta de electricidade, teve de socorrer-se de um gerador.

Carvalho Monteiro faleceu em Beja

Com 83 anos faleceu em Beja, vítima de ataque cardíaco, o democrata antifascista António Carvalho Monteiro, natural de Vila Alva (Cuba). Radicado naquela cidade como comerciante desde muito jovem, Carvalho Monteiro passou várias vezes pelas prisões salazaristas (Aljube, Forte de S. João, em Angra do Heroísmo), tendo feito parte do MUD (Movimento de Unidade Democrática), como membro da Comissão Executiva do distrito de Beja, e apoiando as candidaturas de Norton de Matos e Humberto Delgado. Após o 25 de Abril desenvolveu intensa acti-



vidade no âmbito do MDP/CDE.

Passagem de nível em Castelo Branco

A CP irá investir, em Castelo Branco, cerca de dezasseis mil contos na construção de uma passagem sobre a via férrea. A obra será erguida no Barrocal, num local de trânsito de peões e veículos para um dos novos bairros daquela cidade.

Alemão e francês extraditados

Dois estrangeiros (um alemão e um francês) irão ser extraditados para os seus países de origem por decisão do Conselho de Ministros, ontem publicada na folha oficial. O alemão federal Michel Antosch, detido na cadeia de Portimão, é acusado pelo Tribunal de Estugarda da prática de crimes de roubo, falsas declarações, tráfico ilegal de estupefacientes e

condução de veículo motorizado sem carta. Quanto ao francês Michel Guilloteau, preso no estabelecimento prisional de Faro, às ordens do Tribunal Judicial daquela cidade algarvia, é acusado da prática de delitos de furto e receptação, com utilização de arma proibida, sendo a sua extradição baseada no acordo celebrado entre Portugal e a França, no ano de 1954.

GNR ocupou mais uma cadeia

Depois de Cinfães também em Celorico da Beira a GNR se instalou, com um efectivo de dezasseis homens, na antiga cadeia comarcã. A GNR tinha abandonado, há alguns meses, Celorico da Beira, invocando a degradação do quartel onde estava instalada. O comandante do batalhão da Guarda, coronel Jaime Alpendre, afirmou, ao inaugurar as instalações que a GNR é, neste momento, a força militar «pior instalada no País».

Assassinou a tia e um primo

Um jovem que, em Outubro do ano passado, matara a tiros de caçadeira, em Sever do Vouga, a tia e um primo, foi condenado pelo Tribunal de Albergaria-a-Velha em dezoito anos de prisão. Américo Martins de Pinho, de 22 anos, prati-

cou o duplo homicídio ao ser descoberto pelas vítimas a assaltar-lhes a residência. Armando Martins dos Santos, de 55 anos, e seu filho, Alexandre Baptista Martins de Figueiredo, de nove, tiveram morte imediata.

Trucidado pelo comboio em Paredes

Fernando Ferreira Martinho da Silva, residente no lugar de Avinhó, Penafiel, foi colhido mortalmente pelo comboio num local ermo localizado entre Cête e Paredes. Desconhece-se por enquanto se foi acidente ou suicídio.

Melhorias telefónicas em Bragança

A estação automática de Bragança acaba de ser equipada com uma unidade pública de «telex» e com mais vinte e duas cabinas telefónicas públicas. Bragança, Vinhais, Vimioso, Miranda do Douro e Mon-

corvo ficaram a partir de agora com um serviço de «telex» e telefone que permite ligações rápidas a todo o País e ao estrangeiro. As instalações da estação automática e o seu equipamento rondaram os 200 mil contos.

Homicida condenado no Funchal

Um servente de pedreiro foi condenado em catorze anos de prisão pelo assassinio de um companheiro de trabalho, em Novembro de 1983, na cidade do Funchal. A vítima, António Francisco Silva, natural do Continente, casado e pai de uma criança então com dois anos, foi agredido mortalmente por António Francisco da Horta Silva, tendo o corpo sido encontrado junto a uma adega, onde ambos tinham estado a beber horas antes.

Prédio ruído em Viseu

Este é um exemplo do que sempre pode acontecer com a informação: a queda de um prédio em Viseu, que noticiámos no dia 9, merece agora reparo do proprietário da obra. O construtor não era, como publicámos, a firma José Rodri-

gues, Filho, Lda. mas sim Augusto Sousa Branco. Quanto à origem do desastre, diz a firma Rodrigues & Rodrigues, proprietária da obra, que já foi pedido o devido inquérito ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

A acção foi executada por agentes da PJ

Comissão de apoio do “Caso FP-25” mandada encerrar por Almeida Cruz

• sede da FUP “selada” no Porto

Por ordem do juiz Martinho de Almeida Cruz, que reagiu a uma «Carta Aberta na qual é acusado de ilegalidades na instrução do processo, a Polícia Judiciária (nove agentes armados) encerrou e selou, a meio da manhã de ontem, a sede da Comissão de Familiares e Amigos dos Presos do Processo das FP-25, localizada na Rua de Arroios, em Lisboa. A acção ser-nos-ia confirmada pelo subinspector Polónio, do gabinete de Relações Públicas da PJ numa altura em que o nosso jornal já tinha fechado as suas páginas. Simultaneamente foi igualmente mandada encerrar e selar a sede da FUP no Porto.

A chegada dos elementos da PJ, armados com pistolas e metralhadoras, aconteceu no momento em que não se encontrava no local nenhum elemento da Comissão, mas apenas um electricista, José da Silva Carvalho, que procedia a pequenas reparações. José da Silva disse que os policiais o obrigaram a atender um telefonema entretanto recebido na Comissão, e a não revelar a presença da PJ nas instalações da Rua de Arroios.

O electricista acrescentou que a PJ levou uma máquina de escrever, vários «dossiers» com do-

cumentos e um «placard» onde se encontravam diversos papéis, entre os quais vários apontamentos com número de telefones de advogados e jornalistas. Já em 21 de Agosto a PJ invadira as referidas instalações.

Reagindo ao sucedido, a Força de Unidade Popular (FUP) acusou os agentes que procederam à operação de busca às instalações onde funciona a «Comissão de Apoio aos Familiares Presos» de terem roubado o que restava do seu recheio e selado as instalações.

A FUP diz em comunicado que «no primeiro assalto» às referidas instalações «foram roubados material técnico, «dossiers» e dinheiros de solidariedade recolhidos em algumas empresas». A organização afirma que, desde 19 de Junho até ontem, não existe ainda nenhuma ordem «superior» que determine «a selagem das suas sedes e que «ninguém assume a responsabilidade» dessas acções.

A FUP declara também no comunicado que «algumas viaturas apreendidas têm sido vistas pelas ruas da cidade a circular ao serviço da Polícia Judiciária» e que parte do material técnico, levantado das suas instalações «não

está sequer apreendido à ordem do juiz e apenso ao processo, mas sim em casa de alguns agentes corruptos e marginais».

Considera a FUP que o Governo «através dos seus mecanismos de repressão já ultrapassou em muitos casos os métodos que Salazar e a PIDE utilizou». E conclui que «nomeadamente o Partido Socialista está conivente no regresso ao fascismo».

Parlamentares europeus com Otelo

Uma delegação de parlamentares europeus desloca-se em breve a Lisboa para contactar Otelo Saraiva de Carvalho e Mário Soares no âmbito de uma campanha internacional em favor do antigo comandante do COP-CON. A revelação foi feita ontem em Paris durante uma conferência de imprensa de membros da Comissão «Justiça para Otelo», que engloba personalidades de vários países.

Os membros da Comissão afirmaram na conferência de imprensa que «a acusação contra Otelo é elaborada pela magistratura portuguesa com base em indi-

cios, sem qualquer prova, chamando-o a responder como terrorista criminoso, ao abrigo de uma legislação vinda do passado ainda não reformulada». «Na verdade, as normas do Código Penal contemplam o delito de opinião» — sustentam os membros da Comissão. A delegação que se deslocará a Portugal é formada por deputados italianos, franceses, gregos, britânicos e alemães federais.

Isabel do Carmo e Carlos Antunes voltam à PJ

O «Expresso» refere na sua edição de hoje que Isabel do Carmo e Carlos Antunes irão ser novamente ouvidos pelo juiz Almeida Cruz, nos dias 6 e 7 de Dezembro, respectivamente, em resultado do conjunto de diligências requeridas por diversos advogados de defesa dos detidos do processo na fase de instrução contraditória». A mesma fonte afirma que, esta semana, já foram emitidos três novos mandados de captura contra José Gomes (que tem funcionado ultimamente como portavoz da FUP), Francisco Marques e Beleza da Fonseca.



O comissário Santinhos, no momento em que a viúva do agente Custódio Santos descerrava uma lápida em homenagem ao seu marido falecido em Setembro

Na tomada de posse da Comissão Executiva Nacional

“Máquina sindical da PSP está a carrilar sobre rodas”

— afirmou o comissário Santinhos

Com a tomada de posse, realizada esta manhã em Lisboa, de uma Comissão Executiva Nacional e de uma Comissão Administrativa, o 1.º comissário Joaquim Santinhos considerou estar em condições as condições para colocar a «máquina sindical da PSP a carrilar sobre rodas». O acto teve lugar na sede da Comissão Pró-Associação Sindical da PSP, na Calçada do Combro, 127, 2.º esq., tendo na ocasião sido descerrada uma lápida em homenagem ao agente Custódio Santos, sindicalista da PSP, falecido em 13 de Setembro passado, apenas com 28 anos de idade, vítima de doença cancerosa. A lápida foi descerrada pela viúva do extinto, tendo a sala onde está colocada passado a chamar-se: «Sala de Reuniões Custódio Santos — Agente Sindicalista da PSP».

Na sua intervenção, o 1.º co-

missário Santinhos, que se encontra desterrado em Bragança por decisão de Almeida Bruno, recordou os primeiros passos dados em prol de um Sindicato da PSP, «quando, em Fevereiro de 1982, alguns dos elementos que fazem parte integrante da Comissão Pró-Sindical da PSP, se reuniram, pela primeira vez, alguns na serra da Estrela, rodeando-se das maiores precauções e confidencialidade, devido ao medo que possuíam de poder vir a ser descobertos, denunciados e punidos por força de um regulamento disciplinar que era obsoleto e ultrapassado, porque inconstitucional».

Oito anos volvidos sobre essa data, o comissário Santinhos entende ser chegada a hora para que se dêem passos decisivos no sentido da judicialização da

PSP, se instalem auditorias jurídicas em todos os comandos, se proceda à desmilitarização da PSP a médio prazo, se dêem garantias de prioridades absolutas aos agentes da PSP no acesso a Escola Superior de Polícia, particularmente aos licenciados ou a licenciar em Direito, de forma a que o estabelecimento recentemente criado evolua no sentido de proporcionar uma melhor formação jurídica».

A finalizar, o 1.º comissário Santinhos anunciou a criação de novos órgãos, a funcionar no âmbito da Comissão Pró-Associação Sindical da PSP, tais como o Secretariado de Administração, o Secretariado para os Jovens Policiais, o Secretariado para os Aposentados, o Secretariado para Contactos Internacionais e o Secretariado de Imprensa e Relações Públicas.

GNR fez 550 mil quilómetros pela ‘Chama 84’

A GNR deteve 58 suspeitos de fogo posto, no período de Julho a Outubro, e percorreu cerca de 550 mil quilómetros no desenvolver de uma operação denominada «Chama 84». A operação, destinada a colaborar na acção contra incêndios, consistiu no patrulhamento a cavalo de áreas florestais, reforço de patrulhas militares e colaboração com outras entidades, nomeadamente com a Polícia Judiciária, PSP, Guarda Fiscal, Bombeiros e Serviço Nacional de Protecção Civil. No período referido, a GNR executou 23 278 patrulhas, percorrendo 556 183 quilómetros, dos quais 322 665 foram na zona Centro.

A GNR detectou naquele período 1967 incêndios, sendo 1713 de origem desconhecida e 254 de acção criminosa. Na sequência dessas acções, foram detidos 58 indivíduos por suspeita de fogo posto, o que constituiu um número três vezes maior que o de 1983, em que foram detidos 20 indivíduos.

Num comunicado ontem divulgado, a GNR considera necessário o tratamento das matas florestais, com limpeza e melhoria das vias de acesso, o estabelecimento de um maior número de postos de vigilância e a realização de campanhas de esclarecimento às populações.



Um paradoxo de uma cidade degradada: há quem olhe para cima com muita frequência...

Rendas não sobem e as varandas caem

São na sua maioria reformadas e/ou viúvas as mulheres que vivem no n.º 14 da Rua Leão de Oliveira, a Alcântara, com pensões que não passam dos seis mil escudos e só têm razão de ser na proporção das rendas que pagam e que não são caras. Talvez por isso, há mais de meio século que o prédio espera por obras que tardam.

Há dias caiu uma varanda da traseira do 5.º andar. Como facilmente se imagina, o pânico apossou-se de quase todos os moradores, que muitos são num prédio de seis pisos. Mas não os directores do Externato «Os Lusíadas», com ensino infantil e primário, que não quis receber a reportagem do «DL». Aliás, horas antes havia procedido da mesma forma para com representantes de outro jornal. No rés-do-chão, crianças aprendem sem poderem ir para o jardim. Porque, em qualquer momento, outra varanda poderá ruir. Por exemplo, a varanda do 4.º

andar direito que em 19 de Abril de 1982 mereceu um despacho de um director de Obras da Câmara Municipal de Lisboa «a interditar imediatamente o seu uso à retaguarda, enquanto não forem executadas as necessárias obras de consolidação». Dois anos e meio volvidos, tudo continua como dantes, mas a varanda ainda mais degradada, mostrou-nos Zélia Vasconcelos, uma senhora hoje com 78 anos e que ali vive desde os sete.

«Há bem cinquenta anos que não se fazem aqui obras e por isso o prédio se encontra nesta situação. Nós pagamos pouca renda, é verdade, mas nunca ninguém nos disse para pagarmos mais. Mais, mas vendo bem as reformas que recebemos», obtemperou.

«E talvez por isso, por pouco pagar, Zélia Vasconcelos, que para ali veio com sete anos viver mais a tia não se pode debruçar sobre a varanda, para ver o imponente prédio d'«Os Lusíadas»

em construção, em frente, pela empresa «Pasolis» e a jovem eng.ª Maria da Graça.

Nas mesmas condições do prédio n.º 14 está o n.º 16: fracturas nas paredes exteriores, um castanho-claro que já não se sabe se foi mais castanho, se menos claro, e também as traseiras flagrantemente degradadas. Se o interior das casas do n.º 16 forem como as do n.º 14, então aí haverá plásticos a substituírem vidros, latas e alguidares a aparárem água. E fendas, muitas fendas, marcando o caruncho dos anos, a idade de casas velhas.

Um representante do senhorio disse ao «DL» ter já providenciado o arranjo da varanda que se abateu, bem como de outras pequenas obras no edifício. Aguardava apenas que o operário que com ele se comprometera, estivesse disponível para dar início à reparação. «Mas com rendas tão baixas não se pode reparar tudo o que as pessoas querem», acrescentou-nos.

ARTIGO DE FUNDO

MÁRIO CASTRIM

Os maiores conquistaram os meios de informação. Na política só se fala dos condutores, no futebol só dos «craques», no ténis só dos primeiros do «ranking» mundial. No atletismo só de Carlos Lopes para cima.

Diz-se que os grandes exemplos (isto é: o exemplo dos grandes) são mobilizadores. Houve tempo em que acreditei nisso a todo o gás. Hoje não sei bem. Às vezes me parece que são mais paralisadores. A admiração, em certos casos, transforma-se em inação. Qualquer coisa

semelhante ao fenómeno dos crentes que passam a vida de joelhos diante dos santos em lugar de irem, pelo mundo fora, seguindo-lhe a esteira.

A grandeza, quando se transforma em espectáculo, gera assistentes e não participantes. Por isso se enchem igrejas, estádios, teatros. O culto da grandeza é uma variante funesta do culto da personalidade. Com

todos os prejuízos consequentes. No entanto, nada iguala o prazer de participar, a plenitude de ser dentro da nossa medida. Que se corra pelo gosto de correr e não para atingir os cimões da Rosa Mota e do Mamede. Que se

escreva pela necessidade de escrever e não para chegar à altura do José Gomes Ferreira e do José Saramago. Faça cada

um de nós o gosto ao dedo culinário sem pretender a sabedoria da Maria de Lurdes Modesto ou do Manuel Luís Goucha.

Creio que o melhor exemplo é aquele que nos mostra a «santidade» repartida, realizada, praticada pelo homem simples.

Mostrem-se as camionetas da Gulbenkian assaltadas pelos miúdos; os inúmeros torneios de xadrez dentro das colectividades; as corridas organizadas pelas

comissões de moradores; as exposições de arte saída das mãos de puros autodidactas; os grupos de futebol nos pequenos

bairros das cidades ou nas aldeias; os jogos florais que se multiplicam por esse País fora; as páginas literárias dos pequenos jornais de província, etc., etc.

Há que dar às pessoas a consciência de que ser, mesmo pouco, é mais importante do que assistir muito. Pessoalmente, direi que uma das experiências

mais criadoras foi ter assistido àquela partida de basquetebol.

Inesquecível. A vibração, o empenho, a habilidade — e também o sentido da justiça, da amizade, do desporto, enfim. Refiro-me à final da sessão de basquetebol entre deficientes, na última festa do «AVANTE!»

Meteorologia faz nova previsão

Fim-de-semana vai ser “povoado” por mau tempo

A partir do princípio da tarde de hoje o estado do tempo vai agravar-se, com céu muito nublado e vento moderado de Sudoeste: esta a previsão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica para o fim-de-semana. O INMG prevê, no entanto, que as condições atmosféricas se alterem para melhor no fim da próxima segunda-feira. O agravamento, que se estenderá do litoral para as regiões do interior, segue-se a uma acentuada melhoria no tempo verificada ontem, sobretudo nas zonas do Norte do País. Com efeito, a chuva, embora em pouca quantidade, só afectou a região Sul de Portugal, tendo parado às 6 horas da manhã de ontem no Norte e Centro.

As más condições meteoroló-

gicas que nos últimos dias, em especial na quinta-feira, assolaram várias zonas do País, provocaram o corte de fornecimento de energia eléctrica em algumas áreas. O centro da EDP de Vila Real só viu resolvida a avaria que provocou cortes de electricidade à cidade às duas horas da madrugada de ontem. Os técnicos tiveram que reparar uma linha da EDP que atravessa a serra do Marão.

Segundo uma fonte daquela empresa, os maiores problemas registaram-se a norte do rio Douro sem, contudo, provocarem situações generalizadas de grandes cortes. Foram ainda registadas pequenas perturbações na área rural do concelho de Braga, em Esposende, nos concelhos de Vimioso, Melgaco,

Monção e Valença e na zona da serra do Alvão.

Nevoeiro afasta aviões da Portela

Devido ao forte nevoeiro que ontem à tarde se fez sentir na área do Aeroporto da Portela, quatro aviões que se dirigiam a Lisboa foram obrigados a aterrar em Pedras Rubras e no Aeroporto de Faro.

No entanto, como indicou à agência NP um informador do Aeroporto da Portela, a pista nunca esteve encerrada, tendo sido as próprias companhias a escolherem soluções alternativas. Os voos em questão eram provenientes da Suíça, dos Açores e de Inglaterra. Ao fim da tarde, a situação encontrava-se já normalizada.

Morais contra Parente

PSD de Valpaços dá novos sinais de divisão

As águas sociais-democráticas entraram de novo em ebulição, em Valpaços. A Comissão Política local está contra o presidente da Câmara e retirou-lhe já a sua confiança política. Mário Parente, presidente do Município, passa por cima, não liga.

Segundo um comunicado do PSD, «o presidente da Câmara tem praticado uma política local em prejuízo dos interesses do concelho sendo também contrária à orientação do partido». Mais: «A Comissão Política do PSD, doravante, não aceita que lhe sejam movidas quaisquer críticas por uma gestão camarária fraca, inoperante e ilegal».

Na base desta posição estará a adjudicação da estrada municipal de Avarenta. A Comissão do PSD diz que a Câmara optou pela proposta mais elevada e o presidente da Câmara afirma que a adjudicação feita foi a mais

benéfica para o Município.

Ontem de manhã falámos com Mário Parente. «Ainda não tomei nenhuma posição nem devo tomar» — diz-nos, a propósito do comunicado dos seus pares. E justifica: «Esta Comissão Política não tem legitimidade... Foi escolhida à porta fechada em Carrazedo de Montenegro e não me faz muita honra». Para o presidente da Câmara, o problema resume-se a uma «luta pelo poder». Esclarece: «Consegui fazer com que a Câmara de Valpaços seja uma das melhores do distrito de Vila Real e agora que está quase tudo resolvido... os amigos de Sobrinho Moraes querem voltar».

Só que se o fizerem expressamente terão que debater-se com ele, Mário Parente. É o próprio que nos diz: «Com certeza que me candidato de novo na próximas eleições».

Escola Secundária Marquês de Pombal comemora 100 anos

Começam na manhã do próximo sábado as comemorações do centenário da escola secundária Marquês de Pombal.

Nessa data haverá missa na capela da escola, sessão solene na biblioteca e almoço volante no refeitório, cujas inscrições foram já abertas para todo o pessoal docente, administrativo e auxiliar, prevendo-se também a participação de antigos professores, funcionários e alunos.

As comemorações do centenário prosseguem no segundo período lectivo com outras manifestações, tais como competições desportivas, concursos literários, representações dramáticas, exibição de filmes culturais, exposições técnicas e artísticas, convívios entre antigos e actuais alunos.

Criada em 1884 como Escola de Desenho Industrial, destinada

a funcionar no populoso bairro de Alcântara, esta escola secundária viria a receber o nome de Marquês de Pombal ainda em Outubro desse ano.

Centenário da Afonso Domingues

Também a escola secundária Afonso Domingues comemora este ano o seu centenário. Encerram no próximo dia 19 as inscrições para um almoço comemorativo, a realizar no dia 24, nas instalações da escola. O almoço será «um espaço de convívio de antigos e actuais professores, alunos e pessoal não docente, os quais ergueram conjuntamente o prestígio desta instituição de forte componente tecnológica», afirma o CD na notícia sobre o almoço.

Morreu a limpar a betoneira

Um jovem servente de pedreiro morreu ontem no local de trabalho, umas obras em Oeiras, quando procedia à limpeza de uma betoneira, que se terá movimentado e entalado o trabalhador, António da Costa, solteiro, natural do Senegal e que residia no Bairro das

Marianas, 59 em Carcavelos.

A Judiciária procede a diligências no sentido de esclarecer completamente o acidente com a máquina de grandes proporções e apurar se haviam sido tomadas todas as precauções que o serviço exigia.

Este ano devem somar 1,7 milhões de contos

Cheques sem cobertura em franca progressão

São sintomáticos os números fornecidos pela Polícia Judiciária referentes às queixas recebidas pela emissão de cheques sem cobertura, apenas nas áreas de Lisboa e Porto. É evidente a sua relação com a crise económica a agravar-se de modo constante, sem perspectivas de contenção a breve ou a médio prazo.

Vejam os dados. De 1978 a 1983 registaram-se as seguintes denúncias: 5011, 6735, 6820, 6950, 8772 e 12 250 no ano findo.

Em 1983 aquele número é respeitante ao Porto e Lisboa, com 4303 e 7169 respectivamente e correspondente aos seguintes valores, 641 886 contos e 1169 mil contos.

Os números respeitantes ao primeiro semestre do ano em curso ilustram bem a situação presente. A Direcção do Porto recebeu 3085 queixas correspondentes ao montante de 507 830 contos e a de Lisboa, 4417 processos, no valor de 696 953 contos o que a verificar-se esta tendência atingirá os 1700 mil contos no fim do ano.

Referente ao corrente ano, foram divulgados os números de Coimbra, 441 processos no valor de 53 mil contos e somando a totalidade nas restantes comarcas em que existem departamentos da PJ, o primeiro semestre fechou com 8605 queixas de cheques sem provisão.

Estes elementos estatísticos embora se refiram às áreas mais

povoadas do país e onde se processa o maior número de actividades que permitem tais ilicitudes, não representam a totalidade nacional. Por outro lado, muitos casos não são levados ao conhecimento das autoridades por motivos vários que vão desde a aceitação de compromissos e promessas do infractor ao desinteresse do ofendido a isso levado por vários factores.

Curiosamente e segundo uma fonte da Polícia Judiciária a maior parte dos cheques sem provisão e que deram origem a queixas-crime, não foram entregues em pagamento mas dados como forma de garantia de dívidas contraídas ou de futuras liquidações de compromissos assumidos.

África do Sul diz que poderá incluir Angola nas negociações sobre a Namíbia

A África do Sul indicou ontem que «Angola poderá ser incluída em futuras conversações» sobre um acordo de independência para a Namíbia.

O facto segue-se a dois dias de conversações, em Pretória, entre o ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Roalof Botha, e o enviado norte-americano, Chester Crocker, durante as quais foram abordados as propostas angolanas para a paz na África Austral.

Um comunicado governamental, afirmava que os Estados Unidos transmitiriam o ponto de vista sul-africano a Angola e que se esperavam mais discussões. «É também possível que se siga discussões trilaterais entre a África do Sul, os Estados Unidos e Angola», acrescentava o documento.

Notícias publicadas na imprensa indicavam que Angola propôs reduzir a presença cubana de 25 mil para dez mil soldados, mas que Botha tinha respondido que mais do que quatro mil cubanos seria um número inaceitável para o seu país.

Os Estados Unidos apoiam as exigências sul-africanas para a retirada dos cubanos de Angola antes de ser alcançado quer acordo em relação à Namíbia.

Contudo, analistas políticos afirmam que o facto de os participantes nas conversações estarem agora a discutir números em vez do princípio de uma retirada cubana, constitui já um passo em frente.

Entretanto a «UNITA», avisou que, se fosse excluída do processo de paz entre Angola e a África do Sul, isso implicaria graves riscos. São conhecidas as

boas relações entre o dirigente da UNITA, Jonas Savimbi, e as autoridades racistas de Pretória.

Clarificação

A proposta angolana para um «acordo global» com os Estados Unidos foi lembrada pelo presidente José Eduardo dos Santos, num discurso pronunciado no Ulje e reproduzido pela agência «ANGOP».

Num comício comemorativo do nono aniversário da independência de Angola, Eduardo dos Santos denunciou a campanha em curso por parte do «imperialismo internacional» para «fazer crer a opinião pública que o nosso país começa finalmente a vergar perante os pontos de vista norte-americanos para a resolução do problema manibiano».

Depois de confirmar que «Angola e Estados Unidos estão a discutir um acordo global, cuja plataforma foi apresentada por Angola», o presidente realçou que, no que diz respeito à presença de tropas cubanas em Angola, «mantêm-se válidas» as posições «consignadas nas declarações conjuntas dos governos angolanos e cubano de 4 de Fevereiro de 1982 e 19 de Março de 1984» e publicamente anunciadas «por ocasião da visita do secretário geral das Nações Unidas à 26 de Agosto de 1983».

José Eduardo dos Santos disse que a imprensa ocidental «diz que agora Angola está a discutir com o governo americano a retirada das forças internacionais cubanas omitindo deliberadamente os outros aspectos da proposta angolana, o que «não tem importância para não angolanos».

Svetlana Estaline:

“Não vivi no Ocidente um dia de liberdade”

A filha do antigo secretário-geral do PCUS, Jose Estaline, Svetlana Allilueva, acusou hoje o ocidente de ter convertido o nome de seu pai e a sua própria vida numa «mercadoria sensacionalista».

Svetlana afirmou não ter vivido no Ocidente «um único dia de liberdade», pois esteve sempre «nas mãos dos homens de negócios, advogados, politiqueros e editores».

«Fizeram de mim um capacho da CIA, dizendo-me o que devia e não devia escrever» — acrescentou, numa referência a dois livros seus de crítica a Estaline e ao regime soviético.

A filha de Estaline falava numa conferência de imprensa em Moscovo, destinada a explicar aos jornalistas soviéticos e estrangeiros as razões do seu regresso à União Soviética, país que abandonou há 17 anos, para viver nos Estados Unidos.

Svetlana, de 58 anos, mostrou-se feliz por ter regressado a pátria e afirmou que, durante os anos que viveu no Ocidente,

compreendeu de que lado estava, entre o seu país e o «mito ocidental».

Acrescentou ter decidido «de livre vontade» regressar, acompanhada da sua filha norte-americana, Olga, de 13 anos, para se juntar aos seus outros dois filhos, José e Catarina, e aos seus amigos, numa decisão que classificou de «puramente humana».

«Durante todos estes anos senti-me culpabilizada por ter abandonado os meus filhos e pensei várias vezes regressar à pátria», afirmou.

«Uma das vezes que isso aconteceu, disse, foi em Inglaterra, durante os festejos da vitória das tropas aliadas na Europa, que omitiram qualquer referência aos 20 milhões de cidadãos soviéticos na guerra pela vitória».

«Tratava-se de uma grande injustiça e nessa altura apercebi-me, de facto, onde e com quem vivia», salientou.

A filha de Estaline decidiu trocar a União Soviética pelos Estados Unidos em 1967, quando

se encontrava em Nova Deli a assistir às exéquias do seu segundo marido, de nacionalidade hindu, deixando os dois filhos de 18 e 22 anos.

Após um novo casamento fracassado com o arquitecto norte-americano William Peters, em 1970, fixou residência na Grã-Bretanha, até que, há um mês, pediu à Embaixada do seu país em Londres o regresso à URSS.

Svetlana, autora de dois livros de crítica ao seu país e ao regime soviético, foi privada, por decreto, da nacionalidade soviética e considerada uma «traidora à pátria».

No momento do seu regresso, em Outubro, foi-lhe retribuída a nacionalidade soviética, que foi também concedida a sua filha Olga. Segundo a mãe, ela escolherá, quando for maior, onde quer viver.

Svetlana terminou a conferência de imprensa afirmando que deseja viver tranquilamente em Moscovo e, dirigindo-se aos jornalistas estrangeiros, disse: «Vamos deixar-nos em paz depois desta conferência».

Nada a ver com a si

O “Nimí” em “exer”

O secretário norte-americano da Defesa, Caspar Weinberger, disse hoje que os Estados Unidos não têm provas específicas de que a Nicarágua se esteja a armar para invadir países vizinhos.

A afirmação foi feita à cadeia de televisão CNN por Weinberger, que contudo acrescentou que a Nicarágua está a receber material militar que «excede em muito o que é necessário para a

Não chegou para uma c

— afirmou o presic

O presidente soviético, Konstantin Tchemenko, disse numa entrevista difundida ontem nos Estados Unidos que não chegou ainda o momento para uma cimeira com o presidente norte-americano, Ronald Reagan.

Mas na sua resposta a perguntas colocadas pela cadeia de televisão norte-americana NBC, que divulgou uma transcrição da entrevista, Tchemenko declarou que uma cimeira poderá ser fixada no futuro, desde que se preveja que ela venha a fornecer resultados.

Tchemenko afirmou que uma cimeira EUA-URSS poderia contribuir com «um ímpeto poderoso para o desenvolvimento construtivo das relações mútuas, se de uma tal reunião resultar a obtenção de objectivos bem definidos».

Mas adiantou: «Poderemos dizer que as condições estão agora preenchidas para uma reunião cimeira americano-soviética, a fim de alcançar os resultados esperados? Francamente, não penso que estejam».

«Quando existir confiança relativamente ao êxito e aos resulta-

Arafat não cede

Yasser Arafat não revogará a sua decisão de reunir o Conselho Nacional Palestino (CNP) no dia 22 em Amã, apesar da pressão de diversas organizações palestinas, afirmaram observadores políticos na capital da Tunísia.

Apesar da principal componente da OLP, Fatah, e da Aliança Democrática se oporem a uma reunião «precipitada» do CNP, os preparativos para esta sessão parlamentar já começaram e tudo indica que Arafat não cederá.

A Fatah e a Aliança Democrática reuniram-se ontem, mas não deixaram transparecer quaisquer conclusões das conversações mantidas, limitando-se a referir

que não há qualquer relação com a reunião apazada para a capital da Jordânia.

Abu Iyad, dirigente da Fatah afirmou em Damasco que considera esta sessão do Conselho nacional «uma questão de vida ou de morte para a causa palestina».

Segundo fontes locais, a normalização de relações da OLP com a Síria e com o Egipto figurará na ordem do dia da reunião de Amã.

Entretanto, em Damasco, o chefe de uma das quatro organizações palestinas que exigem a demissão de Arafat anunciou a realização de uma «reunião para-

lela», espécie de «contra-CNP».

Por seu turno, a Aliança Democrática, vinculada à Fatah pelo acordo Aden-Argel, solicita que a reunião de Amã seja adiada para depois de uma reunião do comité executivo da OLP.

Neste momento, resta saber se a reunião do CNP terá «quorum» — dois terços de presenças — no que os partidários de Amã confirmam, ou se, pelo contrário, como afirma o presidente da CNP, Jalel Al Fahum, que se negou a convocar o Parlamento. A maioria dos membros teria expressado já a sua intenção de não comparecer — comentam observadores citados pela ANOP.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

SERVIÇO DE MÚSICA

BALLET GULBENKIAN

Director Artístico: Jorge Salavisa

Temporada 1984/85

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN

PROGRAMA I

Novembro

quarta, 21 - 21.30 h

quinta, 22 - 18.30 h

sexta, 23 - 21.30 h

sábado, 24 - 16 e 21.30 h

ESTRANHOS TRANSEUNTES

Coreografia Vasco Wellenkamp/música: Steve Reich

LABIRINTOS (estreia absoluta)

Coreografia: Vasco Wellenkamp/música: L. Berio,

Stravinsky e Rochberg

SINFONIA EM RÉ

Coreografia: Jiri Kylian/música: Hayatn

1.ª Plateia, 400\$00; 2.ª Plateia, 300\$00; Balcão, 200\$00

Desconto de 50% para jovens até aos 18 anos, estudantes universitários até aos 25 anos, e sócios da Juventude Musical Portuguesa e da Associação Portuguesa de Educação Musical.

Bilhetes à venda

II PROGRAMA: de 14 a 16 de DEZEMBRO

CALÇADOS

de

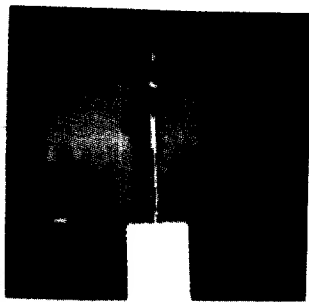
ANDANTE

EDUARDO BRAGA & C.ª LD.ª

V.N. de Gaia

Acaba de receber em Madrid o

TROFEU INTERNACIONAL — TRADICION Y PRESTIGIO —



Deseja publicamente, compartilhar este galardão com:

- Eduardo Braga — Fundador (a título póstumo)
- Os seus trabalhadores
- Pela dedicação, zelo e competência
- Clientes nacionais e estrangeiros
- Pela preferência dos seus produtos
- Fornecedores — Pela qualidade das matérias-primas fornecidas
- Banca — Pelos financiamentos e serviços, eficientemente prestados
- IAPMEI e ICEP — Pelo apoio e estruturas criadas para o incremento das suas exportações

Para todos o seu muito obrigado.

A Gerência

NOVEMBRO DE 1984

situação na Nicarágua?

"Nimitz" anda pelas Caraíbas

exercícios de rotina

defesa dum país com o seu tamanho

No princípio da semana, o porta-voz do Pentágono tinha dito que existe o perigo de que a Nicarágua invada as Honduras e El Salvador, mas não deu provas para sustentar a afirmação.

Segundo Weinberger, os envios de armas soviéticas para a Nicarágua excederão este ano as 15 mil toneladas, em comparação com as 890 de 1981.

Entretanto, o porta-aviões norte-americano "Nimitz" dirige-se para as Caraíbas para exercícios navais "de rotina", a partir deste fim-de-semana, afirmou hoje um funcionário do Pentágono.

O funcionário acrescentou que a presença do "Nimitz" em águas das Caraíbas "não tem a ver com a América Central ou

com a Nicarágua".

O porta-aviões fará exercícios durante dez dias perto de Porto Rico, disse, mas não participará nas manobras navais que estão a ser feitas também perto de Porto Rico por 25 navios da marinha dos Estados Unidos.

Entretanto, a televisão nicaraguense anunciou ontem à noite que os três barcos soviéticos que chegaram à Nicarágua levam alimentos.

Gensher vai à Polónia em visita oficial

O ministro alemão federal dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Gensher, visitará oficialmente a Polónia de 21 a 23 do corrente — anunciou sexta-feira o seu Ministério.

O comunicado adianta que Gensher se deslocará a convite do seu homólogo polaco, Stefan Olszowski.

A deslocação segue-se a uma outra efectuada em Outubro pelo primeiro-ministro grego, Andreas Papandreu, que foi a mais destacada figura de um país da

NATO a visitar Varsóvia desde que a lei marcial foi imposta e que a central sindical "Solidariedade" foi proibida em Dezembro de 1981, diz as agências NP.

Nos últimos tempos tem-se assistido, segundo observadores citados pela mesma agência a um levantamento gradual das sanções do "ocidente" contra a Polónia, desde que a lei marcial foi levantada em Julho de 1983.

Fontes diplomáticas indicaram que Gensher se deverá encontrar com o primeiro-ministro pola-

co Wojciech Jaruzelski, e que o principal assunto a abordar será o retar do diálogo Leste-Oeste, na sequência da reeleição do presidente norte-americano, Ronald Reagan.

Esta visita de Gensher esteve em causa no Verão passado, após uma onda de acusações polacas segundo as quais a República Federal da Alemanha pretendia alargar as suas forças militares e recuperar território alemão de antes da Segunda Guerra Mundial.

ou ainda o momento

cimeira com Reagan

residente da URSS

dos positivos de uma reunião cimeira, então não será difícil estabelecer uma data para a realização de tal reunião.

Tchernenko declarou que a prioridade para a União Soviética e os Estados Unidos era um acordo sobre a limitação e redução dos armamentos, particularmente as armas nucleares. Tchernenko declarou que em Moscovo se está preparado para trabalhar "com vigor" para esse fim.

Referindo-se aos assuntos, do nosso ponto de vista urgentes e objectivamente mais facilmente resolvíveis, o dirigente soviético citou um acordo acerca da prevenção da militarização do Espaço, o congelamento das armas nucleares e um acordo sobre "uma interdição completa e geral dos testes de armas nucleares".

"Se as declarações que estão a ser ultimamente produzidas em Washington acerca do desejo de procurar soluções para os problemas da limitação dos armamentos, não ficarem apenas por palavras, poderíamos, finalmente, arrancar para relações mais normais", disse.

"Para resumir, o que se torna necessário é que os EUA se juntem a nós na busca de soluções práticas para os problemas concretos".

As despesas da NATO

Parlamentares da NATO, incluindo oito deputados portugueses, reafirmaram hoje o seu apoio a um aumento anual de três por cento das despesas militares dos países membros, fixado pela Aliança.

Contudo, a assembleia do Atlântico Norte, reunida em Bruxelas, insurgiu-se contra medidas propostas no Congresso de Washington, de reduzir a presença militar norte-americana na Europa se os "outros" membros da Aliança não atingirem esse objectivo.

Uma resolução aprovada por este órgão consultivo, reagrupando 184 parlamentares, recomendou aos países membros da NATO o reforço das suas defesas convencionais, acrescentando que a redução da dependência

sobre as armas nucleares é essencial para manter o apoio da opinião pública.

A resolução reflecte uma alteração nas prioridades da NATO, realçando a importância das forças convencionais em desfavor dos armamentos nucleares, afirma a agência NP.

A maioria dos parlamentares norte-americanos concordou com os delegados europeus num apelo aos Estados membros para "não tomarem medidas unilaterais que possam enfraquecer a posição militar e a coesão política da Aliança".

Esta frase constitui uma crítica implícita a iniciativas do senador norte-americano Sam Nunn, destinadas a diminuir progressivamente o contingente militar dos Estados Unidos na Europa, "se os europeus não aumentarem as suas despesas de defesa".

Cooperação espacial

Os Estados Unidos e a União Soviética poderão realizar uma manobra espacial conjunta de salvamento simulado em Outubro de 1985, disseram hoje fontes da administração Reagan ao "Washington Post".

O objectivo da missão, segundo as fontes, será o teste da capacidade tecnológica espacial dos dois países para salvar astronautas perdidos ou presos no Espaço.

Contrariamente ao voo "Apollo-Soyuz", realizado em 1975, e em que as naves norte-americana e soviética estiveram acopladas no espaço durante dois dias, o novo projecto prevê simplesmente uma manobra de aproximação de um veículo à estação orbital soviética "Salyut".

O presidente Ronald Reagan assinou há poucos dias a prorrogação de um acordo de cooperação espacial com Moscovo, que tinha expirado em 1982.

Segundo fontes citadas pelo "Post", ensaiar um salvamento espacial é "uma ideia apropriada para o momento".

Segundo o projecto em discussão, serão eventualmente utilizadas as "cadeiras espaciais" que os astronautas soviéticos também poderão experimentar.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA 2.º JUÍZO

ARREMAÇÃO

Faz Público que no dia 26 de Novembro pelas 10 horas, na secretaria deste Tribunal sito na R. Bramcamp, 5-4.º Eq.º se há de proceder à venda em hasta pública pelo maior lance que for oferecido, dos seguintes bens penhorados a Hermogenes Martins Gomes Lda. com sede na R. dos Franqueiros, 65-5 letra C, na encc. n.º 844/81, que lhe move a Fazenda Nacional.

1.º AUTO

Verba n.º 1 - 1 frigorífico, 1 secretária lbeada c/1,05x0,53 m, 1 mesa para dactilografia, 4 cadeiras estofadas a napa, 1 secretária mod. pé de galo, 1 mesa de reuniões c/1,90x0,90 m, 1 estirador de madeira c/1,00x1 m, dois bancos para desenhador e uma cadeira com rodinhas forrada a napa, tudo em regular estado de funcionamento e conservação, a que atribuímos o valor presumível de quinze mil escudos (15 000\$00).

Verba n.º 2 - 1 secretária metálica c/1,82x0,70 m, 1 candeeiro articulado para desenho, 2 secretárias famo c/1,05x0,70 m, um estirador metálico c/1,20x0,90 m, 1 mesa c/5 gavetas, tampo de fórmica, 15 estantes de madeira, 3 estantes de Dexion c/9 portas de madeira, 1 convetor eléctrico ambiente e 1 secretária em madeira c/gavetas, tudo em regular estado de funcionamento e conservação, a que atribuímos o valor presumível de trinta mil escudos (30 000\$00).

Verba n.º 3 - 1 estirador estofado c/prancheta, 2 secretárias c/a referência 20120, armários Cocomo, 2 ficheiros metálicos c/6 gavetas (armazen II), 1 estante armário referência 2015, tudo em regular estado de funcionamento e conservação, a que atribuímos o valor presumível de quarenta mil escudos (40 000\$00).

Verba n.º 4 - 1 estante armário referência 2016, prateleiras, 1 cadeira referência 22360, 1 mesa para telefone referência 20202, 1 cadeira serviço referência 22376, prateleiras (Cocomo) um armário de casa-de-banho e um ficheiro para contabilidade, tudo em regular estado de funcionamento e conservação a que atribuímos o valor presumível de quarenta e cinco mil escudos (45 000\$00).

Verba n.º 5 - 1 secretária Movequipa, 1 cadeira mod. 004 Movequipa, 4 cadeiras mod. 001 Movequipa, duas mesas para telefone mod. 800 Movequipa, 1 secretária referência 803 Movequipa, 1 arquivo ref.º 750 Movequipa, prateleiras Cocomo, 1 secretária e uma cadeira Cocomo, 1 mesa para telefone Cocomo, 1 armário Movequipa, e 1 mesa para telefone Cocomo, tudo em regular estado de funcionamento e conservação a que atribuímos o valor presumível de cento e setenta mil escudos (170 000\$00).

Verba n.º 6 - 1 aspirador, 1 armário Apolo, prateleiras, um estirador c/prancheta, 1 arquivo ref.º AO, 1 charmeiro ref.º AO, tudo em regular estado de funcionamento e conservação a que atribuímos o valor presumível de sessenta e cinco mil escudos (65 000\$00).

Verba n.º 7 - 1 máquina calculadora electrónica Uniko-Joller, 1 máquina de escrever Meesa Crapi, 2 calculadoras electrónicas Teza TWS100, 1 calculadora electrónica IME 231PD, 1 calculadora electrónica Pemtronics tudo em regular estado de funcionamento e conservação a que atribuímos o valor presumível de trinta mil escudos (30 000\$00).

Verba n.º 8 - 1 máquina de calcular electrónica programável mod. 12FPD, 1 máquina de escrever Hermens, 1 máquina de escrever Precisa, uma máquina de escrever Adler, 1 máquina de calcular, 1 máquina de somar, 2 máquinas de calcular ES EEPW, 1 máquina de calcular EEPD 124, 1 máquina fotopiadora Apeco mod. 626, tudo em regular estado de funcionamento e conservação a que atribuímos o valor presumível de trezentos e setenta e cinco mil escudos (275 000\$00).

Verba n.º 9 - O direito e acção e trespasse e arrendamento do escritório comercial instalado na cave do lado direito e lado esquerdo do prédio urbano sito na R. Gorgel do Amaral, número quatro bem como as respectivas instalações eléctricas e da água, a que atribuímos o valor presumível de um milhão de escudos (1 000 000\$00) é o senhorio a Sociedade Agrícola Rebelo Consiglier, Lda., representada por Audite, Lda., com sede na R. Tomás Ribeiro, 41-4.º E em Lisboa.

2.º AUTO

Verba n.º 1 - 1 máquina de escrever, marca Olivetti, em regular estado de funcionamento e conservação, a que atribuímos o valor de quatro mil escudos (4000\$00).

Verba n.º 2 - 2 secretárias metálicas com tampo forrado a fórmica e 2 cadeiras metálicas forradas a napa, tudo em regular estado de conservação a que atribuímos o valor total presumível de dezotto mil e cem escudos (18 100\$00).

Verba n.º 3 - O direito e acção de trespasse e arrendamento do escritório comercial instalado no 5.º andar letra C, do prédio urbano sito na R. dos Franqueiros, 65 em Lisboa, composto de 2 divisões e sanitário bem como as respectivas instalações eléctricas e da água, a que atribuímos o valor presumível de cem mil escudos (100 000\$00) é o senhorio a Soc. Comercial de St.ª Justa com sede na R. Sousa Câmara, n.º 126-z/c, em Lisboa.

3.º AUTO

Verba única - O direito e acção de trespasse e arrendamento do armazém "E" comercial instalado no 5.º piso, e (respectiva galeria) do prédio urbano, situado na zona dos armazéns da Matilha, adjacente à Fábrica Militar de Braço de Prata, zona sita na Av. Infante D. Henrique, Lote A, da freguesia dos Olivais, concelho de Lisboa, bem como as respectivas instalações eléctricas e da água, a que atribuímos o valor presumível de quinhentos mil escudos (500 000\$00), é o senhorio a Companhia de Seguros Império, EP, com sede na R. Garrett, 82 em Lisboa.

Ficam citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos.

Lisboa, 8 de Novembro de 1984

O Juiz de Direito
(assinatura legível)

A Liquidadora Principal
(assinatura ilegível)

"D.L. - 17/11/84 - 2.º Pub

«SOCIEDADE COMERCIAL SANTOS & LOUREIRO, LIMITADA»

CERTIFICADO

Que por escritura de vinte e quatro de Outubro do corrente ano, lavrada de folhas 1.ª a 2.ª, do livro de notas para escrituras diversas numero 312-A, do Primeiro Cartório Notarial de Almada, a cargo do notário licenciado Jose Manuel Cabral de Matos Oliveira, foi constituída entre Ildio Marques de Loureiro e Manuel Coelho dos Santos uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada com denominação em epigrafe e sede na Praça Cinco de Outubro, lote cento e quarenta e nove, cave direita, em Forte da Casa, em Póvoa de Santa Iria, concelho de Vila Franca de Xira, a qual se rege pelos artigos constantes da fotocopia que segue, a qual tem aem desta mais tres folhas, fotocopia que está conforme o original na parte aplicada.

Almada, aos vinte e cinco de Outubro de mil novecentos e oitenta e quatro.

O Notário

Jose Manuel Cabral de Matos Oliveira

ARTIGO PRIMEIRO

UM. A sociedade adopta a denominação de SOCIEDADE COMERCIAL SANTOS & LOUREIRO, LIMITADA, e tem a sua sede provisória na Praça Cinco de Outubro, lote cento e quarenta e nove, cave direita, em Forte da Casa, em Póvoa de Santa Iria, concelho de Vila Franca de Xira;

DOIS. A gerencia poderá decidir a criação de sucursais, filiais ou outras formas de representação em Portugal ou no estrangeiro, bem como transferir a sede;

ARTIGO SEGUNDO

A sociedade tem por objecto o comercio de importação e exportação em geral.

ARTIGO TERCEIRO

A sociedade tem uma duração indeterminada, a contar de hoje.

ARTIGO QUARTO

O capital social, inteiramente liberado é de QUINHENTOS MIL ESCUDOS, representado por duas quotas iguais de DUZENTOS E CINQUENTA MIL ESCUDOS, pertencentes, cada uma, a cada um dos sócios.

ARTIGO QUINTO

UM. O capital poderá ser aumentado, uma ou mais vezes, por deliberação em Assembleia dos sócios representativos de tres quartos do capital social.

DOIS. No caso de aumento do capital, os sócios terão sempre o direito de preferencia na subscrição do aumento, na proporção do que já possuírem.

TRES. No caso de qualquer sócio não desejar exercer o seu direito, a sua posição será tomada, proporcionalmente, pelos restantes sócios interessados.

ARTIGO SEXTO

A Assembleia Geral poderá decidir que os socios sejam chamados a fazer suprimientos a sociedade, nos termos e condições a fixar pelos sócios representativos de tres quartos do capital social.

ARTIGO SETIMO

UM. A cessão e divisão de quotas entre os socios ou a favor de terceiros depende do consentimento dado em Assembleia Geral por socios representativos de tres quartos do capital social submetida as seguintes regras:

a) Se um sócio pretende ceder, total ou parcialmente, a sua quota, os restantes socios tem o direito de preferencia, nas condições indicadas no numero dois do presente artigo, que se não for por eles exercido, competirá, nos mesmos termos, a sociedade;

b) Para esse efeito, o cedente notificará os restantes socios por carta registada com aviso de recepção, mencionando o preço, a identidade do cessionário e as outras condições da operação proposta;

c) Os restantes socios comunicarão ao cedente, pela mesma via, no prazo de oito dias a contar da recepção da carta referida na alinea b) se desejam ou não exercer o seu direito;

d) Se varios socios desejarem exercer a sua preferencia, a quota ou quotas a ceder serão repartidas entre eles proporcionalmente a sua participação no capital da sociedade;

e) No caso de nenhum dos socios responder no periodo fixado, o cedente deverá obter o consentimento da sociedade, que no prazo de quinze dias, optará na cessão ou dara ou negará a sua autorização para ela.

DOIS. Para o efeito do exercicio do direito de preferencia, a sociedade fica obrigada a adquirir aquela quota pelo valor resultante do último balanço aprovado.

ARTIGO OITAVO

UM. No caso de penhora, arresto ou qualquer outra diligência que atinja uma quota social a sociedade poderá imediatamente, proceder a respectiva amortização, sendo o valor desta igual ao do último balanço aprovado.

DOIS. No caso de qualquer sócio desejar ceder a sua quota a outros socios ou a terceiros e não for dado consentimento para a cessão, nem exercido o direito de preferencia, a sociedade fica obrigada a adquirir aquela quota pelo valor resultante do último balanço aprovado.

ARTIGO NONO

UM. Além dos casos indicados no numero um do artigo anterior, a sociedade poderá amortizar a quota de qualquer dos socios, nos casos seguintes:

a) Quando o sócio titular da quota for declarado em estado de falência ou em estado de insolvência;

b) Venda, arrematação ou adjudicação judiciais da quota;

c) Exclusão do sócio titular ou sua exoneração;

d) Quando qualquer sócio transmitir a sua quota, mesmo a título gratuito, sem observância do disposto neste pacto social;

e) Sempre que o titular da quota deixe de poder dela dispor livremente, qualquer que seja o motivo designadamente o envolvimento da quota em qualquer responsabilidade;

f) Dissolução do sócio titular da quota;

ARTIGO DECIMO

UM. A sociedade obriga-se, em qualquer acto ou contratos, pela assinatura de um só gerente.

DOIS. Os socios fundadores ficam, desde ja, nomeados gerentes, sem necessidade de caução, e pelo periodo de tres anos, podendo ser reeleitos.

TRES. A sociedade poderá constituir mandatários ou procuradores, não só nos termos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial, mas ainda para qualquer outros efeitos.

ARTIGO DECIMO PRIMEIRO

UM. A Assembleia Geral Ordinária reúne uma vez por ano, para discutir, aprovar ou alterar o relatório e contas do conselho de gerência e para discutir e deliberar sobre qualquer outra matéria incluída na convocatória.

DOIS. A Assembleia Geral extraordinária será convocada por qualquer gerente.

TRES. A convocação das Assembleias Gerais será feita por carta registada enviada com oito dias de antecedência, se a lei não exigir outra forma.

Essas formalidades serão dispensadas quando se encontrem presentes ou representados todos os socios.

QUATRO. Os socios podem fazer-se representar nas Assembleias Gerais, por outros socios, através de simples carta mandadeira.

ARTIGO DECIMO SEGUNDO

No caso de dissolução da sociedade, serão liquidatarios os gerentes em exercicio a data em que for votada a dissolução e liquidação da sociedade e o activo e passivo será adjudicado ao sócio que melhor preço e melhores condições de pagamento estiver oferecer.

ARTIGO DECIMO TERCEIRO

Para as questões emergentes do presente contrato e escolhido o foro da comarca de Lisboa.

D.L. 17/11/1984

Fome em África

Nyerere acusa: "Agora é muito tarde"

O presidente da OUA, o tanzaniano Julius Nyerere, acusou ontem, em Adis Abeba, as nações ocidentais de terem demorado demasiado tempo na ajuda às vítimas da fome em África.

O presidente tanzaniano eleito também presidente da OUA, afirmou que a África já há meses que alertara para os perigos decorrentes da prolongada seca que está a afectar diversos países do continente, mas os países ricos da Europa e os Estados

Unidos "não acreditaram em nós e agora já é muito tarde".

A ajuda só chegou quando as imagens da situação foram divulgadas pela Televisão — adiantou Nyerere, no discurso efectuado um dia depois do encerramento da vigésima cimeira da Organização de Unidade Africana, na capital da Etiópia.

"É uma vergonha que uma só pessoa no mundo morra de fome, apesar de haver muita comida".

"Na Europa existe comida demais que se estraga, enquanto há pessoas em África a morrer à fome" — disse.

As nações ricas não têm qualquer desculpa para não ajudarem os famintos. Elas tem comida e os meios de transporte para a fazerem chegar até África. Nem sequer podem dizer que desconhecem a situação" — acusou o actual presidente da OUA.

O presidente da Tanzânia,

abandonou igualmente o caso das dividas dos países do Terceiro Mundo, apelando a que usem "o poder das suas dividas".

"Agora que os pobres tem esse poder, recusam-se a usá-lo" — disse. "Quando será que vamos acordar?" — perguntou Julius Nyerere, que comentou: "Oxalá o meu país tivesse uma divida de 100 milhões de dólares; simplesmente recusar-me-ia a pagá-la".

Aliança contra "comida rápida"

M brinde com Marsala velho assinalou uma aliança gastronómica entre a Itália e a França para combater a chamada «fast-food» (a comida rápida), considerada pelos amantes da boa mesa como «uma aberração».

Em Veneza, 250 catedráticos da Academia Italiana da Cozinha, debateram durante três dias sobre a imagem e a realidade da cozinha italiana.

O conde Giovanni Nuvoletti Perdomini, titular da Academia, saudou com o tradicional brinde veneziano os assistentes ao congresso que reuniu antigos rivais culinários — a Itália e a França — numa frente comum para salvar a velha afirmação de que «ante uma boa mesa não se envelhece».

«Aos que nos acusam de fazermos arqueologia — disse o conde — respondemos com esta reunião, seriamente inspirada na reali-

dade actual e dirigida ao futuro próximo». A região de Veneza, a municipalidade e a direcção de turismo colaboraram para a realização do congresso.

De França participou nada menos que Henry Gault, co-autor de uma das «biblias» culinárias e inspirador, em 1963, da chamada «nouvelle cuisine» francesa.

A «nouvelle cuisine» representou uma reacção aos alimentos excessivamente elaborados e uma reivindicação da cozinha francesa, com cozidos breves e sem complicados molhos.

A «nouvelle cuisine» veio acrescentar-se a famosa dieta mediterrânica italiana que completou a revolução sobre hábitos culinários destinados a conservar todos os alimentos possíveis em azeite, vinagre, açúcar ou sal, gordura ou, até mesmo, aguardente, permitindo receitas que raiavam o absurdo.

O acordo entre a França e a Itália levou, agora, a um consenso quanto a uma cozinha moderna e aberta, baseada nas normas fundamentais, que se antepõem ao «fast-food».

Os italianos bebem hoje menos vinho, sentam-se menos à mesa e 75 por cento da população não come em casa nas horas de trabalho. Assim, pouco a pouco, surgiram as «hamburger houses» que assinalam a queda do país em matéria gastronómica.

Alberto Migliani, um dos académicos, assinalou que a crítica à «fast-food» deveria ser apresentada como uma traição aos princípios fundamentais da cozinha.

Mas, acrescentou «se queremos adequar-nos aos tempos, à celeridade da vida moderna, teremos que fazer comidas rápidas, mas como devem ser feitas».

Uma tulipa polar

Numa mina esgotada, a 700 metros de profundidade, florescem 12 espécies de tulipas, 9 espécies de narcisos, cactos e palmeiras — revela o jardim botânico da cidade polar de Murmansk, na península de Kola.

O equipamento da estufa, chamada «casa das flores» é simples.

Nas galerias horizontais foram instaladas prateleiras e fornecida a iluminação e ventilação necessárias.

As estufas não precisam de aquecimento, pois a tal profundidade a temperatura mantém-se sempre regular e positiva.

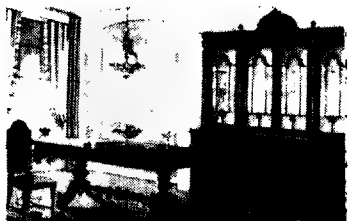
O jardim botânico superior, situado entre as montanhas Khibiny, possui uma colecção de mais de 700 tipos de plantas tropicais e subtropicais, sendo o primeiro jardim botânico polar do mundo.

Armazéns de Móveis

BEIRA RIO

de António Carloto

Móveis
em
todos os
estilos



Para vossa
interesse
consultem
os nossos
preços

VENDAS:

Rua Miguel Bombarda, N.º 1, 222 e 222-A
Rua Serpa Pinto, 43 e 45

Tel 2072448
BARREIRO

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SINTRA

ANÚNCIO

Proc. n.º 4240 C.P.
1.º Juízo
1.ª Secção

O DR. ADÉRITO P. BRAZÃO DE CARVALHO, JUIZ DE DIREITO DO 1.º JUÍZO DO TRIBUNAL JUDICIAL DE SINTRA, FAZ SABER que, no dia 3 do próximo mês de DEZEMBRO, pelas 11.30 horas, no Tribunal desta Comarca, na Execução Sumária que o Banco Português do Atlântico move contra Tinturaria Camboarnas (Processo n.º 9651 da 1.ª Secção do 2.º Juízo Ci-

vil de Lisboa) com sede na Quinta do Papel, no Cacém, há-de ser posto em praça para se arrematarem ao maior lance oferecido, acima do valor indicado no processo, duas máquinas industriais.

Sintra, 7 de Novembro de 1984
O Juiz de Direito
Ass. Adérito P. Brazão de Carvalho
O Escrivão de Direito
Ass. Nunes Pereira

«D.L.» - 17/11/84 - 1.ª Pub.

AD-HOC

PREPARAÇÃO ESPECÍFICA

TEL: 704041



ALMASOM
Sociedade Comercial de Equipamentos de Alta Fidelidade, Lda.
(com a mesma Gerência do Centro Comercial de Electrodomésticos da Costa da Caparica)

Sensacional Inauguração em 17 de Novembro
no Centro Comercial / ALMA em ALMADA (LOJA 21)

Venha visitar-nos. Temos muito do que precisa e lhe agrada. Damos brindes a todos que nos visitarem no dia da inauguração.

MATERIAL DE SOM - TV VIDEO - ELECTRODOMÉSTICOS - CASSETES DE VIDEO E ÁUDIO

As melhores marcas aos melhores preços

Durante o período da inauguração **VENDEMOS A PREÇOS EXCEPCIONAIS**

As melhores condições em Clube de Video (250 números ao seu dispor)

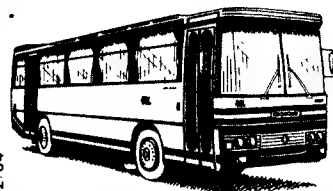
RUA LUÍS DE QUEIRÓS, 26-J e 26-L (LOJA 21)
(Em frente à Escola Emídio Navarro)
Telef. 275 31 47 - 2800 ALMADA

EXPRESSOS RN ALFAGAR

(LISBOA/FARO/LISBOA)

ALTERAÇÃO
DE HORÁRIOS
INÍCIO 12.11.84

08215	14030	LISBOA		13345	22035
08225	14035	C. SUL (C. PIEDADE)	P	13355	22035
14035	14047	SETÚBAL	C	13365	21340
14045	14050	MEMOIA	P	13375	21345
	14055	ALJOUFEI	C	11330	20300
11300		C. VERDE	P		19345
12005		C. VERDE	C		19355
12015	14045	CORROE	P	11300	19325
12025	17000	SANTANA DA BARRA		14045	19310
12035	17030	MESEDES (X)		14055	19340
12045		PADRENE		04035	19325
12055	17000	(PUGATÓRIO)			
12065	14030	FERRERAS	P	04045	14015
12075	14040	VILAMOURA (X)	C	04055	14010
14022		ESTRADAS			17340
14025		ALMADA (Café Cook)		04020	17345
14035	14025	LOULÉ		04030	17335
	14045	FARO			



EFFECTUA-SE DIARIAMENTE

RN RODOVIA
NACIONAL

PARA
MAIS
INFORMAÇÕES

LISBOA - Telefones 72 58 07 -
72 58 32 - 72 58 54
(Dias úteis das 08H00 às 20H00)



RTP
concurso



NOME

Idade Profissão

Morada

Localidade Cod. Postal

Telefone

Freguesia Concelho

Tem televisor? N.º Licença

ACOMPANHANTE

Idade Profissão

IMPORTANTE: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso Um, Dois, Três, Apartado 4315 - 1508 Lisboa Codex

DESPORTO

FC Porto inconformado

Castigo federativo terá recurso

O F. C. Porto vai recorrer da decisão do Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol, disse ontem à noite, aos jornalistas, o presidente da direcção, Jorge Nuno Pinto da Costa, no decorrer de uma assembleia geral extraordinária que teve lugar no Pavilhão Secundário das Antas.

Recorde-se que o castigo agora imposto aos «azuis e brancos» (dois jogos de interdição) multa de 10 contos e uma indemnização de 915 475 escudos para o Boavista — resultado de um processo disciplinar que foi levantado na sequência dos incidentes que se registaram no Estádio do Bessa, no dia 2 de Setembro último, já depois de terminado o encontro Boavista - F. C. Porto, conforme foi então noticiado pelo «DL».

Saliente-se, entretanto, que o F. C. Porto só será notificado desta decisão na próxima segunda-feira, facto que levou o presidente portista a afirmar: «O que sabemos foi-nos transmitido pelos jornalistas. Oficialmente, o clube ignora tal decisão e, consequentemente, só se pronunciará quando isso acontecer. Se o que nos disseram se confirmar, lamentamos desde já que a decisão tenha sido divulgada antes de o clube visado ser notificado».

Dado os prazos para a apresentação do recurso, o encontro F. C. Porto - Sporting, marcado para o próximo dia 25, realizar-se-á no Estádio das Antas. Caso não haja recurso, o F. C. Porto cumprirá o castigo frente ao Chaves (a contar para a «Taça») e ao Vizela (16 de Dezembro). No caso de haver recurso (hipótese mais do que provável) o castigo (se for confirmado) só terá lugar depois de conhecido o resultado.

Reunidos ontem à noite, em assembleia geral extraordinária, os sócios do F. C. Porto aprovaram, entretanto, a nova tabela de cotização proposta pela direcção que passa a ser a seguinte: sócios de bancada, 500 escudos (antes pagavam 250\$000), bancada-senhoras, 200\$000 (150\$000), superior-homens, 350\$000 (250\$000) e senhoras 150\$000 (100\$000). Os menores pagarão uma cota de 100\$00 se forem sócios de bancada, e de 60\$00 se forem da superior.

A assembleia terminaria em ambiente de grande fervor clubista, com os sócios «azuis e brancos» a aprovarem por aclamação um voto de louvor à atleta Aurora Cunha.

Árbitro

Coordenador ou disciplinador?

Com a autoridade advinda do mais alto cargo da hierarquia do futebol mundial disse um dia já distante, Stanley Rous (durante muitos anos a ocupar a cadeira que hoje é muito legitimamente pertence ao nosso amigo João Havelange) que o árbitro é a figura fulcral do jogo.

Uma tese incontestável face à importância tida no desenrolar do espectáculo das decisões assumidas pelo «juiz» da partida. Muito por isso, os latos poderes que a lei lhe confere na aplicação da matéria que legisla o jogo. Entre nós (e por esse mundo fora) continua-se a não atribuir ao árbitro a inquestionável importância que o seu labor consagra dentro das quatro linhas onde se desenvolve a arte dos intérpretes. São constantes as acusações vindas de dirigentes, treinadores, atletas e público sobre o comportamento do coordenador (que não disciplinador) do jogo, sendo vulgar apontar erros de julgamento por nitida ignorância das leis por parte dos autores das teses acusatórias. No que se refere à difícil tarefa de julgar no acto da falta pensamos que tarda cultivar-se o sentimento de tolerância e compreensão, e, quanto à capacidade psicológica do árbitro quando porventura cometa qualquer erro de julgamento (recusamos aceitar que



Indisciplina: uma constante (lamentável) nos recintos de futebol que importa eliminar

existam erros premeditados) não valerá a pena referir o notável arcaísmo (desculpe-se o plebeísmo do termo) para arrostar com acusações infundadas, simulações e mentiras dos jogadores, ameaças físicas de espectadores exaltados, ofensas saídas dos titulares do banco onde poissam os responsáveis e por aí fora. Logo, quando o árbitro comete qualquer erro já tem por avar um largo património moral.

A causa da arbitragem

pretende-se (e deseja-se) fortemente moralizada e para isso importa que os árbitros tenham espírito de unidade (que não se vislumbra) e os demais interessados lhe dediquem a compreensão que as dificuldades determinam. Quanto aos jogadores convirá que tenham presente que ao árbitro não cumpre o papel de disciplinador por ser, exclusivamente, o coordenador do jogo.

A.H.

MICROSEPIO

Alverca: Mini-Maratona

Integrada nas comemorações do 10.º aniversário da fundação, a União Desportiva e Cultural de Aldeia do Sobralinho promove, pelas 10 horas de 18 do corrente, uma mini-maratona na distância de 14 quilómetros. A prova está aberta a juniores, seniores e veteranos, de ambos os sexos, com inscrição gratuita na sede da UDCAS (Aldeia do Sobralinho, telefone 2501637).

XADREZ NO BELENENSES. O Dia Universal do Xadrez é comemorado pelo Clube de Futebol «Os Belenenses», por intermédio da sua Secção de Xadrez, que também aproveita a oportunidade para dar por findas as comemorações decorridas pelo 65.º Aniversário, na sala sita no Estádio do Restelo, na tarde de 19 de Novembro, com a distribuição dos prémios do torneio previamente efectuado.

PAVILHÃO EM ALTER. A vila de Alter do Chão, distrito de Portalegre, ficará equipada até Junho do próximo ano com um pavilhão gímnodesportivo — disse o presidente da Câmara local.

A construção do pavilhão, cujas obras se encontram em curso, custará cerca de 40 milhões de escudos, suportados pela Câmara Municipal, prevenido-se, no entanto, o apoio da Direcção-Geral do Equipamento Rural e Urbano.

Nacionais de futebol

Penafiel, Faro e Alvalade no triângulo das emoções

Depois da pausa provocada para a (triste) operação Suécia, que se saldou por duas contundentes derrotas para o nosso emblema, voltam a abrir-se os palcos de todo o País para dar recomeço aos campeonatos internos. Assim, para o escalão maior, teremos pelas 15 horas de amanhã o Penafiel-Porto que será «conduzido» sob a jurisdição do árbitro aveirense Raul Ribeiro, Farense-Benfica com Carlos Valente (Setúbal) a dirigir e mais os seguintes confrontos: Salgueiros-Boavista (Xavier Oliveira, do Porto), Guimarães-Portimonense (Hernâni Silva, do Porto), Académica-V. Setúbal (Sépa Santos, Lisboa), Varzim-Rio Ave (Isidro Oliveira, Porto) e pelas 16 horas Alvalade será palco para o encontro entre os sportinguistas de Lisboa e de Braga com o algarvio Francisco Silva na coordenação do espectáculo. Entretanto, nas divisões secundárias o programa é o seguinte:

Alcobaça-Mangualde, Francisco Passeiro (Lisboa); Bf. C. Branco-Est. Portalegre, Carlos Rebelo (Coimbra).

ZONA SUL

Atlético-Campinense, António Galrinho (Setúbal); União-Barreirense, Gonçalo Silva (Braga); C. Piedade-Lus. Évora, Vítor Correia (Lisboa); Torralta-Odivelas, Veiga Trigo (Beja); Sesimbra-Nacional, António Marçal (Lisboa); Estoril-Olhaneense, João Rosa (Évora); Est. Amadora-Amora, Vitorino Filipe (Faro); Marítimo-Montijo, Mário Luís (Santarém).

Campeonato Nacional da III Divisão

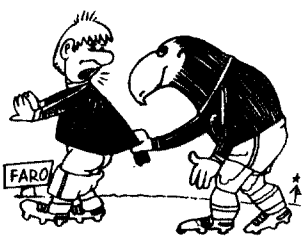
SÉRIE A

Esposende-Bragança, Evaristo Carvalho (Viana do Castelo); Moreirense-Monção, Carlos Carvalho (Porto); Merelinense-Montalegre, Artur Pinto (Porto); Vieira-Neves, António Resende (Porto); Ponte Barca-Valdevez, Fernandes Pereira (Braga); Vianense-Mirandela, Joaquim Grilo (Aveiro); Valenciano-Taipas, Miranda de Sousa (Porto).

SÉRIE B

Teixeira (Porto); Paivense-Oliveirense, Mendes Matos (Aveiro); Régua-Freamunde,

O traço de Pargana



Águia visita «filho de leão»

Bento Alves (Viana do Castelo); Infesta-Esmoriz, Coelho Marques (Vila Real); Vilanovaense-Amorante, Amorim Silva (Porto); Ermesinde-Ovarense, Júlio Bastos (Coimbra); Valadares-Paredes, Sá Pereira (Viseu); Cucujães-Lamas, Rocha Silva (Braga).

SÉRIE C

Acad. Viseu-Ol. Bairro, Fernando Peixoto (Vila Real); Penafiel-Porto, Aníbal Pereira (Porto); Mealhada-Naval, Américo Santos (Porto); Seia-Gouveia, José Guimaro (Coimbra); Santarém-Badense-Luso, João Geraldo (Coimbra); Belmonte-Os Marialvas, Manuel Silva (Guarda); Lus. Vildemoinhos-Viseu e Benf., Ribeiro Santos (Vila Real).

SÉRIE D

Portalegrense-El. P. Sor, Mário Sargento (Leiria); Part. Fátima-Alcains, Martins Neves (Leiria); Rio Maior-Os Nazarenos, Santos Luís (Coimbra); Almeirim-S.L. Marinha, Angélico Nunes (Lisboa); Alferrarede-Bombarralense, Joaquim Carvalho (Lisboa); Guinense-U. Santarém, Manuel Antunes (Lisboa); Lousanense-U. Tomar, Jorge Fachada (Leiria); Nisa e Benfica-Mirense, Henrique Santos (Santarém).

SÉRIE E

Charneca-Marinhais, Alberto Rodrigues (Setúbal); Águia Desp.-Tires, Agnelo Alexandre (Santarém); Vialonga-Ol. Moscaide, Jorge Miranda (Lisboa); Lusitânia-Oriental, Fernando Mendes (Faro); Samora Correia-Vilafranquense, Agostinho Santos (Leiria); Cacém-Almada, João Santana (Santarém); S.L. Olivais-Santa Clara, Vasco Silva (Funchal); Sacavenense-Campomaiorense, Heliodoro Saraiva (Setúbal).

SÉRIE F

Silves-Quarteirense, Andreilino Pena (Faro); Santiago do

Cacém-Esp. Lagos, Manuel Varrandas (Évora); Alvorense-U. Montemor, Manuel Amendoeira (Setúbal); Louletano-Moitenense, Silvério Pateiro (Évora); Aljustrelense-Beja, Vítor Nenê (Faro); Est. V. Novas-Lusitano V.R., Francisco Caroco (Portalegre); Juventude-Vasco da Gama, Fernando Costa (Lisboa); Quimigal-Com. Indústria, Manuel Montes (Faro).

Castigos

A disciplina continua fora dos recintos futebolísticos e semanalmente o Conselho de Disciplina da FPF é forçada a alicar severas punições aos faltosos. Assim, na jornada da «Taça» vários jogadores foram contemplados com castigos que vão dos seis jogos de suspensão (Fernando Pacheco, do Sporting Ideal, dos Açores) até uma dezena de punidos com um jogo. Multas, suspensões e processos disciplinares foram diversos. De realçar o castigo de 8 jogos ao futebolista junior Manuel Eurico dos Santos, do Bragança por (imaginem-se) tentativa de agressão ao trio de arbitragem.

Barão está «ok»

O futebolista Barão regressou quinta-feira aos estádios após cerca de seis meses de ausência motivada por uma grave lesão num joelho que necessitou de intervenção cirúrgica. O regresso de Barão ocorreu durante o encontro Portimonense-Alvorense, a contar para a Taça dr. José Júlio Martins, da Associação de Futebol de Faro.

Apesar da participação no jogo de quinta-feira, o técnico Manuel José não incluiu ainda Barão no lote de jogadores que farão parte da equipa que defrontará o Vitória de Guimarães.

Rui Águas em dúvida

Rui Águas está em dúvida para o jogo de Guimarães. Rui Águas,

lesionado no encontro de «esperanças» Portugal-Suécia, disputado terça-feira no Montijo, poderá não recuperar a tempo de ser incluído no lote dos convocados, segundo apurou a ANOP junto do treinador do Portimonense, Manuel José.

A equipa algarvia iniciou a viagem, via Lisboa, onde hoje realiza um treino no estádio de Alvalade, após o que continuará viagem rumo a Ofir, seguindo apenas amanhã para Guimarães.

Javi: dois meses no «estaleiro»

Os médicos da clínica de Valladolid onde foi operado o defesa espanhol do Farense Javi previam uma inactividade de no mínimo dois meses.

Gonzalez na Guarda

A Associação Desportiva da Guarda (da 2.ª divisão de futebol) contratou o técnico argentino Gonzalez para começar a treinar a equipa a partir de hoje. Gonzalez, que já esteve em Angola, jogou no Real Madrid, no Águia e, como técnico, levou o Penafiel à 1.ª divisão. Assinou com a Associação Desportiva da Guarda um contrato especial que se refere à pontuação a obter pelo clube, no campeonato.

ALFÂNDEGA DO PORTO
LEILÃO

AUTOMÓVEIS PARA APROVEITAMENTO DE PEÇAS

Para os devidos efeitos se torna público que no dia 27 do mês de Novembro, pelas 14 horas, se realiza no núcleo de leilões desta Alfândega, leilão de automóveis para aproveitamento de peças.

Os veículos poderão ser examinados nesta Alfândega durante os dias 19, 20, 21, 22 e 23, que antecedem o leilão.

Só poderão ser arrematados por sucateiros e comerciantes do ramo automóvel, que deverão fazer prova do pagamento da respectiva contribuição industrial.

NÚCLEO DE LEILÕES, 15 DE NOVEMBRO DE 1984
A ENCARREGADA

(Leopoldina Maria da Piedade Trevo de Vasconcelos)

Campeonato Nacional da II Divisão

ZONA NORTE

Lourosa-Marco, Sérgio Miranda (Viana do Castelo); Famalicão-Sanjoanense, Manuel dos Santos (Porto); Lixa-Paços Ferreira, Vitorino Gonçalves (Aveiro); Fafe-Aves, Miranda Dias (Coimbra); Valdevez-Leixões, Fernando Alberto (Porto); Sp. Espinho-Felgueiras, Pimenta Alves (Braga); Chaves-Gil Vicente, José Guedes (Porto); Feirense-Tirsense, Ramiro Santiago (Coimbra).

ZONA CENTRO

«O Elvas»-U. Coimbra, Ezequiel Feijão (Setúbal); Torriense-Covilhã, Raul Nazaré (Setúbal); Estarreja-Guarda, Júlio Mouco (Leiria); Águia-U. Leiria, Manuel Nogueira (Porto); Peniche-Caldas, Alder Dante (Santarém); Marinhense-Beira Mar, Pinto Correia (Lisboa);

DESPORTO

ponta esquerda

Seleção: Eusébio aponta o rumo



Eusébio teima em insistir que o rumo do nosso onze futebolístico é o México. Um voto de todos nós, mesmo depois do desaire sofrido na presente semana frente à turma sueca. Portugal a caminho do México, so que as barreiras são muitas e difíceis de traspor. Nós, como Eusébio, teimamos em confiar

Lito irá recorrer do insólito castigo

O futebolista Lito, do Sporting, afirmou à NP que vai recorrer do castigo aplicado pelo Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol que o suspendeu por três jogos.

Lito que se recusou a efectuar qualquer comentário sobre as razões da sua decisão poderá assim ver alterada a data marcada para o início do castigo (21 do corrente) podendo, se tal se verificar, estar presente nas Antas dia 25 para o encontro da 11.ª jornada.

O jogador sportinguista foi punido pelo Conselho de Disciplina a 2 de novembro, devido a uma entrevista que concedeu em Setembro ao jornal «A Bola» onde teceu críticas aos dirigentes federativos. Considerou-se vítima de injustiça por não ter sido chamado a defesa que ia defrontar em Estocolmo dias depois a Suécia.

2.ª etapa: Miranda Calha

“até à bolsa”

O secretário de Estado dos Desportos, Miranda Calha, fará seguir a entrega das bolsas que premeiam as classificações por Aurora Cunha e Rosa Mota no mundial de 10 quilómetros.

As bolsas serão entregues por Miranda Calha ao presidente da Federação Portuguesa de Atletismo, Correia da Cunha, em cerimónia efectuada pelas 17.00 horas no Palácio Foz, em Lisboa. Ao acto estarão presentes as duas atletas e os seus treinadores, Fonseca e Costa e José Pedrosa (respectivamente), elementos igualmente contemplados com as bolsas.

UEFA castiga Real Madrid

A Comissão de Disciplina da UEFA impôs uma multa de 15 mil francos suíços (cerca de 975 contos) ao Real Madrid pelos incidentes ocorridos no Estádio Santiago Bernabeu durante o encontro Real Madrid-Rijeka.

As multas apresentadas para a aplicação da multa foram o comportamento da equipa durante o encontro e o arremesso, por parte do público, de objectos para o relvado.

O encontro a contar para a segunda eliminatória da Taça UEFA terminou com a vitória, muito contestada, do Real por 3-0, resultado que lhe permitiu passar à eliminatória seguinte. Após o encontro os jogadores queixaram-se da actuação do árbitro belga Roger Schoeters, que arbitrou também o Portugal-Suécia de quarta-feira, e entregaram posteriormente um protesto oficial na UEFA.

Liverpool reforça plantel

O Liverpool, campeão inglês de futebol, reforçou o seu meio-campo com a aquisição de Kevin McDonald, do Leicester. O acordo envolveu uma verba de 400 mil libras (cerca de 80 mil contos), mas McDonald, que era capitão do Leicester, não poderá alinhar domingo frente ao Newcastle por estar a cumprir um castigo.

A vingança de “veterano”

O sueco Ricky Bruch conseguiu quinta-feira em fase de época pouco comum, o terceiro melhor resultado de sempre no lançamento do disco, com 71,26 metros — anunciou a Imprensa sueca.

A marca iguala o melhor resultado do ano, do norte-americano John Powell, e fica a 60 centímetros do recorde mundial obtido em Maio de 1983 pelo soviético Yuri Dumchev. Bruch propõe-se bater o máximo mundial antes do fim do ano, no que ele próprio define como a sua «vingança» da Federação Sueca de Atletismo e do Comité Olímpico, que não o seleccionaram para Los Angeles atendendo aos seus 38 anos. «Estou fisicamente tão bem como se tivesse 17 anos e a minha meta são os Jogos Olímpicos de Seul, em 1988», garantiu o atleta, que já foi detentor do recorde mundial em 1972 (68,40 metros). Nas suas tentativas para superar o recorde mundial Bruch já lançou três vezes o disco a mais de 70 metros.

Agitação na patinagem

Dirigentes da Associação de Lisboa apresentam pedido de demissão

A bonança tarda em surgir no domínio do hóquei em patins. Primeiramente soprou forte ventania com os clubes filiados na associação lisboeta em confronto vigoroso com os dirigentes da federação da modalidade, tendo havido concordância depois do indispensável debate das questões que opunham o organismo coordenador ante os clubes. Venceu o diálogo e com naturais abdições de ambos os lados foi possível o retorno às desejadas boas relações. Só que a Associação de Lisboa «metida» no imbróglio por «imposição» dos clubes vê-se confrontada com a tomada de decisões contrárias ao espírito que terá determinado a sua chamada a terreiro e sem muita surpresa, anuncia demissão conjunta de todos os seus órgãos evocando as razões constantes do comunicado que nos remeteu e que passamos a transcrever:

«1 — Os atuais elementos dos corpos gerentes da Associação de Patinagem de Lisboa foram convidados pelos clubes filiados, tendo sido eleitos e empossados em assembleia-geral de 7/7/84, com a intenção de levar à prática a vontade da maioria dos clubes desta associação e que se consubstanciava nos seguintes objectivos:

- a) Reorganização da APL nos campos administrativo e desportivo;
- b) Demissão dos elementos dos corpos gerentes da Federação Portuguesa de Patinagem sob pena de não participação dos referidos clubes nas provas federativas.

2 — Relativamente ao 1.º des-

tes anseios serão os clubes filiados os juizes unicos da proficiência da nossa actividade nos seus múltiplos parâmetros.

3 — Na sequência da posição de rotura assumida pela maioria dos clubes da Associação de Patinagem de Lisboa face aos corpos gerentes da FPP, foi a APL mandatada, por decisão unânime e inabalável assumida em assembleia-geral de 10/8/84, para apresentar no congresso da FPP de 11/8/84 uma moção de desconfiança.

4 — De acordo com essa soberana decisão a APL, através dos seus delegados, deu cumprimento à decisão da assembleia-geral.

5 — Na sequência de delibera-

ções anteriormente assumidas, a maioria dos clubes da APL não se fizeram representar na Taça de Portugal e na Supertaça (caso do Sporting Clube de Portugal).

6 — Em função das acusações formuladas, através da moção de desconfiança apresentada no Congresso da FPP, foi deliberado instaurar um inquérito aos corpos gerentes da FPP, o qual se encontra a decorrer nos termos legais.

7 — Apesar de não se vislumbrarem razões plausíveis que levassem à alteração da posição de irredutibilidade, relativamente aos corpos gerentes da FPP, tomada pela maioria dos clubes da APL, decidiram estes efectuar uma reunião com a FPP em que a APL foi mero observador.

8 — Perante a estupefacção da APL, os clubes manifestaram posições radicalmente opostas às assumidas em assembleia geral que, como é óbvio, mereceram inteira aceitação por parte da FPP.

9 — Fruto da concordância que se gerou, subscreveram os clubes e a FPP um comunicado em que aqueles tomavam o compromisso de participar nas provas federativas.

10 — Os elementos dos corpos gerentes desta APL não desejam ser factores de desestabilização dentro da modalidade e como veiculamos posições que se revelaram desnecessárias à resolução dos graves problemas que afectam a patinagem, sentimos-nos constrangidos a assumir uma posição ética e responsável não pactuando com processos e estratégias que se revelaram fúteis.

11 — Os elementos dos corpos gerentes da APL na sua qualidade de homens que servem o Desporto, não procurando obter benesses e/ou evidências pessoais, sentem-se compelidos a pôr à disposição dos clubes da APL os lugares que ocupam, não abdicando, contudo, da sua convicção de que os verdadeiros interesses da modalidade foram preteridos em função de objectivos pontuais que não dignificam a causa do desporto.»

Mais um caso (lamentável) do dirigismo desportivo português resultante da tamanha crise de diálogo (outras existem e bem dolorosas) que a todos prejudica.

Basquetebol

Queluz e Barreiro recebem Porto

É um facto que não se fez, atempadamente, a reciclage conveniente entre os árbitros, marcadores e cronometristas, no que respeita às alterações (a nível europeu) das regras de basquetebol o que, nas duas primeiras jornadas do «nacional» originou situações confusas, até desagradáveis, no relacionamento, dentro das quatro linhas, entre jogadores e árbitros. Em situações de interpretação menos acertadas dos homens do apito até o público interferiu, movido por exteriorizações menos serenas dos jogadores, nomeadamente dos que actuaram como visitados: uma exploração grosseira para determinação de deslizes e uma «traição» a quem compete ajuizar e decidir os lances faltosos.

Esperemos que tão cedo quanto possível surja a aprendizagem conveniente para acabar com situações ambíguas, protestos e retaliações (de jogadores e público) que de modo nenhum prestam a modalidade e defraudam as boas intenções dos estudiosos das regras da modalidade.

Feito este introito baseado em «casos» que observamos no

«nacer» do campeonato da I Divisão, é a altura de referirmos a importância de alguns desafios da próxima dupla jornada em que, dos actuais quatro «guias» poderá permanecer apenas um. O Benfica e o Belenenses «compañheiros» de viagem a Ovar e a Sangalhos, têm em perigo iminente a sua liderança: enquanto os «encarnados», de mais estofos técnico-táctico (embora sejam a equipa de mais baixa estatura da prova) sejam muito capazes de vencer um ou os dois jogos, os «azuis», menos apetrechados, só com o americano Dorek Sailor como depositário-mor da sua produção não parecem talhados para conseguir igual desiderato. Os outros dois «comandantes» são o Queluz e o FC do Porto, que se defrontam no pavilhão do primeiro. Tratando-se de equipas de valor muito idêntico será extremamente difícil «apontar» a vencedora. Os «azuis e brancos» provavelmente ainda mal refeitos do desgaste físico a despendem em Queluz, tem no dia seguinte a deslocação ao Barreiro, outro «bico de obra» para o «cinco» de Jorge Araújo. Nos outros encon-

tros poderão surgir as primeiras vitórias do Ginásio Figueirense e do Conimbricense, visto que actuam na privilegiada situação de visitados.

Jogos para hoje (3.ª jornada): Ovarense-Benfica (17), Ginásio-Illium (17 e 30), Conimbricense-Oliveiras (17), Barreirense-Sangalhos (21 e 30), Queluz-FC Porto (17) e Sangalhos-Belenenses (21 e 30). **Amanhã (4.ª jornada):** Barreirense-FC Porto (17), Queluz-Sangalhos (17), Sangalhos-Benfica (17), Ovarense-Belenenses (17), Ginásio Figueirense-Oliveiras (17 e 30) e Conimbricense-Illium (17).

Americanos no topo

No que respeita aos melhores marcadores das duas primeiras jornadas, segundo dados oficiais, o líder é o americano do Conimbricense Anthony Carrelle (24 anos, 1,96 extremo-poste) com 68 pontos, seguido dos seus compatriotas Dorek Sailor (Belenenses) com 67 e Keith Woolfolk (Queluz) com 66. Carlos Lisboa com 56 e João Seica com 54, figuram entre os cinco primeiros dos melhores «encestadores».

Andebol:

campeonato

Líder em perigo

Na jornada inaugural da segunda volta do «Nacional» da divisão de honra de andebol masculino o líder nortenho (Sangalhosense) vai ter a sua posição seriamente ameaçada devido à viagem que tem que efectuar para defrontar um dos «outsiders», o Desportivo de Portugal, no recinto do Estrela e Vigorosa Sport que já foi dos «grandes» portugueses do andebol clássico (ou de onze) antes da década de 50. A variante de sete veio depois, para, praticamente, decretar a morte do «onze», o que deixou amargurados alguns pioneiros como Alves Teixeira (saudosos seleccionador nacional), o Acácio Rosa (este felizmente vivo), ambos resistentes fiéis a um emblema de símbolo igual a «Cruz de Cristo» e os dois também presidentes de clubes com rico historial, embora de dimensões diferentes, como são o Vasco da Gama do Porto e o Belenenses.

Retomando o actual «nacional» (de sete, evidentemente), a perspectiva é de que irá surgir um bloco de quatro comandantes (partindo da derrota da Sangalhosense na Zona Norte, visto que os outros dois segundos (FC DO Porto e Académico de Braga) dispõem de favoritismo. Ao Sul, o Sporting não dará hipóteses de imediato ver destruída a sua invencibilidade e, paralelamente, o Benfica terá que esperar outro ensejo para a tentativa de igualar o eterno rival.

Jogos para hoje - Zona Norte: Desportivo de Portugal - Sangalhosense (18), Maia - FC DO Porto (21 e 30), Académico do Porto - Académico de Braga (18) e Académica de Coimbra - Académica de S. Mamede (18). **Zona Sul (hoje):** Caramão - Spoting (17), Encarnação - Benfica (21) e Vitória de Setúbal - Cascais (21 e 30). **Amanhã:** Belenenses - Passo Manuel (21 e 30).

Voleibol

Recomeço dos “nacionais”

Depois da completa frustração que constituiu a participação de quatro equipas nacionais (Esmoriz e Espinho masculinos, mais o Leixões e o CDUP femininos) nas provas europeias de voleibol, em que não conseguiram vencer um «set» sequer entre 24 «parciais» disputados, recomçam hoje os campeonatos nacionais, com os jogos inaugurais da segunda fase. Os grupos apurados foram divididos por quatro séries, em ambas as categorias, sendo qualificados para a «pou-

le» derradeira os dois primeiros de cada agrupamento. A luta mais entusiástica centraliza-se, a Norte, em que há quatro «galos» para dois «poleiros» e todos de capacidade semelhante, isto em masculinos e ao Sul, na mesma categoria, o Benfica e o Operário parecem os mais dotados para surgir na fase final. Na prova feminina, de que salientamos a partida de hoje entre o Benfica e o Sporting, as duas equipas mais, principalmente, o Atlético (vencedor da última

Taça de Portugal) e, ainda o ISEF, prováveis finalistas do Sul, enquanto ao Norte, o Leixões (campeão nacional) e CDUP são de capacidade superior às restantes.

Jogos para hoje - Masculino: FC Porto - Sp. Espinho (17 e 30), Esmoriz - Leixões (21 e 30), Operário - CDUL (18) e Benfica - ISEF (21). **Feminino:** Leixões - V. Guimarães (18 e 30), Boavista - CDUP (17), Atlético - ISEF (21) e Benfica - Sporting (15).



Clássicos esquecidos

Luís de Miranda Rocha

UMA editora de Lisboa, a Ulmeiro, lançou recentemente no mercado livreiro reedições de **Odes Modernas** e **Primaveras Românticas**, de Antero de Quental, num caso e noutro com textos de apresentação assinados por Nuno Júdice.

Odes Modernas fora publicado pela primeira vez em 1865, e o livro teve, até esta, mais três edições: uma segunda em 1875, uma terceira em 1898, e a quarta em 1926. A edição da Ulmeiro data de 1983. Aparece, portanto, 57 anos depois da precedente, — que desaparecera há muito das livrarias e nem era fácil encontrar nos antiquários. Não se pode deixar de surpreender o facto de uma obra da importância das **Odes** ter estado fora do mercado livreiro durante mais de meio século, — sem que alguma casa editora (ou, de preferência, qualquer instituição) se lembrasse de a publicar.

Com **Primaveras Românticas** passa-se o mesmo. O livro fora editado pela primeira vez em 1872, e teve posteriormente duas reedições: uma em 1922, outra em 1926. A edição da Ulmeiro data de 1984. **Primaveras** esteve, pois, mais dois anos do que **Odes**, pode-se dizer, fora de circulação. O que não pode deixar de considerar-se estranho.

E, a propósito de Antero, haverá agora (quando?) o caso de **Raios de Extinta Luz**. Também este título de Antero (ou de Te-

ófilo, — ver artigo de Ana Maria Almeida Martins no n.º 3 da revista **Prelo**, da IN-CM) está esgotado desde uma reedição de 1942 (50 anos depois da primeira, de 1892) pode (e deve) reaparecer, mais dia menos dia, mais ano menos ano, nas livrarias, — e oxalá se faça, na reedição, a divulgação do que entretanto se veio a saber, dos bastidores, acerca desta obra (que é, mais ou menos do que edição póstuma de Antero, diligência despetada de Teófilo, — ver o citado artigo).

Mas estes casos de Antero estão longe de ser casos raros na bibliografia literária ou cultural portuguesa. Inúmeros outros exemplos deste teor, poderíamos colhê-los no catálogo da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, que em três ou quatro anos trouxe para as livrarias, como novidade, dezenas de obras de clássicos portugueses que estavam caídos no quase total esquecimento, ou não eram nem sequer titularmente referenciáveis.

Mais, aqui há poucos anos, «Edições 70» publicaram as poesias de Carlos Fradique Mendes (recolha e apresentação de Pedro da Silveira). Não se pode dizer que as veleidades poéticas de Eça, juntamente com Ramalho, fossem muitos conhecidas: conheciam-nas os estudiosos, pouco mais. Entretanto, caso de maior impacto potencial — que, no entanto, não se realizou, pelo

menos visivelmente, — foi a publicação do inacabado **O Magriço**, de Almeida Garrett, achado de Alberto Pimenta para livro que a acasa «Edições 70» também chancelou.

É motivo para algum contentamento que, finalmente, inéditos ou quase inéditos (praticamente desconhecidos) de autores que são referências capitais da história da literatura portuguesa vão aparecendo ou reaparecendo. A falta que faziam estes livros nas livrarias, sabem-na aqueles que por vezes precisaram de recorrer aos serviços sempre difíceis das bibliotecas públicas, — e nem todas lhes poderiam prestar tais serviços. Sabem-na aqueles estrangeiros lusófilos que alguma vez quiseram levar ou mandar vir de Portugal algum exemplar desses ou de outros livros e, não raro, nem em fotocópias os conseguiram obter. Ficaram certamente com tudo menos boa impressão do que se passa em Portugal nestes domínios.

É certo que, nos últimos anos, a situação tem melhorado alguma coisa. Diversos factores têm proporcionado ou desencadeado a mudança. Os pelouros culturais passaram a ser atribuídos a gente mais esclarecida. Houve a abertura e o alargamento relativos do ensino superior, — não só, nem principalmente, mas também extensivamente aos estudos literários. Há hoje mais gente dedicada à investi-

gação, — embora as condições materiais não sejam as mais favoráveis. A frente editorial alargou-se, igualmente. E aprofundou-se e ampliou-se o interesse por estas coisas. Há, nestes campos, uma predisposição diferente. São mais os que trabalham, e trabalha-se mais, não sem consequências qualitativas nos trabalhos que se vão fazendo. Há, mais viva, uma noção do muito que falta fazer. Até as estruturas do chamado poder local parecem sensibilizadas e despertadas para esta necessidade. E é já alguma coisa o que também nesta área se tem feito.

É, aliás, nesta área que se pode fazer mais, se não melhor. Não havendo, por razões designadamente de ordem material (falta de recursos), a nível nacional, possibilidades para amplos projectos e vastos planos, é a nível local que se pode e deve fazer um trabalho pontualmente mais fecundo (cobrir muitas e muitas lacunas). Infelizmente, — mas não surpreendentemente, — os pelouros culturais das autarquias estão entregues, na maioria dos casos, a gente destituída de atributos para os ocupar. E é por isso que não se faz muito. Ou, quando se faz, é mais investindo em vistuosidades festivas, festivais, folclores, etc., do que em programação consequente e produtiva. Também sem surpresa: a tendência local é para imitar o que se faz em Lisboa, ou não fossem os mesmos os me-

canismos que localmente funcionam para colocar as pessoas erradas nos lugares certos, as pessoas certas nos lugares errados, ou as pessoas erradas nos lugares errados, — o que nem terá grande importância, já que as carências maiores serão estruturais).

Não se costuma dizê-lo com muita frequência, mas, para muitos, é um dado adquirido: a literatura (indistintamente, neste caso, a poesia da literatura) é, desde sempre, e ainda hoje, a mais forte manifestação portuguesa nos campos da criação cultural. Por isso não se pode aceitar compreensivamente o esquecimento em que se tende a fazer cair ou deixar caídos aqueles e obras dos quais (por menores que sejam, relativamente) materializam essa presença. Dir-se-á que são obras menores, num confronto com outras, — e, por isso (porque não decisivas, não alteradoras) sem especial interesse para além da curiosidade. Talvez não seja tanto assim, — e teremos presente apenas um exemplo: o **Livro do Desassossego**, de Bernardo Soares, publicado há somente dois ou três anos, — cerca de meio século depois da morte de Fernando Pessoa que, enquanto vivo, viu publicado, dele, não mais do que um livro. É um exemplo extremo. E é preciso considerar que qualquer escrito dum escritor tem interesse, nem que seja somente documental.

Cineclubes ausentes de «Cinema»

Textos sobre a Cinemateca Portuguesa, o Festival de Cinema da Figueira da Foz, críticas a filmes recentemente exibidos e noticiário variado preenchem o sexto número da revista «Cinema».

«Cinema», de edição trimestral, é o órgão da Federação Portuguesa de Cineclubes, sediada no Porto.

No texto de abertura deste número, «Peço a Palavra», Henrique Alves Costa, o director, lamenta que os cineclubes portugueses não tenham dado resposta ao convite que lhes foi dirigido para que analisassem e discutissem nas páginas da revista os problemas e anseios do sector.

«Desde o seu primeiro número que «Cinema» ofereceu as suas páginas a todos os cineclubes para aqui exporem os seus problemas e dificuldades (e a forma como os enfrentam) e reflectirem sobre os êxitos e fracassos dos seus empreendimentos», escreve Alves Costa.

O silêncio recebido «em resposta» é, em seu entender, «estranho, se é que não é sintomático».

Cinema insere ainda neste número uma canção dedicada à actriz Lilian Harvey pelo poeta António Botto (publicada na revista «Animatógrafo» em 1933) e uma entrevista ao belga Gaston Roch, professor na Escola Nacional Superior de Audiovisuais de La Cambre, Bélgica, e nome ligado ao festival de Cinema de Animação de Espinho, Cinanima, desde a sua primeira edição em 1977.



Ler ou não ler

E às vezes ver: Alexandre Saldanha da Gama

José Carlos González



PERCURSO longilíneo como o de seu próprio andarilho, o trajecto nas artes e ofícios do Alexandre em questão nunca foi veiculado por subsídios nem anátemas. Homem livre, exilado, como tantos, tantos anos, deu-lhe o exílio uma pátria, o que esta madrastra pátria não dá a quase ninguém: a dignidade. É «choufeur» de praça nas praças de Paris. Poeta e pintor.

Veio agora o Alexandre Saldanha da Gama, dos Góis de lá do extremo ribatejano, mostrar o que anda a fazer na vida. Escolheu dez anos, e não por acaso, de 74 a 84. Foi lá à terra, a Torres Novas; desceu à ferrugem amaldiçoada pelos imbecis — Setúbal — e está agora no Largo da Misericórdia, salvo seja, aliás do São Roque que tinha um cão, isto é do Trindade Coelho pai, que o filho era «da corda». Na LIBRIS, onde ainda se encontram algumas pessoas.

Do retrato do grotesco ao néon posto a nu; da nossa revolução à revolução que nos faz falta; da mulher ao homem, do animal à planta. Há que saber de tudo um pouco, por exemplo ser poeta e «choufeur» de praça, para não entrar nas açadas dos intelectuais calistos ou acácios que têm praí banca e assento nuns jornais, sempre a falar, a falar, a falar do Roland Barthes que, como diria o Almeida, nunca teve culpa deles.

Que se passa? Porque ousou nesta janela falar de uma exposição que é sobretudo coisa visual? O galego endoideceu? Não. A escrita também é pintada, já no Leonardo da Vinci, se me não engano. E as carnificinas dos «virtuosos» reis de Inglaterra, pintadas por Shakespeare.

Às vezes as coisas juntam-se. Que o diga Michaux. Lá no céu azul onde está. Que o diga o Almeida, no enxofre perfumado

onde continua, de certo, a apunhar palhaços com aqueles olhos grandes e belos.

O ASG não é uma sigla. Pintores há de pintura feita que escolhem «c.é.é.», etc. O ASG é um português como os avós, mas não desfralda as bandeiras dos netos do senhor Alfredo Pimenta, como agora os vemos pintadinhos na nova monarquia

do pan-europe e cumprimentos a **vocelência**. O Alex tem andado a ver o mundo sem cavalet. Com uma mão para a escrita e outra para as tintas. Rapaz, portanto, incomodador. Com uma raiva essencial: contra os bonzos, as irmãs-da-caridade-pum! e os intelectas convencidos de tudo.

Julgo que é mais que interessante — pelo menos mais que a

tébe — ir ver o que se passa na-quele velho largo dos jesuítas, t'Arrengo, mas felizmente do povo. É que o Alexandre não é modesto, desenganam-se. É orgulhoso. Pelo menos duma coisa: de ser um homem sem coleira, de ser um antifascista activo desde sempre, e um cavalheiro da única nobreza legítima — a da inteligência e a do coração. Vejam, e leiam.



Assembleia Geral Ordinária
C.H.U.T.
COOPERATIVA HABITACIONAL

UNIÃO DOS TRABALHADORES CRL
R. Das Flores, n.º 3-7.º Esq. — 2800 ALMADA

Nos termos da alínea c) do artigo 32.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral da C.H.U.T., para reunir no dia 1 de Dezembro de 1984 pelas 20.30 horas, na Rua Sociedade Filarmónica Incrível Almadsense n.º 6 em Almada com a seguinte Ordem de Trabalhos:

Ponto 1 — Informações

Ponto 2 — Medidas de carácter b) Esquemas de poupança económico

a) Quotização

c) Capital social

Ponto 3 — Orçamento e plano para 1985

Ponto 4 — Regulamento de atribuição de fogos

Ponto 5 — Exclusão de cooperadores

Ponto 6 — Adesão e constituição da UCHEL

Ponto 7 — Substituição de 2 elementos suplentes da Direcção

NOTA: Se à hora marcada não estiverem presentes mais de metade dos associados, reunirá a Assembleia meia hora depois com qualquer número de associados.

Almada, 13 de Novembro de 1984

O PRESIDENTE DA MESA
ALFREDO CAMILO DE ALMEIDA ANDRÉ

SOCIEDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA

Instituição de Utilidade Pública
Membro-Honorário da Ordem do Infante D. Henrique

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA CONVOCATÓRIA

Nos termos do Art.º 33.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral da Sociedade de Língua Portuguesa para, em sessão ordinária, se reunir na sede social da Sociedade, pelas 17.30 horas, do dia 14 de Dezembro próximo (sexta-feira) com a seguinte Ordem de Trabalhos:

— Discutir e deliberar sobre o Orçamento para 1985, em cumprimento do disposto no n.º 2 da b) do Art.º 31.º dos Estatutos.

Se à hora fixada não se verificar a presença do número legal de sócios, a reunião efectuar-se-á com qualquer número, trinta minutos depois, conforme o Art.º 35.º

Lisboa, 28 de Setembro de 1984

O Presidente da Assembleia Geral
(Humberto D'Ávila)

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

Os Passageiros do Vento 16

por F. Bourque



Glenat/Meribérica

continua

A mulher (por vezes degradada) na telenovela venezuelana

Muitas mulheres venezuelanas acreditam que podem «aprender» com as telenovelas e que estas lhes «ensinam» algo sobre a vida, mas a maioria dos autores de televisão ainda estão longe, muito longe, de ser bons educadores. Não raro uma mulher transforma-se numa «fútil», numa «mundana» ou até numa «prostituta», com apartamento e «carnet», embora trabalhe e seja «respeitável».

A publicação venezuelana «Comunicacion» abordou recentemente este tema numa monografia sobre a imagem da mulher na telenovela. O trabalho inclui afirmações de testemunhas, entre estas da jornalista Yolanda Osuma, que relata a sua própria experiência vivida numa prisão, onde partilhou a cela com três mulheres que conversaram com ela sobre telenovelas.

«As reclusas gostavam das telenovelas porque» — segundo explicaram — «a vida é tal e qual», porque «contam a realidade» e, além do mais, «ensinam como se deve fazer».

A jornalista disse que este fenómeno de aceitação maciça não deveria ser contraproducente, mas a «popularidade» de um programa nem sempre autoriza a sua identificação com formas autênticas de expressão popular.

«Nunca encontrei na nossa telenovela a heterogênea representação da mulher que deveria acompanhar os significativos processos históricos da América Latina, nomeadamente da Venezuela e do desenvolvimento da nossa jovem democracia» — afirma Osuma.

O eterno conflito amoroso

Precisou que as telenovelas venezuelanas dão uma imagem unilateral e homogênea da mulher dona de casa, rodeada de comodidades, mas debatendo-se num eterno conflito amoroso.

As relações conjugais são o tema privilegiado pela telenovela. O esquema, salvo raras excepções, estrutura-se sobre a fórmula tradicional de drama, conflito, desenlace.

Nas telenovelas, o conflito é gerado pela presença da «outra» no matrimónio ou por obstáculos socioeconómicos do jovem estudante universitário que se apaixona pela empregada doméstica ou por uma rapariga «não formada».

Neste drama-ficção a «outra» é quase sempre uma rapariga pobre de origem desconhecida que, por obra e graça da imaginação dos escritores de telenovelas, integra o «status» mediante o casamento e a ascensão a uma classe social superior.

Valores que não dignificam

O Governo impôs algumas alterações: em 1981 foi elaborado um documento intitulado «Sugestões sobre o género telenovela» em que se expõem ideias sobre a temática, o tratamento e os recursos dramáticos utilizados.

Relativamente à temática sugere «temas históricos com ênfase valorativo para o nacional (venezuelano) e temas de actualidade, tais como petróleo, conservação de recursos naturais, consumo-família», etc.

Osuma salientou que na telenovela venezuelana a imagem da mulher exclui a que possui valores edificantes, limitando-se a apresentar o sexo feminino na generalidade.

A analista do tema, a socióloga Barbara Jochamowitz, indicou, por outro turno, no estudo outros valores transmitidos pelas telenovelas, como, por exemplo, «essa temporalidade específica da mulher», explicando que não se pode entender a identificação que faz de si própria com a mensagem novelesca sem estudar o significado do trabalho doméstico e do âmbito doméstico.

Em resumo: por inércia, são-lhe «fornecidos» outros valores que nada têm a ver com a dignidade humana e com um mínimo de leis que se torne necessário preservar.

editorial CAMINHO notícias do livro

CAMINHO DE BOLSO é a designação de uma nova colecção da Editorial Caminho.

É uma nova colecção e é colecção nova erguida, número a número pelos melhores livros dos mais diversos e mais aclamados autores da literatura policial e de ficção científica. Dos autores que renovaram e aprofundaram estes géneros fascinantes. São livros de apre-

sentação excelente, de formato 12X19 (o que permite de facto enfiá-los num bolso), de 200 ou mais páginas (o que faz deles um volume considerável de suspense e revelações) e de um preço verdadeiramente acessível. Tudo isto o leitor comprovará quando tiver um dos livros na sua mão. Para já, indiquemos apenas alguns autores: Stanislav Lem, Giorgio Scerbanenco, Ross MacDonald, John Wyndham, Jean-Pierre Andrevon, Magdalen Nabb. Com eles abriremos caminho para uma colecção ímpar. Não perca a Caminho de Bolso que lhe garante Policial e Ficção Científica de qualidade.

À venda: *Morte de Um Inglês*
De: Magdalen Nabb
Memórias Encontradas Numa Banheira
De: Stanislav Lem

ENSINE O SEU FILHO

Se o seu Filho for para a Escola ou regressar já de noite, vista-lhe roupas claras e se possível com placas reflectoras



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



ao telefone com

Alice Vieira

“Escrever para crianças dá-me um gozo danado”



Na Fundação Calouste Gulbenkian decorreu, esta semana, o 5.º Encontro sobre Literatura Infantil, uma iniciativa da Direcção-Geral do Ensino Básico que teve o apoio da própria Gulbenkian e da dr.ª Manuela Eanes.

Alice Vieira, jornalista e escritora — talvez a mais destacada autora de livros para crianças no nosso país — esteve na Gulbenkian. Ao telefone, falou do que por lá se passou.

«Este 5.º Encontro correu, pelo menos do meu ponto de vista, muito bem. Isso de resto foi notório pelo interesse que despertou, pela quantidade de pessoas que sempre encheu o auditório a deitar por fora...»

«Que pessoas?»

«Olhe, muitos professores e educadores. Infelizmente o mesmo não se pode dizer a nível de autores, de escritores...»

«... Não apareceram? Porquê?»

«Bom, escritores para crianças, digamos assim, apareceram alguns. Mas escritores para adultos — deixe que fale assim — esses não vieram. Já não têm nada a aprender... Nós somos escritores de segunda... Ou talvez não seja nada disso. O encontro verificou-se durante a semana e a horas de expediente e portanto os escritores, que na sua maioria não são profissionais e têm outras ocupações para ganhar a vida, não puderam comparecer. O que é pena, pois poucas são as oportunidades para nos encontrarmos.»

«Falou dos participantes, mas não do nível das intervenções...»

«Sem exagero: foram muito boas. Destaco até a comunicação de Barata Moura sobre poesia. Muito bem feita, muito bem estruturada. E destaco também o ambiente de debate polémico que dominou o encontro. O que de certo modo era inevitável — e ainda bem — numa reunião onde, entre outras coisas, se debateu a questão dos livros de História que se escrevem para crianças.»

«Literatura infantil em Portugal: como vai?»

«Da parte de quem escreve, penso que vai bem. Por exemplo, uma das coisas bonitas deste encontro foi a entrega dos prémios revelação a três jovens que são mesmo muito jovens. O que é reconfortante. Agora o problema é que não se edita. As editoras estão a fechar as portas. A Plátano, por exemplo, agora só edita livros escolares. Claro, sabemos que os problemas são muitos. E o panorama é negro. Repare que a maior parte dos prémios que se dão — e ainda bem que existem — não garantem a edição das obras premiadas. O que é uma coisa estranha. As pessoas ficam muito contentes com o dinheiro, que dá sempre jeito e é necessário, mas os livros não são editados...»

«Quem escreve, em Portugal, livros para crianças?»

Muita gente... Mas profissionais não há. São pessoas que têm outras profissões — eu, por exemplo, sou jornalista, e há muitos professores, funcionários públicos, etc., etc. Cada um tem a sua profissão e depois arranja tempo para fazer aquilo que gosta.»

«Têm aparecido obras de qualidade?»

Sem dúvida. Em Portugal têm sido escritas obras mesmo muito boas. O que acontece é que as pessoas não sabem disso — os órgãos de Comunicação Social não falam disso. Os grandes mediadores, neste caso, são os professores, que procuram estar atentos ao que vai saindo para dar a conhecer aos alunos.»

«À volta dos seus livros tem havido publicidade. Os jornais têm falado...»

Não me referia ao meu caso pessoal. Na verdade não me posso queixar. Os jornais falam dos livros quando são premiados — mas dos outros, e muitos são mesmo de qualidade, nada dizem. Obrigações da sociedade de consumo... Regras do marketing... Mas a verdade é que nem todos podem ser premiados, mesmo que todos escrevam obras de mérito. Olhe, a televisão, por exemplo, poderia — e deveria — ser um enorme difusor. Mas não é. E de livros para crianças raramente fala.»

«Você tem escrito numerosos livros nestes últimos anos. Lembro-me da 'Espada do Rei Afonso', 'Este Rei que eu escolhi', 'Graças e Desgraças da Corte d'El Rei Tadinho', 'Viagem à roda de um nome' — para já não falar de 'Rosa, minha irmã Rosa', 'Lote 12, 2.º Frente', 'Chocolate à Chuva'... Não sendo você escritor profissional, ganhando a vida como jornalista, como é que arranja tempo para esta escrita toda?»

É complicado explicar... Tenho prescindido de folgas, férias, horas livres. Sai-me do meu descanso — mas a verdade é que gosto muito de escrever para crianças, faz-me falta este tipo de escrita. Talvez seja até a minha maneira de descansar desta profissão de jornalista.»

«Sei que está a escrever outro livro. Como é que se chama? De que trata?»

O nome ainda não sei. É um livro de aventuras à volta dos descobrimentos. Tem personagens conhecidas da História, mas outras são completamente inventadas. Está-me a dar um trabalho danado. Mas divirto-me que me farto. Às vezes dou comigo a rir que eu sei lá com as coisas que invento... E por isso estou satisfeita. Se eu não me divertisse com aquilo que escrevo estava bem arranjada. E além disso penso que um livro para crianças tem que ser sempre divertido, para as agarrar. Se assim não for elas nem pegam no que a gente escreve. E a gente escreve para elas, não é?»

Ribeiro Cardoso

Schloendorff, Antonioni e Bertolucci entre os signatários

Cineastas europeus lançam apelo contra avalanche de filmes dos EUA

Realizadores europeus afirmaram que o cinema deste Continente será sepultado sob a avalanche de filmes norte-americanos dentro de dez anos, a menos que os governos tomem medidas para contrariar essa tendência.

Vinte e sete realizadores europeus reuniram-se com o ministro francês da Cultura, Jack Lang, e lançaram um apelo de ajuda a uma indústria que, dizem, está directamente ameaçada de desaparecimento.

«Um europeu em cada dois nunca vê um filme europeu e, se não fizermos qualquer coisa, bem podemos reunir-nos dentro de dez anos para festejar a produção do último filme europeu» — disse aos jornalistas o realizador alemão federal Volker Schlöndorff.

Ele e mais 26 realizadores, entre os quais os italianos Michelangelo Antonioni e Bernardo Bertolucci, pretendem alertar a opinião pública e influenciar os governos da Comunidade Europeia no sentido de dar aos produtores de filmes a mesma atenção que dão aos produtores de vinho ou manteiga.

«Talvez no futuro tenhamos uma Europa de cultura em vez de agricultura» — acrescentou Schlöndorff, sublinhando que os europeus têm de se defender da poluição do seu espaço cultural pelas importações norte-americanas.

Conferência em Roma

Se os governos europeus não tomarem medidas contra a «alienação das mentes europeias» — referiu — repetir-se-á o

mesmo processo na literatura, na música e em todas as outras artes.

Mas tanto Schlöndorff como Lang negaram que as ideias que estiveram por trás da reunião sejam antiamericanas.

«A resposta não está na restrição mas no movimento» — disse Lang, argumentando que uma indústria cinematográfica europeia saudável representará um maior mercado de exportações para os filmes norte-americanos.

Lang, que em Junho passado organizou a primeira Conferência de Ministros da Cultura da Comunidade Europeia, acrescentou que os cineastas tencionam realizar em Roma uma conferência sobre o futuro do cinema europeu.

Numa declaração conjunta, os 27 realizadores apelaram a que

as redes de televisão públicas reservem uma parte da sua programação a exibição de filmes e séries europeias.

Disseram também pretender melhor protecção dos direitos de autor para os cineastas, uma acção severa contra a pirataria de vídeo e acordos sobre um período mínimo em que os novos filmes estejam apenas à disposição do público nos cinemas e não em vídeo-cassetes.

O número de espectadores de cinema desceu 46 por cento entre 1970 e 1983, mas esta descida foi mais acentuada na Itália (69 por cento) e na Grã-Bretanha (67 por cento).

Em França, onde o cinema recebe várias ajudas governamentais, a audiência aumentou 7 por cento e o número de cinemas quase 12 por cento.



A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR
E VIDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTACÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
882786 - 899826 - 899726

AV. S. JOÃO DE DEUS, 13 B • R. DE MACAU, 8-1.º
• LISBOA

Hoje



A RTP-1 exhibe, esta noite, o filme realizado por Reza Badiyi e interpretado por Melody Anderson e Ed Marinaro, intitulado «Mulher Polícia», do qual vimos uma cena

- 15.10 Aventura é Aventura — «A Taberna do Irlandês».
- 17.00 Operação Open
- 17.55 Cine-Teatro — a informação sobre os espectáculos de cinema e teatro.
- 18.25 «Buck Rogers no Século XXV»
- 19.10 Top Disco
- 20.15 Teletexto — e Boletim Meteorológico.
- 20.50 Ponto e Vírgula — programa de variedades com Ivone Silva.
- 21.25 «Estranhos e Irmãos»
- 22.30 Miriam Makeba — a RTP apresenta Miriam Makeba, no Festival Internacional de Música do Algarve, 1984.
- 23.35 Últimas Notícias
- 23.50 Última Sessão — «Mulher Polícia». Intérpretes: Melody Anderson e Ed Marinaro. Realização: Reza Badiyi.



- 17.32 Troféu
- 21.50 Noite de Teatro — «Um Fantasma Chamado Isabel». Intervenientes: Henrique Santos, Maria Helena Matos, Carlos César, Isabel Ferrão, João Rodrigo, Fernanda Oliveira, Luís Esparteiro, Cláudia Martins e Carlos Miguel



Noite de Teatro.

Amanhã



09.30 Eucaristia Dominical. 10.30 70 Vezes 7. 11.00 «Bell e Sebastião». O Cartero Pat. «Volta ao Mundo com Willy Fog» e Circófilo. 13.00 Notícias. 13.05 TV Rural. 13.30 «Loja de Antiguidades». 13.55 «Os Três Duques». 15.00 Zig Zag. 18.00: Arca de Noé século XX. 18.25 Vietnam. 18.55 «Xaque-Mate». 20.00: Teletexto. 20.30 Viagem Através do Sistema Solar. 21.00: «A Vida de Wagner». 22.00 Domingo Desportivo. 23.00 «Tudo em Família». 23.25 Últimas Notícias

15.50 Eurovisão — ginástica rítmica Campeonato da Europa. Transmissão directa 17.30 Tarde de Cinema com o filme «Os Cavaleiros da Távola Redonda». 19.30 Som de Mario Si moes. 20.00 «Viúvas». 20.55 Cine-Clube com o filme «A Culpa Foi do Macaco».

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...



«Mulher Polícia» (23.15)



«Um Fantasma Chamado Isabel» 639Y



23.15 h - ÚLTIMA SESSÃO «MULHER E POLÍCIA»

«Mulher e Polícia» é um filme produzido para televisão com um tema original e aliciente: até que ponto a mulher moderna, reclamando-se da sua emancipação e igualdade, pode conciliar certos aspectos decorrentes dessa emancipação com situações em que a sua condição de mulher e a sua beleza a colocam?

Intérpretes: Melody Anderson, Ed Marinaro. Realização: Reza Badiyi.

ENCERRAMENTO DA EMISSÃO

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef 2112871

Eles partiram à aventura mas não sabiam que iam encontrar o terror dos mares

COMO MATAR O TUBARÃO
de VICTOR HAIM
encenação JOAQUIM BENITE
sextas às 21.30
sab. dom. às 16h e 21.30h

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA

HOJE
AS 21.30 H

PARA ONDE IS ?

AUTO DA ALMA E AUTO DA BARCA DO INFERNO • GIL VICENTE • ENCENA: JOAO MOTA

TERÇA A SABADO AS 21.30 H
DOMINGO SO AS 17 H

PRAÇA DE ESPANHA • TEL. 72 08 18 • APOIO RADIO COMERCIAL • SUB. M.C.



Música dos Beatles gravada por Ana Faria

A primeira versão portuguesa de um original dos Beatles acaba de ser editada em Portugal no disco para crianças de Ana Faria intitulado «queijinhos frescos».

Trata-se de uma adaptação da própria, do tema de John Lennon e Paul McCartney «Wen I'm 64», incluído na que é considerada a obra-prima da música popular anglo-saxónica «SG't Pepper's Lonely Hearts Club Band».

«Daqui a uns anos quando fores grande/ e tu e tu também/ será que não vão esquecer/ de me mandar/ beijos, flores no dia da mãe?» — esta a primeira estrofe de «Quando eu for avô».

O álbum — lançado com a intenção de aproveitar o Natal — inclui também «Qual é a razão?», uma versão de «No Milk Today» dos Herman's Hermits, «Onde Tás, O Zei?», versão de «Shaddap You Face», de Joe Dolce e «Histórias de Pernas para o ar», versão de «Les Sabots D'Hele-ne», de Georges Brassens.

“Hammett” de Wim Wenders

É possível olhar este filme como um labirinto. De um lado a memória (ou a ficção), do outro a descoberta gélida que não se filma como se essa memória (ou essa ficção) não existissem. **Hammett** é um filme depois do romance e do filme negro, de repente a memória, a ficção, o estúdio, são a única coisa de que se não foge. De algum modo este filme é um pesadelo.

Está-se em casa, sai-se para a rua, entra-se nos tugúrios, nos palácios, nos antros, mas o espaço é todo o mesmo, sem saída, sufoca-se. **Hammett** é suposto ainda não ser o escritor mas é já um escritor e a realidade deste filme é a sua ficção, a irrupção dos seus personagens no território da realidade. Fantasmas, códigos, coisas já vistas, o filme avança em terreno reconhecível, mas que angústia! Os bons vão ganhar, é claro, mas os maus também e depois já se não sabe bem o que é uma coisa ou outra, a vontade de **Hammett** é etilizar-se e escrever, a realidade que o deixa em paz. Mas a realidade é a ficção, voltamos ao mesmo labirinto.

Não é paradoxal que o cineasta do espaço aberto, das cidades com céu por cima, tenha feito um filme assim, nocturno e fechado. Na sua fascinação pelo cinema americano, era preciso a Wenders defrontar-se, um dia, com o estúdio, levá-lo a sério, causá-lo, causar-se. A atribulada produção de **Hammett** para a Zoetrope de Coppola é apenas a expressão material das ilusões perdidas, do apontamento ao pai, de uma certa estupefacção. Embater no coração do mito (o



Frederic Forrest (à esq.) e Peter Boyle em «Hammett»: as ruas são também um labirinto sem saída

«filme negro» está bem no centro de toda a cinefilia) para melhor lhe sentir o passamento. Entretanto fazer o luto por um certo cinema e pelo paraíso perdido. (O estado das coisas, filme de bloqueio); depois tornar a partir (Paris, Texas).

Hammett não é uma obra-prima mas, retomemos uma

feliz expressão de Truffaut, um grande filme doente.

Ficha:

Realização: Wim Wenders (USA-1982)

Argumento: Ross Thomas e Dennis O'Flaherty, adaptado por Thomas Pope, segundo livro de Joe Gores.

Fotografia: Joseph Biroc
Cenários: Dean Tavoularis.
Música: John Barry.

Montagem: Barry Malkin (supervisão), Marc Laub, Robert Q. Lovett, Randy Roberts, Janice Hampton.

Interpretação: Frederic Forrest (**Hammett**), Peter Boyle

(Jimmy Ryan), Marilu Henner (Kit Conger / Sue Alabama), Roy Kinnear (Eddie Hagedorn), Elisha Cook Jr. (Eli, o taxista), Lydia Lei (Crystal Ling), etc.

Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo.

Cinemas: Borna e Quarteto.
Classificação: Para maiores de 12 anos.



Caminhos de Ferro Portugueses

Informação

PROJECTO PARA ANÚNCIO Visitas guiadas às oficinas da CP no Barreiro

As visitas anunciadas em título estão integradas nas comemorações do 1.º Centenário da estação ferroviária do Barreiro.

Efectuam-se em todas as primeiras segundas-feiras dos meses de Novembro de 1984 a Maio de 1985, à tarde.

Os interessados em participar nestas visitas proporcionadas pela CP deverão fazer as respectivas inscrições no Departamento Cultural da Câmara Municipal do Barreiro (Tel. 2073831).



COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

ÁFRICA DO SUL (rand)	80\$70	86\$70
ALEMANHA FED (marco)	52\$80	53\$90
ÁUSTRIA (xelim)	7\$45	7\$65
BÉLGICA (franco)	2\$454	2\$654
BRASIL (cruzeiro)	\$038	\$068
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	119\$10	121\$10
(notas de 5 a 1000)	119\$60	121\$60
DINAMARCA (coroa)	14\$60	15\$00
ESPAÑA (peseta)	\$898	1\$018
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	157\$00	159\$00
(notas de 5 a 1000)	157\$50	159\$50
FINLÂNDIA (marka)	25\$25	25\$85
FRANÇA (franco)	17\$20	17\$90
HOLANDA (florim)	46\$80	47\$80
IRLANDA (libra)	164\$90	168\$90
ITALIA (lira)	\$077	\$087
JAPÃO (iene)	\$619	\$654
NORUEGA (coroa)	18\$15	18\$65
REINO UNIDO (libra)	198\$55	202\$55
SUÍÇA (coroa)	18\$35	18\$95
SUÍÇA (franco)	64\$10	65\$20
VENEZUELA (bolivar)	9\$95	10\$95

Observações:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

rádio

Antena Um

18.00 Transparências; 19.00 Perspectiva; 20.00 Meio termo; 21.00 Aparado cultura; 22.00 Porto d'honor; 23.30 Último jornal; 23.45 No estúdio e no estúdio. Noticiários intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas

Programa 2

16.35 Variações sérias, em ré menor, op. 54, de Mendelssohn; 17.00 Suite para orquestra, «Pelleas e Melissande», opus 46, de Sibelius; 19.00 Sonatas; 20.10 A música e o texto; 21.00 Para além da leitura; 21.45 O compositor da semana; 23.00 Intercâmbio musical; 00.35 Cantata n.º 189, de João Sebastião Bach; 01.00: Fecho

RÁDIO COMERCIAL Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00 Fim-de-semana; 19.00: 4 tempos; 20.00: Quando o telefone toca; 21.30: Tempo de desporto; 23.00: 24ª hora; 01.00: Concertos na Comercial; 02.00: No calor da noite. Noticiários a todas as horas.

RC-FM-Estéreo (97,4 Mhz)

15.00: Anos oitenta; 16.00: A nossa turma; 17.00: Música country; 18.00: Lança-chamas; 19.00: A menina dança; 20.00: Blues index; 21.00: Pretérito quase perfeito; 23.00: A luz de Edison; 02.00: No calor da noite. Noticiários a todas as horas.

RÁDIO RENASCENÇA Onda Média

15.00 Desporto; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Jornal de sábado; 20.00: Horizonte; 21.00: Programa da LAR; 22.00: Quando o telefone toca; 23.00 Sessão da meia-noite; 23.55: Meditação; 02.00: Estação de serviço.

FM-Estéreo

16.00: A cor do som; 18.00: A flauta mágica; 19.00: Jornal de sábado; 20.00: Transmissão do terço; 20.30: A Universidade na Rádio; 21.00: Paju; 21.30: Pentagrama; 22.00: Chado Terrasse; 24.00: O regresso dos heróis; 02.00: Estação de serviço. Noticiários a todas as horas

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

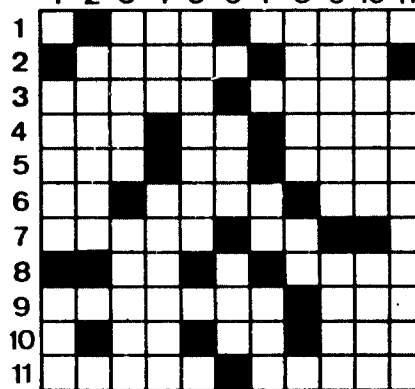
COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 14 183

HORIZONTAIS:

- 1 Artigo definido Bondoso. Pa-dece
- 2 O mesmo que alcorão Pedra de altar.
- 3 Leitões. Cobre de nata
- 4 Rio de França Samário (s.q.)
- 5 Aio de D. Afonso Henriques
- 6 Rate Duas vogais desiguais Nome de mulher
- 7 Mulher elegante e bonita Proposição
- 8 Alternativa Base
- 9 Tencionavas Rio da Sibéria.
- 10 Crómio (s.q.) Preposição e artigo (inv) Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas
- 11 Prendeis com eles Homens muito robustos

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

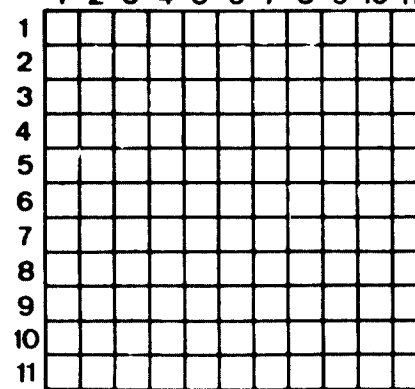


VERTICAIS:

- 1 Artigo definido. Canto em coro Pronome relativo
- 2 Viagem gratuita em qualquer veículo
- 3 Idioma do Sul da Guiana. Espécie de quadrilha de andamento ligeiro.
- 4 Agora. Acudi
- 5 Um dos mais notáveis generais de Napoleão
- 6 Artigo definido Ruim Recusa.
- 7 Idem Chiste
- 8 Nome do deus-peixe a quem os Caldeus atribuíam o mérito de ter civilizado o seu país. Pertences.
- 9 Penhascos. Rei da Baviera que foi atacado de loucura e foi encarcerado no castelo de Fustenberg
- 10 Roera. Tem razões para
- 11 Guarnecemos de asas.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 033

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS:

- 1 Nome de peixe. Amalgama.
- 2 Desmonta. Ergueis.
- 3 Vi. Cidade de Itália. Reis.
- 4 Sufixo que designa pequenez. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Recusa.
- 5 Rasoira. Dá oiro a.
- 6 Chique. Costume.
- 7 Vila e concelho de distrito de Portalegre. Propagação.
- 8 Zombas. Proposição. Aqui está.
- 9 Brisa. Divide em ruas. Apelido.
- 10 Fátiga. Pronome pessoal Cento e um em romano.
- 11 Tempo forte entre os Latinos. Instrumentos para atirar setas

VERTICAIS:

- 1 Freguesia do concelho de Loulé Nome de diversos lagos do estado do Amazonas e Pará.
- 2 Toca apito. Cidade.
- 3 Rénio (s.q.). Cidade de Itália. Nosso Senhor.
- 4 Aguardente de cereais. Duna na Suécia. Agarrei.
- 5 Rio dos Estados Unidos. Vantagens.
- 6 Feixe Mágica.
- 7 Pedrasas. Pilha.
- 8 Ferro temperado. Sufixo que designa abundância. Prefixo que designa ar.
- 9 Apelido. Rainha da Frigia.
- 10 Sacar. Sulco.
- 11 Esmonca. Guarnecemos de asas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 182

HORIZONTAIS:

- 1 A Casado
- 2 VERDADEIRA
- 3 Cá Bimare
- 4 Lambera
- 5 Cole Isca
- 6 Oraís SS
- 7 Repasto. Ala.
- 8 Asa Safaros
- 9 Ru. Ur sss
- 10 Elara Elisa
- 11 Mimos Riso

VERTICAIS:

- 1 CORAGEM.
- 2 Valores. Li
- 3 É Alaparam
- 4 Crimeia. Uro
- 5 Ad SSS. As
- 6 SABER Tau
- 7 Adir SOFRER
- 8 Demais Li
- 9 Oiá Aris
- 10 RR Colosso.
- 11 Baeta. Assas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 032

HORIZONTAIS:

- 1 Dalila. Mono
- 2 Es. Minas. Ar.
- 3 Sampaio. Amo
- 4 Alim. Ciou
- 5 Impo Acuar
- 6 Araça Ras.
- 7 Rosada. De
- 8 As Violaram
- 9 Matas Usos
- 10 Cós Bata.
- 11 Sam Caramba.

VERTICAIS:

- 1 Desviaram.
- 2 Asa. Osaca.
- 3 Mapas. Tom
- 4 Imploravas.
- 5 Lari. Adis
- 6 Animação Ba
- 7 Ao Cá Luar
- 8 Ms Cu Casta.
- 9 Aiar. Roam
- 10 Namoradas
- 11 Orou Sem Já

Provérbio: A VERDADEIRA CORAGEM E SABER SOFRER.

Cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.

CILADAS DE AMOR

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 14.45, 18.15 e 21.45
- M. 12 a.

**3 OSCARES
OS ELEITOS**
8.ª Semana

AVIS 547153

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.

IGNORÂNCIA

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.

HAMMET, DETECTIVE PRIVADO
2.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.

INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO

CASTIL 530194

R. Castilho

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.

O LUGAR DO MORTO
4.ª Semana

CINE BLOCO 55682

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 6 a.

SPLASH, A SÉRIE
Às 24 - N. ac. men. 13 a.

OS LADRÕES DO TEMPO

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto, 15

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.

A FORÇA DO DESTINO

CINE 222 579460

Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.

VIOLÊNCIA E PAIXÃO
Às 24

OPERAÇÃO SELVAGEM

CINESTÚDIO LIDO 936583

P. D. João I, Amadora

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.

VEIO DO OUTRO MUNDO

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 - Amadora

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.

INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO
Às 24

A PRIMEIRA NOITE

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.

O filme de Jorge Brum do Canto
O CRIME DE SIMÃO BOLANDAS
c/ Virgílio Teixeira e Delina Cruz

2000 2100055

Av. B. Voluntários Its 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.

OS RICOS E OS POBRES

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.

O FIM-DE-SEMANA DE OSTERMAN
Às 24

OS CINCO MESTRES DE SHAOLIN

ESTUDIO 555134

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

ESTUDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19, 21.30 e 24
- M. 12 a.

AS ASAS DA POMBA
Um filme de Benoit Jacquot
c/ Isabelle Huppert e Dominique Sanda

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- M. 18 a.

CIDADE EM PÂNICO

SALA 2

Às 14.15, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45
- M. 12 a.

EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.

ENCONTROS IMEDIATOS DO 3.º GRAU
2.ª Semana

LIDO 936583

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.15 - M. 12 a.

INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30, 18.15 e 21.30
- M. 16 a.

A ÚLTIMA VIRGEM AMERICANA
Às 24 - N. ac. men. 18 a.

O JOGO DE ABUTRES

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.

OS AMIGOS DE ALEX

ODEON 326283

R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 18 a.

HELGA, A LOBA DE STILBERG

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.

O GENDARME E AS GENDARMETAS



Uma cena do filme «Identificação de uma mulher» realizado por Michelangelo Antonioni em exibição no Quarteto

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.

MAD MISSION, O EXECUTOR

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- M. 12 a.

CRÔNICA DOS BONS MALANDROS
Às 00.45 - M. 18 a.

AS PORTAS DO CÉU

SALA 2

Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- M. 12 a.

O REI DA EVASÃO
Às 00.45 - M. 18 a.

VAMOS TODOS PARA O PARAÍSO

SALA 3

Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- M. 12 a.

HAMMET, DETECTIVE PRIVADO
Às 00.45 - M. 18 a.

LAÇOS DE SANGUE

SALA 4

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.

IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
de Michelangelo Antonioni
Às 24 - M. 18 a.

AS HERDEIRAS

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 18 e 21.15
- N. ac. men. 18 a.

APOCALYPSE NOW
Às 24 - Int. men. 18 a.

SATYRICON
de Fellini

ROMA TEL 727778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.

O FIM-DE-SEMANA DE OSTERMAN

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.

FÚRIA DE VINGANÇA

SÃO JORGE 579144/579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.15, 18.15 e 21.15
- M. 12 a.

KARATE KID, O MOMENTO DA VERDADE

SALA 2

Às 14, 16.15, 18.30 e 21
- M. 12 a.

VIDAS EM JOGO
17.ª Semana

SALA 3

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.

GREYSTOKE, A LENDA DE TARZAN
REI DA SELVA

7.ª ARTE 730715

Av. República a E. Entre Campos, junto ao n.º 63

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
- M. 16 a.

O ELEVADOR

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.

GENTE GIRA
Às 00.00 - M. 16 a.

O GRANDE FILÃO

TURIM 706666

E. de Benfica, 723-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.45
- M. 6 a.

BREAKDANCE, RITMO NA RUA
Às 24 - M. 18 a.

EMANUELLE

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, lote 8/9

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.

O LUGAR DO MORTO
4.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.

O ELEVADOR

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «A Aventura Continua», às 21.30 (6 anos)

ALFA-2 - «A Balada de Narayama», às 21.30 (16 anos)

ALFA 3 - «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.45 (12 anos)

ALFA-CLUBE - «Os Ricos e os Pobres», às 21.30 (12 anos)

ZODIACO - «Vidas», às 21.30 (18 anos)

APOLLO 70 - «O Rei da Evasão», às 21.30 (12 anos)

OLÍMPIA - «Fome de Sexo», sessões permanentes (18 anos)

CAPITÓLIO - «Sonhos Proibidos de Mona G», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

MUNDIAL - «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.30 (12 anos)

LONDRES - «Paris, Texas», às 21.30 (12 anos)

TERMINAL - «Academia de Polícia», às 21.30 (12 anos)

TIVOLI - «Splash, a Sereia», às 21.30 (6 anos)

CITY-CINE - «Academia de Polícia», às 21.30 (12 anos)

CINEMATICA PORTUGUESA - «O Rio Sagrado», às 21.30 (13 anos)

PROMOTORA - «48 Horas», às 21.30 (12 anos)

RESTELO - «Rebel, o Insubmisso», às 21.30 (12 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - «Stadium» - «Grande Hotel Excelsior», às 21.15 (6 anos)

PAÇO DE ARCOS - «Chaplin» - «Caçadores do Espaço», às 21.15 (16 anos)

OEIRAS - «Oleiros-Cine» - «Breakdance», às 21.15 (12 anos)

PARADE - «Royal-Cine» - «Foi-se o Tesouro, Ficou o Amigo», às 21.30 (13 anos)

ESTORIL - «Casino» - «Footloose», às 21.15 (12 anos)

CASCAIS - «Impela» - «007, Missão Ultra-Secreta», às 21.30 (13 anos)

PAÇO DE ARCOS - «Chaplin» - «Caçadores do Espaço», às 21.15 (13 anos)

OEIRAS - «Oleiros-Cine» - «Breakdance», às 21.15 (6 anos)

CASCAIS - «Oxford» - «Beat Street, a Loucura do Ritmo», às 21.30 (6 anos)

Outra Banda

ALMADA - «Cine-Estúdio» - «Rebel, o Insubmisso», às 21.15 (12 anos)

ALMADA - «Incrível» - «A Rapariga de Trieste», às 21.15 (16 anos)

ALMADA - «Academia» - «O Triunfo do Homem Chamado Cavalo», às 21.15 (12 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - «Cine-Estúdio Flores» - «Tron», às 21.30 (13 anos)

MEM MARTINS - «Cine-Chaby» - «Cidade em Pânico», às 21.30 (18 anos)

SINTRA - «Carlos Manuel» - «Os Comandos da Noite», às 21.30 (16 anos)

Porto

ÁGUA - «Shoalin nas Portas do Inferno», às 21.45 (18 anos)

TERÇO - «Sempre em Férias», às 21.30 (13 anos)

COLUSEU - «A Grande Perseguição», às 21.30 (6 anos)

FOCO - «O Sentido da Vida», às 21.30 (18 anos)

JULIO DINIS - «Kermesse Erótica», às 21.30 (18 anos)

VALE FORMOSO - «Escola Técnico-Sexual», às 21.45 (18 anos)

PAÇOS MANUEL - «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.45 (12 anos)

BEBÉ - «O Companheiro», às 21.45 (12 anos)

CHAPLIN - «Fuga para a Vitória», às 21.30 (13 anos)

BATALHA - «Academia de Polícia», às 21.45 (12 anos)

PEDRO CEM - «Gente Gra», às 21.30 (12 anos)

SÃO JOÃO - «Christiane F», às 21.45 (18 anos)

TRINDADE - «O Momento da Verdade», às 21.30 (12 anos)

OLÍMPIA - «A Deportada do Campo Nazi», às 21.30 (18 anos)

CHARLOT - «O Mistério de Gorky Park», às 21.30 (12 anos)

LUMIÈRE - «Sala A» - «O Lugar do Morto», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE - «Sala L» - «Vidas», às 21.45 (18 anos)

RIVOLI - «O Clarim da Revolta», às 21.30 (18 anos)

Lisboa

PERMANENTE (Hoje)

ALCANTARA - «Nogueira, R. de Alcântara, 5-A-B (T. 637563); BAIRO ALTO: Pinharanda, R. da Rosa, 94-96 (T. 321534); CAMPO D'OURIQUE: Portinho, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); CHILE: Bastos, R. Moraes Soares, 91-D (T. 844350); CONDE REDONDO: Salus, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 542239); CAMPO PEQUENO - AVENIDA DA REPÚBLICA: Alcântara, Av. da República, 74-A (T. 771379); ENCARNACÃO: Azenha, P. do Norte, 11-A (T. 311216); PRAÇA DE LONDRES: Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (T. 886860); SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Sousa, E. de Benfica, 429-431 (T. 780027); SÃO SEBASTIÃO: São Sebastião, L. de São Sebastião da Pedreira, 1-3 (T. 548642); TELHEIRAS - QUINTA DE SÃO VICENTE: Queijas, R. Prof. Francisco Gentil, Edifício E-1, loja 21, COLINA DO SOL - BRANDÃO - AMADORA: Vidal Reis, Urbanização Alfarelos, célula G, lote 35 (T. 996540); ODIVELAS: Leitão, R. Guilherme Gomes Fernandes, 82 (T. 9810051); PONTINHA: Leitão Ribeiro, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

teatros

PERMANENTE (Amanhã)

AREIRO - APEADEIRO: Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T. 890331); CALVÁRIO - ALCANTARA: Lupi Nogueira, R. José Dias Coelho, 4 (T. 631635); CAMPO D'OURIQUE: Castro Fonseca, R. 4 de Infância, 28-A (T. 688857); CAMPO PEQUENO - AVENIDA DE ROMA: Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920); CARNIDE: Guimarães Moraes, R. Neves Costa, 33-35; CONDE BARÃO: Moz Teixeira, R. Pogo dos Negros, 117 (T. 601961); ESTEFÂNIA: Universal, R. Actor Taborda, 5-7 (T. 544158); LUMIÈRE: Patuleia, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332); MARQUÊS DE POMBAL: Liberal, Av. da Liberdade, 219 (T. 543641); MARTIM MONIZ: Tavares, R. da Palma, 194 (T. 863350); SAPADORES: Branquinho, R. dos Sapadores, 87-89 (T. 842725); ODIVELAS: Gonçalves, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 9815662); VENTURA - AMADORA: Melo, P. D. João I, 9B (T. 932756)

Outra Banda

ALMADA - Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco Costa, lote 1 (T. 2751297). Permanente; **COVA DA PIEDADE**: Cerqueira, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Permanente; **COSTA DE CAPARICA**: Higienica, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **FEIJÓ**: Tovar Chaves, R. Dr. António Elvas, 104-D (T. 2296119). Até às 22 horas; **SESIMBRA**: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **LAVRADO**:

PORTO

CARLOS ALBERTO - Dança pelo Grupo Universitário de Dança

CAMPO ALEGRE - FITEI - «Uma Tal Família do Porto», às 21.45 (13 anos)

farmácias

Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO**: Mascarenhas Neto, R. D. Francisco Azambuja (T. 2074446). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA**: Teixeira, B. de Moçambique, 84-B (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS**: Abreu Cardoso, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA**: Duarte Ramos, R. de Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul. Até às 22 horas; **TORRE DA MARINHA**: Alves Velho, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO**: Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA**: União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS**: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE**: Nunes, L. Coronel Ramos Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Miramar, R. Ernesto Silva, 83 (T. 2112048). Permanente; **LINDA-A-VELHA**: Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 2191235). Até às 19 horas; **CAXIAS**: Nova, R. Bernardino Ribeiro, 1-A (T. 242839). Permanente; **OEIRAS**: Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Permanente; **NOVA OELHAS**: Leal, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 247723); **CARCAVELOS**: Vilar, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Permanente; **PARADE**: Macau, R. J. Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **CASCAIS**: Marginal, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Dias Brito, Av. Marquês de Pombal, 45-A (T. 934589). Permanente; **QUELUZ**: Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123). Até às 22 horas; **CAMARATE**: Batalha, R. Aveiro, 5 (T. 2518669). Até às 19 horas; **CACÉM**: Central, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **MEM MARTINS**: Química, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCES**: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas;

RIO DE MOURO: Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA**: Simões, Estefânia (T. 9230832). Permanente; **COLARES**: Abreja (T. 9290088).

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

PASTELEIRA, R. André de Rezende, 92; **SAMPAIO**, R. de Cedofeita, 638; **COSME**, R. de Costa Cabral, 584; **SÃO ROQUE DA LAJEIRA**, R. São Roque da Lajeira, 1111; **CENTRAL**, R. 31 de Janeiro, 243.

Coimbra

ESTÚDIO, R. do Brasil, 348. r/c (T. 72710).

54.45.45

544 798 - 544 798 - 544 798

544 798 - 544 798 - 544 798



Propriedade, Administração e Impressão:
RENAISSANCE GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviço Técnico:
RUA LUIZ SOARES, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 320740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 148982
Endereço Telegráfico: DSDA
Fones 12082 LISBOA PORTUGAL
DELEGACAO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2 - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1 - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARES DE HOJE			
PREIA-MAR BAIXA-MAR			
9 43	3,5 m	3 06	1,8 m
22 38	3,5 m	16 01	1,5 m
Dia 18			
10 56	3,7 m	4 25	1,7 m
23 41	3,7 m	17 07	1,3 m
TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:			
VIANA DO CASTELO	7°		
BRAGANÇA	6°		
VILA REAL	5°		
PORTO	5°		
COIMBRA	5°		
CABO CARVOEIRO	11°		
PORTALEGRE	11°		
LISBOA	11°		
EVORA	13°		
BEJA	15°		
FARO	17°		
SAGRES	17°		
PONTA DELGADA	17°		
FUNCHAL	17°		

Região Oeste quis ouvir eanistas

É preciso arranjar uma razão para viver

O movimento activado pela ex-CNARPE com vista à formação de um novo partido conseguiu ontem, quanto a nós, o seu maior êxito desta fase de estruturação. E isto porque aconteceu em Torres Vedras uma coisa inédita e contrária ao que é normal em actividades políticas desta natureza. Em lugar de ter sido a ex-CNARPE a ir ao encontro das pessoas para lhes expor o seu projecto aconteceu o contrário.

Cerca de meia centena de pessoas do maior prestígio pessoal e profissional de Torres Vedras e da região do Oeste reuniram-se num jantar-debate e pediram ao eng. Herminio Martinho e aos responsáveis da ex-CNARPE para irem lá explicar o que estavam a fazer, esclarecer dúvidas e debater questões.

A iniciativa pertenceu ao eng. Manuel Silvestre, um vereador independente da Câmara de Torres Vedras eleito pelas listas do PS e que acaba de pedir suspensão de mandato e ao comerciante Alexandre Santos.

A particularidade importante deste jantar-debate é que nenhum dos presentes tinha qualquer vinculação ao movimento e o critério que presidiu dos convites, segundo explicou o eng. Manuel Silvestre, «foi o de convidar personalidades prestigiadas social e profissionalmente que traduzem, em nosso entender, as sensibilidades da nossa região».

As últimas dúvidas

Herminio Martinho, José Carlos de Vasconcelos, Sá Borges, Machado Moraes e Dias Coelho foram os elementos da ex-CNARPE presentes neste encontro. Durante mais de três horas assistiu-se a um levantar de questões essenciais e ao fluir das muitas dúvidas que existem.

Quanto a dúvidas de ordem geral sobre a necessidade desta nova força política, Herminio Martinho diria no início do debate que «se restavam quanto à necessidade do aparecimento de alguma coisa que viesse alterar o rumo dos acontecimentos, aquilo que se passou nas últimas

semanas e aquilo que se vai passar demonstra que, assim, o País não vai a lado nenhum». Mas será este movimento uma «caldeirada» como alguns dos seus detractores pretendem, baseados numa alegada falta de unidade ideológica?

Foi o eng. Manuel Silvestre que levantou esta questão, considerada excelente por José Carlos de Vasconcelos para explicar que não se trata de nenhuma caldeirada mas sim de «encontrar uma plataforma mínima em que os cidadãos se encontrem unidos por valores fundamentais» e «a partir dessa plataforma mínima fazer juntos pessoas, respeitando as diferenças que as separam».

Em termos mais populares, um dos presentes quis saber onde é que este movimento se situava. A direita? Ao centro? A esquerda?

Herminio Martinho diz então que os portugueses têm sido demasiado fustigados pelo discurso ideológico, que se pretende sintonizar as pessoas pela positiva e não um discurso para dividir ou defender determinadas posições.

Defendeu que o importante era a prática de cada um e a sua integridade. E a propósito de esquerda e direita citou os diversos governos que tivemos nos últi-

mos anos, integrados por forças políticas que reclamam as mais diversas posições ideológicas. «Gostava que me dissessem quais foram os mais à esquerda e os mais à direita».

Eanes lidera ou não?

Esta é a grande dúvida que assalta muitas pessoas. Qual é o líder que em termos práticos se encontra como ponto de referência para exercer em nome desta futura força política? O primeiro participante a levantar este problema confessou mesmo que, hoje, como votante opta menos nos programas e mais na prática do líder.

Quando um secretário de Estado chama de ridículo ao Presidente da Assembleia da República... Transformar-nos-emos em partido quando for aconselhável ou as circunstâncias o exigirem?

Herminio Martinho reiterou porém aquilo que já havia afirmado há tempos. Não haverá novas eleições sem a presença desta nova força.

Ainda sobre a questão das lideranças uma outra pergunta importante surgiria. Conhecida a distância relativamente aos partidos que Eanes tem mantido «em que termos o seu empenha-

mento poderá ser feito?»

Esquerda e direita

A dicotomia esquerda/direita surgiu com frequência. Sá Borges considerou-a um falso problema. Falando como «militante de base» do novo partido e assumindo-se como homem de esquerda, disse que temos um País dividido partidariamente em princípios ideológicos nascidos no século passado e que esses rótulos nascidos tiveram acolhimento neste País há dez anos mas não nos servem hoje, pelo que se assiste a «um desatrelamento» desse processo ideológico.

Falou-se de homens ditos de esquerda que têm uma prática política como se fossem de direita e homens de direita que actuam como verdadeiros homens de esquerda.

Sá Borges diria a certa altura que a maior crise que vivemos «é uma crise de carácter moral, de valores éticos e morais que, a manter-se, nos atirará para o fundo».

Foram mais de três horas com um caudal de dúvidas e incertezas a correr, dúvidas que não tiveram talvez as respostas tão concretas como muitos desejariam mas tiveram pelo menos uma que ficou no espírito de todos e especialmente daqueles que, no auge da desilusão, conseguem no entanto afirmar ainda «que é preciso arranjar uma razão de viver». Todos concordaram quando Sá Borges afirmaria: «Não há senhores neste País para resolver nada. Ou resolvemos todos ou não resolvemos nada. Este é um dos problemas de base que aqui nos traz».

Augusto Vilela

'Espionagem' PS irrita eanistas

Uma coisa que está a ser muito notada pelos «eanistas», divertindo uns e irritando outros, é a «espionagem» de elementos do PS às suas actividades.

A reunião de Espinho teve a vigilância da deputada Rosa Albernaz, facto que ela desmente, alguns confirmam e deu já polémica.

Ontem, em Torres Vedras, uma carrinha e dois automóveis cujos ocupantes foram referenciados por alguns participantes no jantar como elementos da segurança do PS, estiveram longas horas nas proximidades do local onde se realizou o encontro.

Afastando subtilidades de linguagem o que estas pessoas pretendiam saber muito concretamente era se, na altura própria o general Ramalho Eanes assumiria mesmo a liderança da nova força.

Herminio Martinho respondeu: «É impossível este movimento sem ser liderado pelo general Ramalho Eanes».

E quando surgirá este partido? «A actual coligação está a atingir níveis de descrédito que há um mês não eram por nós previsi-

mento poderá ser feito?»

«Não queremos o Presidente da República a liderar o nosso projecto. Queremos que ele seja liderado pelo general Ramalho Eanes. Não queremos que ele seja líder enquanto Presidente da República.

Como é que ele vai testemunhar esse empenhamento? Depende de vários factores que não estão completamente dependentes de nós. A nós compete-nos trabalhar muito para ter o projecto. Mas é possível. Há situações

Cunhal, ontem, na Brandoa

Coligação está podre, só falta um abanão...

Actualmente é necessário «andar de candeia na mão para descobrir quem apoia o Governo PS/PSD, e qualquer socialista tem vergonha de dizer que está de acordo com este Governo» — afirmou ontem à noite Álvaro Cunhal.

O secretário-geral do PCP, que falava num comício de amizade com o Partido Socialista Unificado da Alemanha (PSUA), da RDA, estava acompanhado de Werner Felfe, do Bureau Político e do Secretariado do CC do PSUA e foi escutado por milhares de pessoas que enchiam por completo o pavilhão da Brandoa.

Centrando o seu discurso na necessidade da defesa da «independência nacional», Cunhal considerou estarem actualmente criadas as condições para uma política de «alternativa democrática», para a qual pode contribuir o aparecimento de um novo partido no quadro político português.

Afirmando que a «coligação está podre», que o «Governo está podre», Álvaro Cunhal sublinhou no entanto que «é preciso ter consciência de que, podre como está, não cairá por si — tem sido a luta do povo que o conduziu ao actual isolamento, será a luta do povo e um abanão institucional que o atirarão a terra».

«O Governo irá multiplicar as ilegalidades, as tentativas de nova legislação antidemocrática, as campanhas de desinformação, as mentiras, as calúnias, as provocações. Irá também certamente intensificar as promessas, a distribuição de migalhas, a demagogia — lembrou Cunhal.

O «regresso» de Proença de Carvalho

Presidencialmente seu

Perante o actual presidente da RTP (Palma Carlos) e de um ex-presidente da mesma casa (Vitor Cunha Rego), Daniel Proença de Carvalho (expresidente da RTP) delineou ontem os caminhos que devem conduzir Portugal «à alteração e à mudança». Para este presidencialista, que considera o actual Presidente da República como um dos principais responsáveis «da desgraça em que estão os portugueses», a solução para os nossos males passa pela eleição de um candidato «apartidário» a Belém.

O regresso de Proença de Carvalho às luzes da ribalta efectuou-se no quadro de uma conferência subordinada ao tema *Eleições Presidenciais: o quê, e para quê*. A conferência, organizada pelo PSD da Área Metropolitana de Lisboa, desde cedo confirmou aquilo que antes se pensava: o lançamento não oficializado da semente de uma candidatura Proença de Carvalho à Presidência da República.

Proença de Carvalho, único orador, começou por folhear fotor-

amarelecidas de um álbum já antigo: pré e pós 25 de Abril. Para ele, se é verdade que o regime «autoritário» de Salazar e Marcello Caetano criaram «grandes custos sociais e políticos» aos portugueses, não é menos que o sistema adoptado em Portugal depois do 25 de Abril «não aproximou, antes afastou o país do primeiro mundo».

Historiando os anos de brasa de 1974-1975, Proença de Carvalho concluiu que «o sistema e a lógica dos ditames revolucioná-

rios o quadro económico criado pelos comunistas» conseguiram sobreviver uma vez acabada a Revolução.

Os travões da mudança

«E isso que ainda hoje em dia nos bloqueia», disse um Proença de Carvalho convicto da existência de «forças opostas à mudança». Neste capítulo, o expresidente da RTP considerou que a imprensa na sua generalidade; uma nova classe política nascida da Revolução; e o actual Presidente da República, são o travão que impede Portugal de se lançar à conquista do progresso.

Seria Portugal o mesmo se em vez da personagem cinzenta que ocupa a Presidência da República tivéssemos outra aberta à mudança», questionou-se a dada altura um homem convencido de que «é erro grave minimizar a importância do actual PR». Na

opinião de Proença de Carvalho, «a Presidência da República é o único órgão de soberania de, pois só tem base num homem e numa mulher concretos». Eanes ainda dispõe de poderes suficientes para impor uma lógica que «não está aberta nem disponível para a mudança».

«Civil ou militar, apartidário...»

Razões suficientes para Proença de Carvalho considerar que tem sido «excessivamente empolado o carácter jurídico da Constituição». Por outras palavras: o problema não é a Constituição — «conjunto de princípios gerais aplicados conforme a vontade política do momento...» —, é sim o Presidente. «Outro Presidente da República que não este poderia actuar, no quadro constitucional vigente, de forma bem mais positiva», acrescentou Proença de

Carvalho.

Referindo-se à importância das próximas Presidenciais, o expresidente da RTP encarou como «indiferente» que o candidato da «mudança» seja «civil ou militar». Para ele, o que esse candidato não pode ser «é a reedição do actual PR, um candidato garante do «statu-quo», alguém que seja contra os partidos».

Então, qual o perfil do candidato desejado por Proença de Carvalho? «Apartidário, candidato de carácter nacional, aberto à mudança, modernidade, salvaguarda dos nossos valores perenes, capaz de apontar caminhos e de reforçar o poder e a autoridade do Estado», responde Proença de Carvalho.

Conselheiro de Mota Pinto, conselheiro de Mário Soares, figura cimeira de uma classe poli-

tica de nove anos no poder, Proença de Carvalho entende ser necessário gerar um empolgamento nacional, o que tem a ver, segundo afirma, «com um estado de espírito, um discurso uma atitude moral».

A mensagem de «mudança» não é nova: o estado de espírito, o discurso e a atitude moral de Proença de Carvalho já delas o País teve conhecimento quando exerceu as funções de ministro da Comunicação Social e, posteriormente, de presidente da RTP. Que se saiba, não se registou «empolgamento». Em hora em que a crise (coligação) aperta e a sede (de Poder) desperta, terá chegado a hora do tal candidato suprapartidário de que tanta gente fala. Terá chegado a hora Proença?

O folhetim continua dentro de momentos.

Manuel Anta

Sábado

BRASIL



**A reconquista
dos generais-faraós**



Sigourney Weaver é o rosto feminino de «Ghostbusters»



Os quatro caça-fantasmas de «Ghostbusters» em plena acção (da esq. para a dir.): Harold Ramis, Dan Aykroyd, Bill Murray e Ernie Hudson



Ivan Reitman (à esq.) com Dan Aykroyd e Bill Murray durante as filmagens de «Ghostbusters»

Um Natal fantástico

Em matéria de cinema grande espectáculo, o próximo Natal vai ser vivido sob o signo dos fantasmas e dos seres fantásticos.

Quer «Ghostbusters», uma comédia, quer «Gremlins», onde se ri bem menos, ameaçam ser grandes sucessos lisboetas neste final de 1984.

«Gremlins» e «Ghostbusters» já foram sucessos de primeiro plano, este ano, nos States. «Ghostbusters» fez mesmo a proeza de não deixar o Lucasfilm do ano («Indiana Jones e o Templo Perdido») ser o tradicional supercampeão de receitas, um facto que há cinco anos não fugia à fábrica de magia de George Lucas e de Spielberg. Esse êxito certamente catapultou os dois filmes para um privilegiado lugar na atenção do público cinéfilo.

«Gremlins» é uma produção de Spielberg, realizada por um dos valores ascensionais do recente cinema americano, Joe Dante — um especialista do medo. A sua história centra-se nuns pequenos e patuscos seres, os gremlins, que se tornam naquilo que vocês vão ver quando comem lepois da meia-noite. O tom é de humor, pintado de negro, os efeitos especiais são uma das tónicas (Chris Walas, um dos responsáveis, ne se sector,

por «Os Salteadores da Arca Perdida», é o inventor dos pequenos seres — que não tardarão a invadir as lojas de brinquedos). Os actores são desconhecidos, já que não é por aí que Spielberg costuma investir.

«Ghostbusters», pelo seu lado, é uma mais explícita comédia, onde a loucura do **non sense** faz a sua contínua aparição. Aliás o tema é, à partida, já louco: impressionados pela onda de fenómenos paranormais que assola Nova Iorque, um grupo de parapsicólogos resolve abandonar os seus estudos académicos e partir para acção, profissionalizando-se como caça-fantasmas, um trabalho até então desconhecido...

O filme foi uma complicada superprodução, envolvendo cenas em locais no coração de Nova Iorque, rodadas durante o dia, com centenas de figurantes em acção, um gigantesco cenário em Hollywood,

cerca de duzentos planos com efeitos especiais. Quanto a actores, Ivan Reitman (o realizador-produtor de «Ghostbusters») rodeou-se de alguns dos nomes mais firmados na recente geração da comédia nos Estados Unidos. Bill Murray, Dan Aykroyd (co-argumentista, com Ramis), Ernie Hudson e Rick Moranis. Para vedeta feminina foi buscar Sigourney Weaver, outro nome em franca ascensão no cinema americano (recomendem-se os seus mais conhecidos filmes: «Alien» e «A Noite de Todos os Perigos»).

O Natal vai ser, assim, tempo de encontrar estranhos fenómenos, seres fantásticos que nos trarão o riso, o riso nervoso, o medo. O sucesso americano pode não querer dizer nada quanto às reais qualidades das fitas (tantas vezes que isso já aconteceu, para o bem e para o mal!) mas ninguém dirá que a vontade de espreitar não é muito grande.



Frances Lee McCain em «Gremlins» de Joe Dante

Panorâmica

● **VANESSA REDGRAVE** em Tribunal, numa acção judicial contra a Orquestra Sinfónica de Boston. A actriz afirma que o cancelamento do seu contrato, em 1982, ano em que deveria ter participado numa ópera de Stravinsky, foi motivado por perseguição política, em virtude das suas públicas intervenções a favor da Organização de Libertação da Palestina.

Lembre-se que o facto de Vanessa Redgrave ter feito locução em dois documentários da OLP motivou uma onda de desagrado nos Estados Unidos que chegou ao extremo das ameaças de morte. Vanessa acusa a Sinfónica de Boston de ter, de alguma maneira, cedido a pressões de meios sionistas americanos.

● **BRITT EKLAND** e Rod Taylor filmam em Espanha. **Marbella** é o título da película que tem como realizador Miguel Hermoso e é uma produção maioritariamente espanhola. As filmagens decorrem na Costa do Sol do país vizinho e, a partir de Dezembro, a equipa desloca-se sucessivamente para Madrid, Genebra e Porto Rico. Orçamento da fita: cerca de 200 000 contos.

● **RICHARD BURTON**, prémio póstumo em Valladolid pelo seu desempenho em 1984, uma das grandes produções britânicas deste ano onde Burton teve o seu derradeiro trabalho. O prémio da melhor interpretação masculina (outorgado por um júri que integrava o realizador português José Fonseca e Costa), ganho por Burton, foi partilhado com John Hurt, também por 1984. Esse filme valeu ainda a Michael Radford o prémio da melhor realização.



Matt Dillon

● **MATT DILLON**, ao lado de Gene Hackman, vai ser o protagonista de **Target**, o novo filme de Arthur Penn. Doze semanas de rodagem entre Paris e Berlim e um orçamento de um milhão e trezentos mil contos estão nas previsões.

● **JEAN-LUC GODARD** termina as filmagens de **Detectives**, com Johnny Halliday, Nathalie Baye e Claude Brasseur nos papéis principais.



Kim Basinger

● **KIM BASINGER** é a vedeta feminina de **9 1/2 Weeks**, a fita que Adrian Lyne, o realizador de **Flashdance**, está a dirigir. Mickey Rourke é o seu oponente e a música traz a assinatura de Stewart Copeland.



ENTREVISTA



ROGER MOORE confessa: vai sentir saudades do 007... mas a vida continua, pois claro!

Ele admite que detesta «bangs» e explosões... mas é um actor, antes de mais nada e como tal aceita ser 007

Roger Moore tem saudades do 007

A conversa por aqui centra-se em quem poderá, possivelmente, calçar os sapatos de 007 depois de Roger Moore e Sean Connery os terem atirado fora, ou arrumado sob a cama pela última vez. Porque quando se passam os 50, até mesmo os James Bond deste mundo têm de admitir que os dentes já cresceram de mais e que a erva da pastagem se torna apetitosa para um «cavalo de trabalho» como o são todos os actores da série Bond.

Presentemente a produção de Cubby Broccoli é «From a View to a Kill», a qual soma 14 produções de James Bond e que é, sem dúvida alguma, a última em que entram os dois nomes célebres.

Perguntei a Roger Moore se ele estava ansioso pela acção e movimento dos seus filmes e ele disse-me com aquele sorriso todo 007:

— Sinto-me sempre feliz por poder trabalhar, fico sempre espantado quando eles me convidam para fil-

mar, com mil diabos! Para ser franco tenho tido bastante trabalho, eu o meu amigo e director Brian Forbes estamos a planear uns quantos projectos e Michael Caine e eu andamos a «tramar» qualquer coisa juntos. Pode ser até que decidamos dar um trabalho a Sean. Sabe, nós enfrentamos sempre assim as coisas.

Roger Moore e Sean Connery juntos num mesmo filme? Será possível?

— Sim... a sério! Até aqui tivemos uns quantos argumentos que nos foram apresentados, não têm sido o ideal. Mas quem, sabe? Talvez que para o ano aceitemos um bom argumento. A história de um épico connosco é secreta, de outra forma alguém podia roubar-nos a ideia, fizeram isso com Roberto De Niro e Al Pacino e o Hoffman.

— Sinto-me perpetuamente assustado com os truques... assustado não é bem o termo... aqui só para nós... petrificado! Detesto «bangs»

e explosões. A parte de actor é não pestanejar! Bond é um personagem maior do que a própria vida... e eu não acredito em heróis, menos ainda neste tipo de herói. Por isso faço-o ridículo, mas jamais ridicularizo os espectadores. Procuramos arrastar connosco os espectadores...

Dona Sorte tem estado com Moore ao longo do caminho.

E também as pessoas que colaboram com ele e tiram 99% de lucros.

— Nós temos oportunidade de virar à direita e à esquerda muitas vezes ao longo da vida, penso que é a sorte que nos faz virar para o lado certo e... para onde quer que eu me virasse tive sempre muita sorte. Julgo que a primeira viragem que me trouxe mais sorte foi ter ido para Hollywood sob contrato fixo da MGM em vez de ficar em Londres a trabalhar no Teatro Old Vic, que me tinha feito a proposta ao mesmo tempo, se o não fizesse continuava ainda hoje em Stratford, ou

algures assim, carregando com a espada de Henrique V ou IV no II Acto.

Uma das coisas que mais sucesso tem em Roger Moore, à parte da sua carreira, é a sua vida privada como pai, marido e familiar. Casado com a ex-actriz italiana Luisa Mattioli, tem 3 filhos:

— Eis outra faceta feliz da minha vida! Tenho uma mulher maravilhosa e os filhos são excepcionais.

Casou com Luisa em 1969 e nenhum deles esperava dar-se realmente tão bem, a mulher admite:

— Nenhum de nós calculava que a felicidade desta união duraria tanto tempo. Agora que todos estes anos já passaram, creio que nos habituámos a viver juntos e nada mais desejamos um do outro do que a agradável companhia. Tivemos muita sorte!

É surpreendente o que Moore nos confessa: a sua vida privada é inteiramente dominada e regida por Luisa e ele cre que está aí o êxito da sua vida familiar.

E rindo:

— Sinto-me bastante bem remunerado, tenho uma boa vida profissional, uma mulher espantosa e filhos fantásticos, que mais se pode pedir da vida? Penso igualmente que vou continuando a trabalhar até que saia o meu obituário nos jornais. Para ser franco nem sequer estou a pensar na reforma, e quero continuar a trabalhar até aos 80, mesmo que para tal Luisa tenha de andar a empurrar a minha cadeira de rodas por aí. Mas obviamente que com essa idade não vou ser 007.

Quando o telefone deixar de tocar e deixarem de me querer como James Bond, caramba... há muitas outras coisas por aí à minha espera! E, francamente, acho que já perdi até algumas das «boas» coisas. Claro que vou sentir saudades do 007... mas dou um passo em frente! O passo do lá vai, conta sempre o presente e o futuro... se tivermos a certeza de que chegaremos lá!

Novo "visual" de Lady Di não agrada aos ingleses

Desde os primórdios do seu tão anunciado e romantizado noivado com o herdeiro de Isabel II que Diana Spencer, ou Lady Di, não cessou de ser foco de atenções, a moda tem seguido os seus passos e o seu penteado, e os joalheiros inspiram-se no seu gosto, os cosméticos lançam perfumes em sua honra, fazem-se filmes sobre a sua vida, escrevem-se centenas e centenas de artigos para a imprensa sobre esta figura «decorativa» do Reino Unido. Até aqui os ingleses «adoravam» a sua vedetazinha de cabeça coroada que exportavam com muito mais sucesso do que qualquer «made in Great Britain» produto... mas agora, apesar de Di ter fornecido o 2.º varão à Coroa, assegurando assim o 3.º herdeiro em linha directa, a verdade é que o seu «visual» oficial, não tem agradado aos seus súbditos.

O que encantava os ingleses na sua «princesa Di» era o

rostro fresco, jovial e limpo de uma britânica de gema, que fazia honra à tão famosa «tez britânica» e à pele «inglesa». Agora, parece que a nora da rainha Isabel II pôs de parte esses atributos naturais para optar pelas «caixinhas mágicas» dos «blush», «puffs», «compactos» e «highlights», o seu rosto, habitualmente suave e muito, muito juvenil, tornou-se numa pesada máscara fotogénica, que os fotógrafos continuam a apreciar mas que começa a dar bastante mais trabalho no que se refere a luzes e reflexos artificiais.

Nas suas mais recentes fotos oficiais, poses familiares com o marido e os seus dois príncipezinhos «Wills» e «Harry», Diana tinha um rosto coberto de base fluorescente, os bonitos e meigos olhos azuis recamados de «khol», a secular magia oriental que serve para evidenciar muito artificialmente a tonalidade natural dos olhos, e duas camadas poderosas

de «máscara» nas suas pestanas.

Também o novo penteado de Richard Dalton, um dos mais famosos cabeleireiros de Londres, não tem caído bem entre os que se preocupam com a estética da princesa. Segundo os peritos a princesa tem agora um «visual» que se confunde *horriavelmente* com as estrelas que interpretam as tão afamadas «chachadas» televisivas «Dallas» e «Dynasty».

Que Diana modificou em tudo os cânones da moda na Casa Real de Inglaterra é uma verdade, que modernizou todos os conceitos da Corte, também, mas, segundo afirmam os ingleses, para mal dos pecados dos contribuintes que «pagam» tudo isto... incluindo os cosméticos de Sua Alteza Real, a princesinha começou a «deslizar» lentamente para aquele estilo superantiquado, ultrapassado e hipermaçador que a sua sogra, cunhada e tias usam há anos.



Um rosto bem inglês: limpo, sadio, fresco, pele suave e aveludada, olhos ternos e meigos, um penteado simples mas aristocrático e distinto. O antigo rosto de Lady Di



Um rosto que já não agrada aos ingleses: excesso de base, excesso de blush, muito highlights, um penteado pesado e que a faz confundir com as vedetas de «Dallas» e «Dynasty»

Para os ingleses Diana, infelizmente, começa a deslizar perigosamente para o estilo que a sua sogra, cunhada e tias, têm usado há anos... ridículo e fora de moda. Aqui: traje excessivamente pesado e muito pouco de acordo com o estilo Lady Di



Mulheres e homens em desacordo: quem são as mais belas do mundo?

PORQUE SERÁ QUE OS HOMENS E AS MULHERES NÃO CONCORDAM NAS QUOTAÇÕES DA BELEZA?

As mulheres mais lindas do mundo, de acordo com a opinião dos homens são: ISABELLE ADJANI e CHRISTIE BRINKLEY, porém, as mulheres não têm a mesma opinião, para elas a mulher MAIS BELA DO MUNDO, mal-grado a sua idade, continua a ser LIZ TAYLOR.

Estas surpreendentes divergências de opinião foram descobertas pelo técnico de inquéritos, Louis Harris, do famoso American Choice Institute que tem um programa na TV e onde se recolhem as opiniões diversas dos cidadãos americanos e também dos europeus e canadianos em torno de temas como: quem é o melhor actor, qual a mulher mais linda, quem é o mais simpático, etc.

Por exemplo, para descobrir qual era a mulher mais linda do mundo Harris entrevistou 1262 americanos e 2573 europeus de todos os países da Europa, e ainda 1100 canadianos e brasileiros, as idades dos entrevistados vão dos 12 aos 82, 48% eram homens e 52% mulheres.

LIZ TAYLOR ficou em 4.º lugar da lista masculina, acima dela ficaram Isabelle Adjani, a actriz francesa (ex-aquo) com Christie Brinkley, actriz americana descoberta recentemente, em segundo lugar Brooke Shields, em terceiro a actriz Jayne Kennedy, depois de Liz com o 5.º lugar estão Diana e Jaclyn Smith, ambas (ex-aquo).

De acordo com a psicóloga dr.ª Irene Kassorla, médica autora de dois best-sellers e ainda de um recente livro «Go For It», as duas obras anteriores têm como título «To Win At Love» e «Work And Play», os conceitos de beleza e encanto nos homens e nas mulheres variam de acordo com o seu estilo de vida, posição social e cultura:

— As mulheres que trabalham buscam na beleza a durabilidade e o poder que perdura e afirmam encontrar tudo isso em Liz Taylor, para elas Taylor é o símbolo da mulher sucesso, um sucesso que dura há anos, identificaram-se e têm muitos pontos em comum com ela, até mesmo as mais jovens.

E prossegue a psicanalista:

— Porém, as fantasias dos homens são muito mais directas, Isabelle Adjani ou Christie Brinkley são realmente mulheres do presente, eles votam nestas estrelas porque são as ideais, parecem completar a imagem da mulher perfeita. É curioso notar que as preferências nos homens variam mais de acordo com os grupos etários do que entre as mulheres. Por exemplo entre os 12 e os 34 anos todos ou quase todos votaram Adjani ou Brinkley, em contrapartida ou de 35-40 preferiram Sophia Loren, homens ou mulheres com mais de 50 anos votaram quase todos em Liz Taylor.

Isto prova, dizem os cientistas, que regra geral os mortais comuns buscam as suas vedetas mais ou menos no grupo etário similar ao seu. Porquê? Porque no fundo as pessoas gostam de se identificar com as superestrelas e à medida que envelhecem «carregam» esses nomes com os anos.

Na Europa, por exemplo, um dos grandes ídolos da juventude, é Brooke Shields, porém outro nome surgiu com frequência nos grupos etários entre os 18/25 anos, Diana de Gales, a «princesa» de sonho que muitas jovens da nossa era desejariam poder ser.

Houve ainda outros nomes famosos que figuraram nas listas, embora muito abaixo destas eleitas: Tanya Roberts, Daryl Hannah, Nastassia Kinski, princesa Carolina Casiraghi, Victoria Principal, Gina Lollobrigida, princesa Stephanie de Mónaco, Clio Goldsmith, Linda Evans, Joan Collins, princesa Sofia de Habsburgo.



Isabelle Adjani

BRASIL

A reconquista dos generais-faraós

Nos últimos tempos os generais brasileiros cortam muitas fitas. Mal foi inaugurada a barragem monstro de Itaipu, a sul, já eles se preparam para baptizar com «champagne» a sua irmãzinha do norte, Tucuruí. Como se antes de passar o testemunho aos civis, no ano próximo, se apressassem a colher os frutos de uma industrialização em marcha forçada, começada há vinte anos.

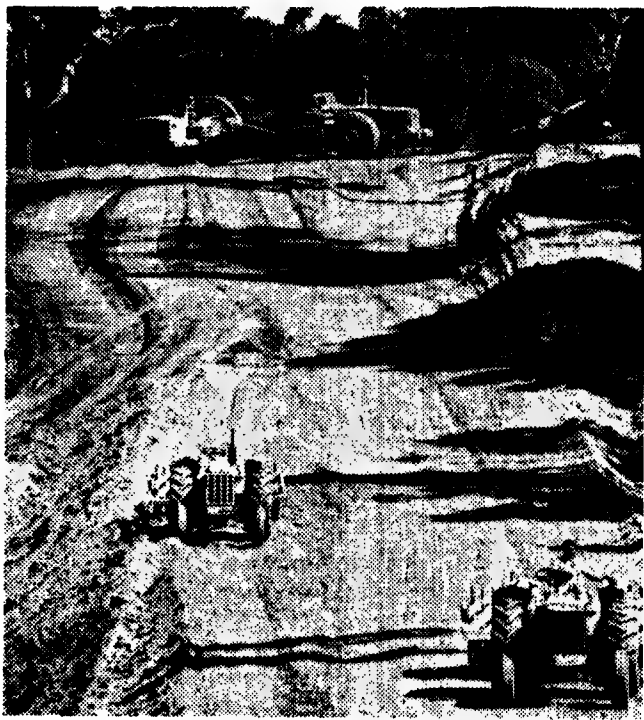
Mas os frutos dessa política têm por vezes um gosto amargo. A monocultura da soja, o relançamento da cana-de-açúcar para o plano álcool-carburante e, principalmente, a colonização da Amazônia estão a transtornar a agricultura e os grandes equilíbrios ecológicos.

A prática dos grandes projectos (estradas transamazónicas, barragens, centrais nucleares) no momento preciso em que o Brasil já não tem dinheiro, é hoje severamente criticada pela oposição. Vêm de todos os lados os protestos contra «os novos faraós». Os investigadores põem o poder em guarda contra uma exploração irreflectida da Amazônia, decerto rica em minerais mas pobre em solos e até em madeiras. Os generais brasileiros abalaram a natureza e os homens.

Paradoxo: depois de quatro séculos de colonização, o Brasil ainda tem dois terços por conquistar. A Amazônia (dez vezes o tamanho da França) é praticamente virgem. E ainda se trabalha pela primeira vez a terra em Mato Grosso e até em certos estados agrícolas do sul como o Paraná. «Os portugueses ficaram agarrados à costa como caranguejos», dizem hoje os brasileiros. Mas, desta vez, estão decididos a ocupar o terreno.

Antes de mais foi Brasília, inaugurada em 1960 por um dos últimos governos civis. Depois, os militares, a partir de 1964, lançaram-se na industrialização do país — inclusive da sua agricultura. Abriam-se de par em par as portas aos capitais estrangeiros. Venderam-se minas e mesmo terras, como certos 3 milhões de hectares cedidos ao multimilionário americano Daniel Ludwig, no norte da Amazônia. Foi encorajada a destruição de árvores para a criação de gado bovino, e o café, grande consumidor de mão-de-obra foi substituído pela soja, grande consumidora de adubos.

No Estado de Paraná, a sul, Estado que hoje fornece 30% da produção agrícola, só em 2,4% do território, puseram-se a abater árvores para plantar soja. Só em 1970 e 1975 foi queimado 1,2 milhões de hectares de florestas — sobretudo de pinheiros araucária — para conseguirem um grão que alimenta os porcos (para consumo local), os frangos (para exportação) ... e as vacas europeias. Tanto que a superfície arborizada de Estados como o Paraná ou São Paulo passou de 83% em 1930 para 5% nos nossos dias. A famosa floresta atlântica que ocupa 2000 quilómetros de costa irregular já não é mais do que uma delgada fita entre o mar e as plantações do planalto. Mesmo o parque nacional da Serra do Mar, que protege as verdes



montanhas do arredor sul de São Paulo, começa hoje a estar devorado: atravessam-no três auto-estradas sobre viadutos vertiginosos, e ocupam-no uns trinta mil «squatters». Os homens que trabalhavam na estrada deixaram-se ficar e entraram nas fábricas do Cubatão.

Em 1975 os generais tornam-se mais velozes. A crise do petróleo leva-os a pôr em acção o famoso plano Proalcohol: a cana-de-açúcar transformada em etanol, substituirá o bruto da Arábia ou da Venezuela. Mas para fazer trabalhar as destilarias, os entrepostos frigoríficos, as minas e todas essas fábricas que saem da terra, é necessária electricidade. Os generais fazem um acordo com a Alemanha Federal para a construção de oito centrais nucleares. São lançados dois projectos de barragens hidroeléctricas gigantes: uma em Itaipu, no rio Paraná, junto às fronteiras argentina e paraguaia. A outra em Tucuruí,

na Amazônia, a sul de Belém. Começada em 1975, a barragem de Itaipu acaba de ser oficialmente inaugurada por altura do accionamento da sua segunda turbina. Mas isto é um princípio: com o tempo, em 1990, terá dezoito turbinas e poderá fornecer 12 000 megawatts, isto é, três vezes a potência da de Assuão, ou o equivalente de dez centrais nucleares.

Para isto foi necessário deslocar quarenta e três mil pessoas e inundar 125 000 hectares de terras boas. Pequenos e grandes colonos foram instalados na floresta onde o húmus e o subsolo vulcânico deram excelentes resultados nos primeiros anos. Mas depressa se verificou que esses solos vermelhos e pulverulentos são extremamente vulneráveis. Com efeito o sol queima as matérias orgânicas e faz com que no solo deixe de haver minhocas. Quanto às chuvas, sempre abundantes nos países tropi-

cais, lavam excessivamente o solo que já não pode ser trabalhado anualmente e destroem o terreno nas encostas. Tal como nos solos vulcânicos da Etiópia, os colonos brasileiros devem hoje aprender as culturas em curvas de nível e também a construir aterros a fim de deter a erosão.

A cana-de-açúcar e, principalmente a soja, culturas mecanizadas, absorvem muitos produtos químicos. Para aumentar os rendimentos recorreu-se aos adubos em grandes doses. E para compensar os inconvenientes do clima tropical, que favorece a proliferação dos insectos e das plantas parasitas, utilizam-se insecticidas, herbicidas e desfoliantes. De modo que as terras agrícolas, atafalhadas de produtos químicos, começam hoje a poluir rios e toalhas freáticas. Os brasileiros dão a estes produtos um nome evocador: os «agrotóxicos».

Um amplo movimento nasceu em todo o país para lutar contra o abuso desses agrotóxicos que envenenam as águas e arruinam os pequenos cultivadores endividados até à ponta dos cabelos. Tanto no Paraná como em vários estados que passaram para a oposição, lançou-se uma campanha de informação que já deu os seus frutos: nos campos de algodão os insecticidas foram reduzidos para metade, e nos campos de soja passou-se das seis aplicações habituais para uma única. O inimigo é a monocultura, observa Claus Gerner, secretário de Estado da Agricultura. Progressivamente volta-se aos bons velhos métodos de afolhamento, que permitem à terra a sua reconstituição. Hoje, em todo o Brasil, depois dos loucos anos da industrialização a todo o preço, querida pelos militares, começa-se a reflectir. Os grandes trabalhos custaram caro, e, vinda a crise, já não se sabe se eles serão úteis. A própria

barragem de Itaipu, glória dos novos faraós de Brasília, talvez nunca venha a ver as suas dezoito turbinas. Nem o Paraguai nem o Brasil, parceiros nesta aventura, poderão absorver os 12 000 megawatts previstos. O programa de centrais nucleares, que começou muito depressa, parou hoje por falta de dinheiro e de reais necessidades. Uma única unidade está pronta a funcionar no estado do Rio (construída por Westinghouse), mas ainda não foi inaugurada. Quanto às duas outras centrais, construídas com os alemães, ainda não estão prontas.

Temos electricidade de mais, diz cruamente José Goldenberg, secretário de Estado da energia do governo de São Paulo. Antes mesmo que Itaipu trabalhe em pleno e que a barragem de Tucuruí entre em serviço, 95% da electricidade brasileira é de origem hidroeléctrica (os restantes 5% são fornecidos pelas centrais térmicas clássicas). A não ser que se dê um salto industrial maciço, não se vê necessidade de centrais nucleares nem de novas barragens.

No entanto, outros projectos esperam, ainda no papel, como a barragem de Pacanema, não longe de Itaipu, que inundaria 3000 hectares do parque nacional de Iguaçu. Os parques são criados por decreto. Desaparecem também por decreto, constata com amargura Maria Teresa Pádua, antiga directora dos parques nacionais do Brasil. Um deles, criado em 1948, foi suprimido em 1968. Quanto ao parque das Sete-Quedas, inundado pela barragem de Itaipu, também só teve uma vida de vinte anos (1961-1981). No sector só restam as quedas de água de Iguaçu, importante local turístico brasileiro e, o parque do mesmo nome ameaçado de inundação parcial.

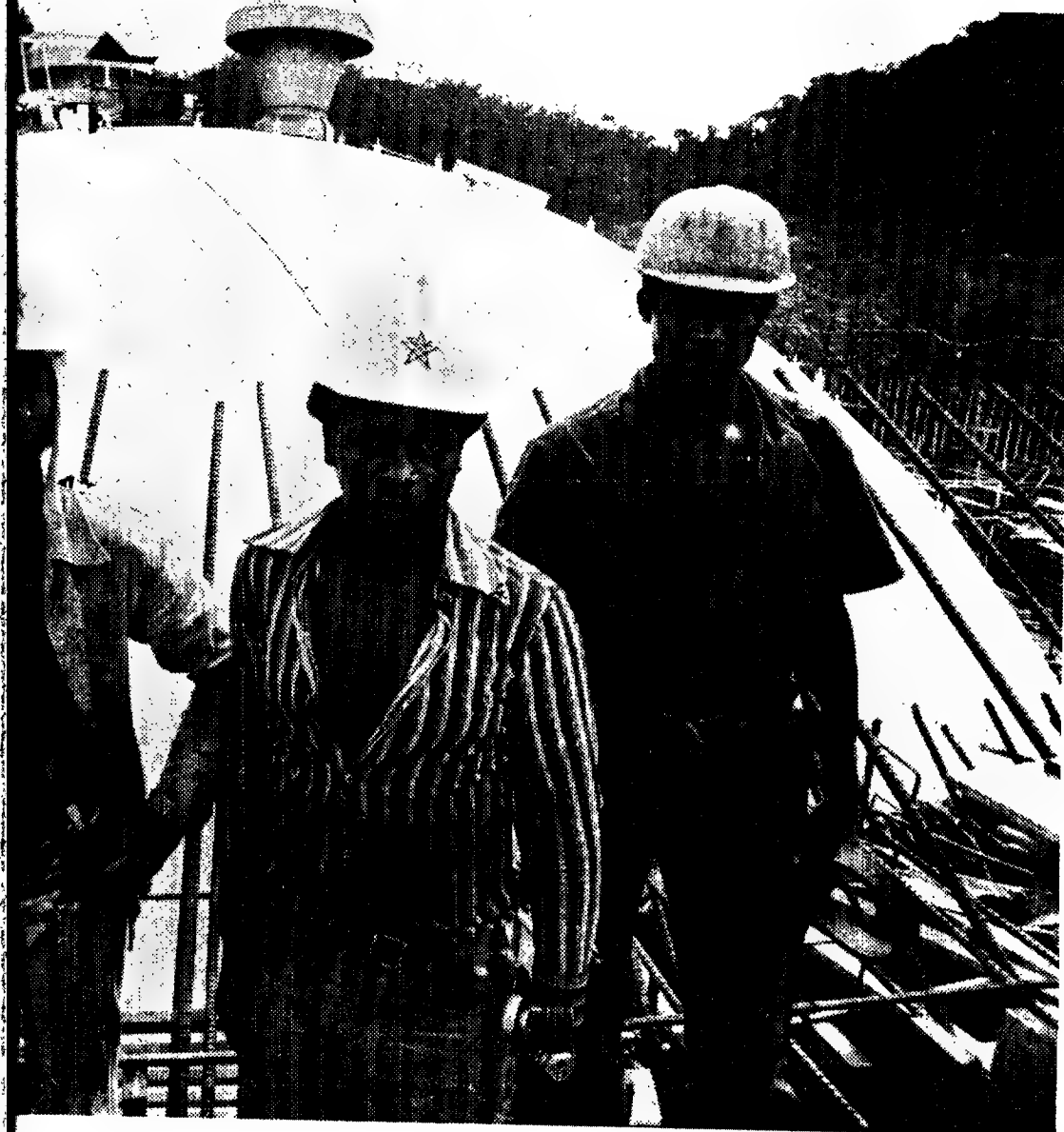
Para além de Tucuruí, ameaça-se construir na Ama-

zônia a barragem de Balbina. O trabalho teria a particularidade de inundar uma imensa superfície (540 000 hectares) para uma produção relativamente modesta (entre 240 e 260 megawatts), porque seria implantada em plena floresta amazónica, demasiado baixa. A falta de dinheiro, a hostilidade dos índios e a campanha desencadeada pelos ecologistas locais — que os há, até entre os políticos — podiam fazer recuar este projecto, pelo menos provisoriamente.

O relativo fracasso das estradas transamazónicas e «perimétrica norte» — impraticáveis vários meses no ano por causa das chuvas, até porque não são asfaltadas — não deteve os projectos de construir estradas. Vai ser alargado e asfaltado o eixo Cuiabá-Porto Velho, que liga as capitais do Mato Grosso e do Rondonia, e prolongá-lo até Rio Branco, capital do Acre, enquanto se espera pela ligação com o Peru, até Cuzco. Ora quem diz trabalhos de estradas diz colonização. O Instituto Nacional de Colonização e de Reforma Agrária (INCRA) distribui com efeito terras de ambos os lados das estradas em construção, à razão de cem hectares por colono (lotes uniformes de 500 metros por 2 quilómetros). Em princípio a lei exige que o colono não destrua mais de metade das árvores do seu lote, e as grandes propriedades não devem ultrapassar o quarto de um município.

Claro que a lei nem sempre é cumprida. Ou porque o proprietário encontra parceiros que emprestam o nome, ou porque se estabelece em vários municípios. E como fazer observar a regra da manutenção de 50% da floresta, se se pode revender a parcela arborizada a um novo proprietário que, por seu lado poderá destruir metade das árvores e revender o resto?...





Ignorados, expulsos, deslocados

Traídos por todos, que vai ser dos Índios?

Quem se opõe com resolução à «reconquista» da Amazônia, são os índios. Primeiros ocupantes do local, recusam ser de lá desalojados mesmo recebendo uma indemnização. E indignam-se quando vão despojar-se das suas riquezas em troca de humilhantes — e irrisórias — «royalties». A FUNAI, enfim, a Fundação Nacional dos Índios que, segundo se diz, defende as populações indígenas, é o alvo dos seus ataques. A FUNAI não é mais do que uma agência de desenvolvimento encarregada de tratar com os índios, explica Ailton Krenak, um dos animadores da União das Nações Índias (UNI) e director da sua publicação (Jornal Indígena), editado em São Paulo. A FUNAI estabelece programas de prospecção mineira e implanta serrallharias na floresta. E, entretanto, fecha as «casas do índio» (1).

Visivelmente os índios suportam cada vez pior uma instituição em princípio encarregada de os defender mas que, sob a pressão dos que regulam os cortes e dos colonos, tende a tornar-se uma correa de transmissão do poder. Só nos ouvem quando ocupamos as delegações locais, acrescenta Ailton Krenak com a sua voz delicada, espan-tosamente serena. Os seus irmãos de Manaus não fustigam com tanta delicadeza a FUNAI, os militares, os partidos da oposição e até os investigadores do instituto nacional de investigações amazônicas (INPA).

«Para que serve entrar no jogo político se a maioria e a oposição fazem a mesma política?», finge perguntar a si próprio Alvaro Tukano, coordenador do movimento índio encarregado do contacto com os brancos. Demasiadas pessoas querem meter-se na vida dos índios. Nós já estamos sob a tutela da FUNAI. Não temos confiança nos políticos. Alvaro Tukano ataca em especial o governador Mestrinho pior do que se estivesse na maioria, como se não perdoasse a um caboclo — o governador tem sangue índio — comportar-se como um traidor à causa. Em 1982 votámos PMDB (coligação da oposição de esquerda), para a próxima vez recusaremos, previne Américo Maranhão, presidente da Associação dos Índios Paricachuera, que se apresentou às eleições pelo PMDB, como o governador.

O que queremos, prossegue Alvaro, é uma reserva controlada pelos índios. Sofremos de uma discriminação racial como nem imagina. Que diria se alguém fosse a sua casa, descobrisse um tesouro e o levasse dando-lhe generosamente 3%?

Quanto a Gabriel Tukano, encarregado das relações públicas dos índios em Manaus, mostra-se furioso com a IMPA, que, segundo ele, propaga a legenda segundo a qual seriam contrabandistas de coca. Contrabandistas, os índios? A coca, para nós, é o café dos brasileiros. É o medicamento supremo. É a segunda pessoa de Deus. É a nossa força. A coca é pois consumida pelos

índios, é certo, mas não vendida a outros. Nestas condições deve compreender que não aceitemos que o governo pague para que a coca seja queimada, conclui Gabriel atacando a FUNAI controlada pela franco-maçonaria e as multinacionais. O homem das relações públicas vai a direito: Invadem-nos, tomam-nos as terras, é a guerra. Nós não invadimos ninguém. Só matamos os que nos invadem. E felicita-se pelo facto de ainda há dias os índios terem morto um funcionário da FUNAI e dois prospectores de petróleo.

As reivindicações dos índios são apoiadas por voluntários do Conselho Indigenista Missionário (CIM), militantes católicos, progressistas ou luterios na sua maioria, que vivem junto deles. Também são ajudados por grupos de universitários e de intelectuais, como a Comissão Pro-Índios, implantada nas grandes cidades do Brasil. Está a ser levada a efeito uma campanha particularmente activa em favor dos índios Yanomami, uma etnia de uns vinte mil membros, implantada nos confins do Brasil e da Venezuela. A última das nações índias importantes ainda ao abrigo dos contactos com o branco. Pelo menos teoricamente porque já em 1975 quinhentos pesquisadores de ouro e de cassiterite (minério de estanho) tinham penetrado no seu território. Chegaram maõs oitocentos em 1980 e hoje eles já são vários milhares, muitas vezes bem recebidos pelos índios inconscientes do

risco e seduzidos pelos «pequenos presentes» que eles lhes dão.

Os defensores dos índios desejariam que o seu território fosse feito parque nacional. Este parque ocuparia um terço do território federal da Roraima. Mas os eleitos locais, ou melhor, os responsáveis designados localmente, querem que Roraima (cem mil habitantes, 40% dos quais índios) se torne um Estado em parte inteira da Federação.

A luta é demasiado desigual entre uma população de cento e trinta milhões de habitantes, ávida de terras e de riquezas fáceis, e um punhado de índios a maior parte dos quais já estão aculturados. Oficialmente Brasília só reconhece duzentos mil índios que vivem em grupos na floresta. Somos mais de um milhão no Brasil, respondem os militantes índios como que para se tranquilizar. Dantes ignoravam-nos ou consideravam-nos um perigo, para mais encoberto pela floresta. Depois perseguiram-nos quase como se se tratasse de caça. Hoje deslocam-nos, segundo regras fixadas pelos brancos... e modificadas de acordo com as suas conveniências. Em breve só lhes restará a coca, segunda pessoa de Deus.

(1) As «casas do índio» são lugares de encontro, de acolhimento e até de cuidados, implantadas na periferia dos grandes aglomerados. Algumas delas, consideradas centros de subversão, foram temporariamente fechadas.

(Le Monde)



Esta colonização linear, a um tempo concebida para reaver a Amazônia, outrora comprada pelas multinacionais e também para absorver o crescimento demográfico do Brasil, não consegue fixar as populações. A distribuição das terras à beira das estradas federais é feita, na verdade, em benefício de pequenos camponeses sem recursos financeiros. Desprovidos de tudo, instalados em terrenos cortados de modo totalmente artificial, longe de mercados para onde levar a sua fraca produção, vítimas do paludismo e das doenças tropicais endémicas na Amazônia, os novos colonos vão-se muitas vezes embora logo nos primeiros anos. E vão engrossar o número de desempregados que gravita na periferia de todas as cidades novas.

Só triunfam os particulares ou as sociedades com dinheiro. E muitas terras ainda hoje são compradas como emprego de dinheiro, e não exploradas. Quando a Volkswagen do Brasil quer beneficiar de reduções fiscais, compra hectares de florestas. Não para cultivar as terras mas para dispor de uma reserva predial que, um dia ou outro, pode ser vendida com lucro. Sobre tudo se, entretanto, for descoberto no subsolo algum mineral interessante.

A reapropriação da Amazônia pela gente pobre do Brasil é pois muito difícil. Quanto à solução do problema demográfico, ainda parece mais longínqua. Um investigador americano, Philip Fearnside, calculou que, se se cortasse toda a Amazônia em lotes de 100 hectares, ela só poderia absorver sete anos de crescimento demográfico brasileiro. No Estado do Pará, as nove mil famílias de nordestinos implantadas ao longo da Transamazônia só representam quatro dias de crescimento demográfico! Foram gastos mil milhões de cruzeiros para um resultado irrisório. No total todos os colonos instalados na Amazônia desde há vinte anos mal representam 10% da população aglutinada em volta das grandes cidades. Em 1984 o estado da Amazônia só conta com um milhão e setecentos mil habitantes, metade dos quais se encontra em Manaus. Não se vê como o Brasil poderia, nas condições actuais, escapar a essa fatalidade que faz com que 70% do território só seja ocupado por 15% da população.

Estes fracassos têm uma explicação: a floresta amazônica não é a

Califórnia nem mesmo o Oklahoma. Muito bem. Mas também não é uma floresta equatorial comparável à do Gabão ou da Malásia. Na floresta do Gabão o habitante marca em cada parcela okoumés ou nia-gon, as árvores que merecem ser abatidas, isto é, as grandes árvores. Na Amazônia não há praticamente árvores grandes. Há, em média, 240 espécies diferentes por hectare, entre elas 35 espécies de palmeiras, o que dá uma floresta inteiramente heterogênea com árvores longas e delgadas que não interessam aos comerciantes de madeiras. A pequena Malásia produz dez vezes mais grumos que a imensa Amazônia, e mesmo cinquenta vezes mais borracha.

A exploração da floresta amazônica será pois rentável? Sim, assegura o governador do estado da Amazônia, Gilberto Mestrinho. A floresta é um recurso renovável, se não destruímos o solo, que só tem, no máximo, trinta centímetros. Seis ou oito anos depois de um corte a floresta está reconstituída. Na Finlândia, um pinheiro leva oitenta anos a atingir 25 ou 30 metros. Aqui bastam cinco ou seis anos! Mas reconhece que é grande a tentação de fazer plantações de cacauzeiros ou árvores da borracha como na Malásia. Ora até agora estas plantações fracassaram. Em 1982 a companhia Ford perdeu quinze mil hectares dessas árvores, atacadas por um cogumelo. No Instituto Nacional de Investigações Amazonianas em Manaus (INPA), explica-se a razão por que as plantações fracassaram. A floresta é o único equilíbrio da Amazônia, observa Herbert Schubert, vice-presidente do INPA. A pobreza dos solos traz consigo esta grande diversidade, esta grande dispersão das espécies (um solo rico depressa é dominado pela planta mais forte). Para a floresta esta diversidade também é a única diferença contra as doenças. Praticamente, nunca se observam epidemias na floresta natural.

Quanto à rentabilidade da exploração floresta, ela põe um problema real, prossegue este investigador tranquilo. Das três mil espécies de árvores repertoriadas na Amazônia, só duzentas a trezentas são bem conhecidas e só umas trinta são comercializáveis. O ideal seria vender a madeira por parcelas, misturando todas as espécies. Mas o mercado recusa.

Herbert Schubert nota, para mais, que a floresta virgem não produz nada, nem mesmo oxigénio, como muitas vezes se diz. A floresta vive em equilíbrio: consome tudo aquilo que produz. Ora é a mesma coisa com a madeira: a floresta virgem não tem nenhum excedente. A madeira apodrece ao mesmo tempo que cresce. Uma floresta só tem excedentes numa fase de regeneração, sublinha ele. Todo o problema, para a exploração da floresta amazônica, está em encontrar o justo equilíbrio entre o corte que regenera e o que destrói irremediavelmente.

Um ponto no qual todos parecem estar de acordo, tanto os produtivistas como o governador, os investigadores do INPA e os ecologistas, é a nocividade da criação de gado na Amazônia. As patas dos animais destroem o solo, admite Mestrinho, que ainda prefere a exploração das minas de superfície. A cultura do cacau não é tão devastadora como a criação de gado, constata, por sua vez, Aluízio Bezerra, deputado federal do estado de Acre, membro da Comissão Parlamentar Contra a Devastação da Amazônia. Ele não pode reprimir a sua aversão pelos gaúchos do Sul que vêm aqui estragar tudo. É por isso que a criação de gado ainda está limitada a 2,4% da superfície amazônica — o que, em todo o caso, representa mais de 12 milhões de hectares. O aborrecido é que a agricultura também é pouco rentável. Depois de dois anos de exploração do húmus e das queimadas, o colono passa, para sobreviver, à criação de gado, explica Philippe Lena, um investigador francês da ORSTOM instalado em Belém.

Não sabem tratar da floresta, então suprimem-na para fazer outra coisa, acrescenta Herbert Schubert. É tão estúpido como a caça ao lamantim, o único grande herbívoro da Amazônia, que come a vegetação à superfície da água permitindo que os peixes vivam. Impensadamente, o Brasil exportou 300 000 peles deste animal. Agora a sua caça foi proibida mas é tarde demais: as águas amazônicas já têm muito menos peixes. O que leva os colonos, necessitados de proteínas, a lançarem-se na devastadora criação de gado. O círculo vicioso da destruição.

(Le Monde)

**20 anos
de rock:**

Os novos ídolos da "New Wave"

Este é o ano «hype», palavra com que se designa a superpromoção das estrelas do rock, ainda antes da gravação ou promoção das suas obras. O resultado adivinha-se facilmente: a possível inspiração dos músicos fica fora do trabalho dos músicos. Ainda assim, o ano consagra uma nova «onda», depois do movimento «punk»: a «New Wave».

Grupos como o Sex Pistols acabaram vítimas dessa armadilha superpromocional, tendo sido obrigados a recolher-se durante algum tempo nas praias do Rio de Janeiro ou da Jamaica após a sua programada dissolução. As empresas discográficas queixam-se de prejuízos na ordem dos 25 milhões de dólares anuais, por causa das gravações-pirata realizadas em «cassette».

O «punk dá lugar à «new

wave», movimento muito mais positivo e menos agressivo. Agressivos? Foi exactamente isso que os americanos compreenderam demasiado tarde, pois na sua primeira digressão americana foram recebidos como se se tratasse dos novos Beatles. O Governo dos Estados Unidos recusa-lhes o visto de permanência, mas só consegue com isso desencadear uma série de acções contra o grupo, e Johnny Rotten,

o vocalista da banda britânica, quase destrói o rosto de uma das suas fãs no decorrer de um concerto em Houston recheado de vômitos, cuspidelas, gestos e palavras obscenas.

A reacção surge do sector contracultural radicado na área de Village, o bairro boémio de Nova Iorque, que acusa os Sex Pistols de impostura e de estarem a soldo do FBI e da CIA.

Entretanto, em Inglaterra,

aproveitando o «boom» dos Pistols, todas as etiquetas independentes começam a lançar as suas próprias versões de protesto juvenil. Marcas como a Stiff e Chiswick alcançam uma certa notoriedade.

Praticamente mortos

Na sua essência, o fenómeno da geração de 77 não era mais nem menos do que uma reacção aos grupos rebeldes, agressivos e ostensivos que se tinham tornado famosos no

início dos anos 60, com nomes como The Animals, The Kinks, Pretty Things, Yardbirds ou The Who. Na verdade, qualquer músico desta pretérita geração é tratado agora como antiquado e praticamente morto.

Quem melhor se aproveitou deste movimento foram os Sex Pistols. Eram os mais mal vistos e falados, os pior vestidos e mais sujos. Chegaram a aproveitar a imagem de Sua Majestade Britânica para fazer propaganda a seu favor. O primeiro festival ao vivo tem lugar em Setembro de 1976 em Londres, conjuntamente com os Damned e os The Clash.

Os Pistols são Johnny Rotten, vocalista, Steve Jones, guitarra, Paul Cook, bateria, e Glen Matlock, baixo. Naquele

concerto, uma rapariga perde um olho quando um bêbado lhe lança um copo à cara.

A violência é a base deste movimento musical. O primeiro grande êxito da banda, «Anarquia no Reino Unido», é um «single» que vendeu mais do que o primeiro trabalho dos Beatles, por exemplo. Mas Matlock, o mais bem formado dos quatro músicos, acaba por ser afastado por isso mesmo, indo o grupo buscar um substituto meio louco que se faz chamar Sid Vicious. Declara à Imprensa na sua primeira entrevista:

«Nós não queremos fazer música. Isso deixamos para os Led Zeppelin. Nós somos o caos, apesar de darmos cem mil voltas de avanço a todos os outros.»

Queridos e odiados

As empresas discográficas estabelecem e rompem sucessivamente os contratos firmados com os Pistols, em virtude das ideias que tencionam por em prática. Uma dessas propostas consistia em apresentar a rainha de olhos vendados, como se fosse uma presidiária.

Apesar de todos estes problemas, uma empresa aceita a ideia que aparece na capa do «single» «God Save the Queen». Virgin Records, a etiqueta que tornou famoso Mike Oldfield com «Tubular Bells», é agora a base do «punk» londrino.

Os Pistols são tão queridos como odiados. A London Television dedica-lhes um programa especial intitulado «A Revolução do Rock da Cruz Gamada», precisamente na altura em que o «single» atinge o primeiro lugar nas listas de preferências e um deputado trabalhista fala da necessidade de exterminar esse mal que pretende atacar com tanta dureza as mais insignes instituições britânicas.

Malcolm McLaren responde com serenidade aos ataques, pois ele é um negociante e não um músico:

«Os Sex Pistols não estão com nenhum partido político, e muito menos com esses asquerosos fascistas da Frente Nacional. Só temos usado as cruzes gamadas para chamar a atenção, assustar e surpreender.»

Poucas semanas depois, Johnny Rotten é violentamente atacado numa discoteca por um bando de sujeitos armados que o atingem seriamente. A partir daí, contrata guardacostas e só viaja de táxi. O metropolitano deixa de existir para uma autêntica estrela de «rock».



Queen: do Glor-rock a superpotência comercial



Grande mártir

Em breve se cansaram desta vida selvagem os mais intransigentes «punkies» da cidade, apesar de Rotten ser oriundo de uma família trabalhadora, e ter mesmo passado alguns anos como assalariado numa «sex-shop» de Kings Road, onde conheceu Cook e Jones, dois amigos dos tempos escolares.

O outro grande líder dos Pistols, Sid Vicious, cujo verdadeiro nome era John Simon Ritchie, converte-se num espectacular bêbado que acaba por assassinar a noiva, Nancy Laura Spugen. Poucos meses mais tarde, suicidava-se com uma sobredose de heroína no seu apartamento de Greenwich Village. Facto curioso: a mãe tinha sido uma antiga «hippie». Sid converte-se no primeiro grande mártir da segunda geração do «rock».

Depois da queda dos Pistols, Johnny Rotten cria os Public Image Ltd., e todos os grupos que se inspiram na sua antiga banda, como os Sham 69, de Jimmy Pursey, ou os Buzzcocks, de Howard Devoto, famosos com «Orgasm Addict», vão perdendo a sua identidade até se extinguírem ou variarem a sua concepção musical, adaptada agora às necessidades do mercado discográfico.

Entre os novos ídolos da new wave encontram-se antigos heróis do pub-rock, um fenómeno que não teve qualquer impacto, apesar do entusiasmo dos seus cultores. Era um estilo destinado a divertir os assíduos frequentadores de clubes nocturnos, pacientes bebedores de cerveja que gostavam de dar

dois dedos de conversa e presenciarem uma actuação ao vivo.

O grupo dirigente do movimento foi o Dr. Feelgood, com o apocalíptico Wilko Johnson na guitarra. Continuaram a compor e tocar bom rock'n'roll e blues para as gerações mais novas, que aceitam esses velhos bebados com grande complacência. Outros heróis do pub-rock eram Dave Edmunds e Nick Lowe, que além de gravarem os seus próprios discos, converteram-se em produtores das novas estrelas como Elvis Costello, Graham Parker ou The Damned. Mais tarde, chegam a trabalhar juntos num grupo pop-rock chamado Rockpile.

De Dury a Joel

Mas o artista com maior êxito comercial é, sem margem para dúvidas, Ian Dury.

Trata-se de um antigo professor de arte, paralítico de um braço e de uma perna, e líder desde meados dos anos 60 do grupo Kilburn and the High Roads, com quem já gravou um álbum. Em 1978, estabelece contrato com a Stiff Records, a quem se deve a descoberta de Elvis Costello, e grava um primeiro álbum, «New Boots and Panties», utilizando a linguagem inglesa cockney, divertidamente complicada e recheada de frases construídas em calão. Com a sua banda, os Blockheads, consegue atingir os primeiros lugares dos «tops» com canções como «Hit me with your Rhythm Stick» e «Reasons to be Cheerful».

Mas nenhum deles consegue deter o triunfo dos Stones, que com o álbum «Some Girls» e o tema «Miss You» conseguem o maior êxito de sempre em Ingla-

terra desde a época de «Sugar Brown Sugar». Nessa altura, já actua com eles o guitarrista Ronnie Wood, ex-companheiro de Rod Stewart nos Faces, embora não participando directamente nos negócios do grupo como membro oficial.

Nos Estados Unidos, a invasão dos grupos new wave não se faz esperar, e The Cars, Devo, Cheap Trick, Talking Heads e Tom Petty & The Heartbreakers são os mais conhecidos. Na sua versão de solistas, aparece a figura de Billy Joel, um cantor de pequena estatura de Nova Iorque que se revelou com o tema «Piano Man», que levou muitos críticos a classificarem-no como o «novo Elton John». Mas as canções de Joel, como as de Springsteen, têm demasiadas raízes norte-americanas. Billy obtem neste ano dois êxitos consecutivos com «Just the Way you Are» e «52nd Street», extraídos do sofisticado álbum «The Stranger», uma tentativa do cantor poeta se imiscuir no mundo do AOR (Adult Oriented Rock), em que são indiscutíveis reis e senhores os Foreigner, um grupo de hard-rock anglo-americano que triunfa nos «tops» de todo o mundo.

Na Grã-Bretanha, a surpresa feminina do ano é Kate Bush. A sua voz finíssima, adequada aos seus complexos estudos de dança e mímica, convertem-na na artista de grande envergadura que sabe aproveitar um tema clássico, «Wuthering Heights», para se tornar famosa sob os auspícios de David Gilmour, guitarrista dos adormecidos Pink Floyd. O seu primeiro LP, «The Kick Inside», reflecte apenas uma mínima parte do seu talento, que se exprimirá mais conclusivamente em futuras criações.



Rolling Stones: um regresso espectacular com Some Girls»

Billy Joel: uma das maiores revelações da new wave e da música dos finais dos anos 70

O Pulsar do ano

- Nasce o primeiro bebé-proveta em Oldham, Grã-Bretanha.
- É aprovada a nova Constituição espanhola.
- Suicídio colectivo de adeptos de uma seita religiosa na Guiana.
- Celebram-se os acordos de Camp David entre Israel e o Egipto, sob os auspícios de Jimmy Carter, presidente dos Estados Unidos da América.
- O novo Papa é um polaco de Cracóvia: Karol Wojtyla faz-se designar João Paulo II.
- A Argentina vence o campeonato do Mundo de Futebol, ao derrotar na final a equipa da Holanda.
- Anatoly Karpov derrota Viktor Korchnoi e torna-se o novo campeão mundial de xadrez.
- Cinema: «Animal House», «Grease», «O senhor dos Anéis», «Superman» e «Sargeant Pepper's Lonely Hearts Club Band».

STEVEN SPIELBERG — «Tapas de foie gras»

LINDA EVANS — «Ostras na concha»

Carne de porco à GREGORY PECK

A consoada das estrelas

Se está cansado do tradicional peru assado e do bacalhau com batatas para a sua ceia de Natal, este ano damos-lhe algumas sugestões muito sofisticadas, elegantes e com um sabor holidescos. Alguns actores acederam em dar-nos as suas receitas especiais para a consoada... variantes engraçadas e inéditas:

GREGORY PECK — «CARNE DE PORCO À GP»: (para 8 pessoas)

Porções:

1 kg de carne de porco limpa (cortada em cubos)
6 dentes de alho pisados no almofariz

1 ramo de cheiros pisados no almofariz

1/2 co. de chá de pimenta preta

1/2 cálice de Porto

2 co. de sopa de azeite ou margarina (banha é excelente)

sal q.b.

Receita:

Misture os cubos de carne com os cheiros, alho e pimenta. Deite por cima 1/3 do Porto. Deixe marinar 30 minutos. Escorra bem. Numa frigideira aqueça a gordura, deite os cubos de carne escorridos, aloire-os muito bem. Coloque à parte. Agora na mesma gordura deite o molho da margarina, acrescente o resto do vinho e deixe apurar em lume brando.

SUGESTÃO DO CHEFE GP — Na hora de servir acrescente 1 co. de sopa de natas frescas ao molho, não leve ao lume depois disso.

Sirva bem quente com fatias de pão torrado (para ensopar o molho)

1 grande salada de vegetais vai bem!

RAQUEL WELCH

«RECEITA DO CONVENTO» — (Fornecida a Raquel por uma freira francesa em 1975 (para 6 pessoas) — «Gelado de Cassis e framboesas»

Porções:

2 cháv. de água

1/2 cháv. de açúcar

1/2 cháv. de doce de framboesa (em frasco)

2 co. de sopa de licor «creme cassis»

2 co. de sopa de sumo de limão

1/3 de co. de café de sal.

200 grs. de natas frescas s/açúcar

Receita:

Numa caçarola faça ferver a água com o açúcar durante 5 minutos. Adicione o doce de framboesa (se preferir sem sementes, passe por um passador de rede), mexa bem até dissolver. Adicione o resto dos ingredientes, excepto as natas. Meta o gelado no frigorífico até ficar bem frio. Adicione então as natas, s/açúcar, leve ao congelador, retire ao fim de 3 ou 4 horas e bata para dissolver os cristais de gelo. Deite em copo de pé alto e sirva assim.

SUGESTÕES DO CHEFE — Experimente deixar por cima de cada copo 1 co. de sopa de licor de cassis... umh!

STEVEN SPIELBERG — «Tapas de foie gras» — para 6 pessoas — 24 tapas

Porções:

1 lata de bom «foie gras» 1 frasco peq. de azeitonas de Elvas, recheadas

1/2 pimento morrone

1/2 fatia de queijo-grosso

1 ramo de cheiros verdes

1 dente de alho

Receita:

Corte o «foie gras» em cubos com espessura de 2 dedos. Meta no frigorífico. Pique bem o alho ou esmague, se preferir, pique os verdes fininhos, misture com o alho. Corte o pimentos e o queijo em quadrado com 1 dedo de espessura. Sobre cada cubo de «foie gras», alterne pimentos com verdes, azeitona com queijo, depois noutros proceda vice-versa. Prenda com palitos. É bom!

PAUL NEWMAN E SOFIA LOREN — «Pizza Strata» — quando os dois artistas rodaram juntos «Lady L» inventaram um prato especial na «roulotte» da equipa de actores: Para 4 pessoas

Porções:

4 ovos

1 lata de polpa de tomate

1/2 cháv. de água

1 co. de chá de oregão e louro

1/2 co. de chá de sal

1/4 de co. de chá de alho em

pó

8 fatias de pão branco (tipo saloio ou alentejano)

1 cháv. de queijo mozzarella — ralado

2 co. de sopa de parmesão — ralado

Receita:

Numa tigela bata os ovos inteiros, junte depois a polpa do tomate, água, os cheiros em pó, sal, deixe de parte. Num «pyrex» untado coloque as fatias de pão, deite por cima 1/2 da mistura de tomate, polvilhe com 1/2 do mozzarella, repita. Por cima deite o parmesão. Deixe no frigorífico de 1 dia para o outro. Leve então ao forno para dourar. Sirva bem quente.

SUGESTÃO DOS CHEFES: Sirva com couves de Bruxelas cozidas e depois salteadas em manteiga e aipo picado, mais alho em pó. Adicione por cima nozes picadinhas ou pinhões... bom apetite!

LINDA EVANS — «Ostras na concha» — especialmente inventado por Linda a partir de uma receita secular dos colonos americanos: para 4 pessoas:

Porções:

1/2 kg de ostras cozidas

1 1/2 cháv. de cebola picada e salsa (de cada)

2 co. de sopa de aipo picado

1 cháv. de manteiga

2 co. de sopa de caldo de carne (ou água onde cozeu as ostras)

1 pitada de sal e pimenta q.b.

16 cháv. de cubos de pão torrado

Receita:

Salteie a cebola e verdes na manteiga até alourar tudo. Adicione os restantes temperos. Deixe ferver em lume brando 2 minutos. Coloque os cuos de pão numa tigela grande, retire as ostras das conchas e corte-as aos pedaços grossos, deite o pão de molho na mistura líquida, mexa bem, deite as ostras na mistura do pão. Deite mais caldo se achar necessário. Coloque a mistura nas cascas das ostras, enfeite com 1 tira de «bacon» e leve a dourar ao forno. Sirva quente.

Sugestão: sirva com brócolos salteados.

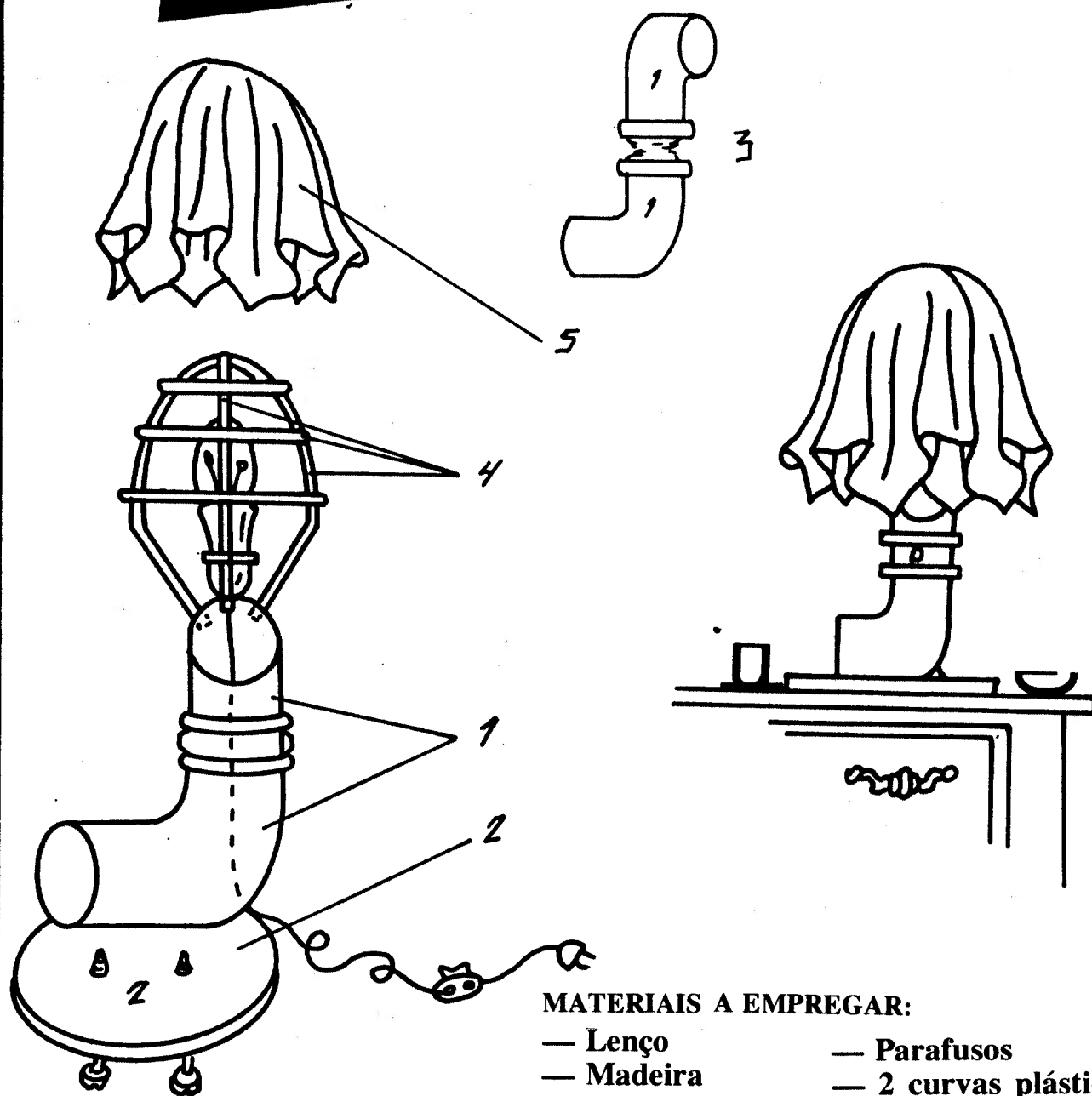


PAUL NEWMAN + Sofia Loren — «Pizza Stratta»



RAQUEL WELCH — «Receita do convento»

Faça você mesmo



MATERIAIS A EMPREGAR:

- Lenço
- Madeira
- Arame
- Material eléctrico
- Parafusos
- 2 curvas plásticas de sifão
- Tinta

Candeeiro

Utilizando duas curvas plásticas (sifões, fig. 1), que poderá obter facilmente nos estabelecimentos de materiais de construção civil, e a prenos muito acessíveis, faça este candeeiro de grande originalidade.

Para iniciar, corte um círculo em madeira com 20 cm de diâmetro, que servirá de base. (Fig. 2). Fazem-se dois furos nesse

círculo para se fixar um dos sifões, utilizando para tal dois parafusos. Após esta operação, fixe um sifão ao outro, enroscando-os, pois estes sifões têm uma rosca própria. (Fig. 3).

Faça em seguida uma armação em arame, como indica a Fig. 4, fixando-a ao sifão superior, fazendo um furo no mesmo, por onde o arame irá

passar à pressão.

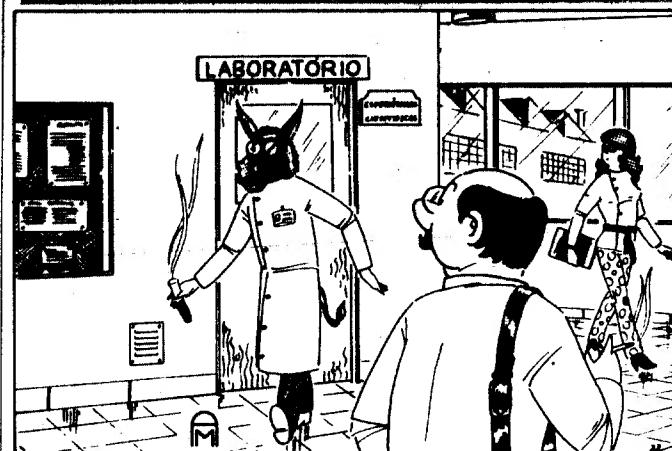
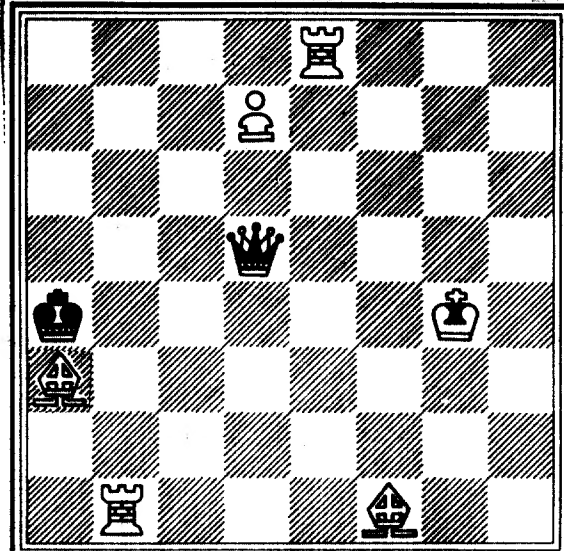
Prepare agora toda a instalação eléctrica (fio, bocal, ficha, interruptor, lâmpada, etc.), como se electrificasse qualquer outro candeeiro.

A base do candeeiro, ou seja, o círculo em madeira, poderá ser pintada ou escurecida. Os sifões terão que ser pintados, de forma a obter um efeito mais

decorativo, pois a sua cor natural não os favorece muito.

O «abat-jour» é um lenço de tamanho médio, escolhido a seu gosto. Poderá combinar a cor e o padrão com o estilo, decoração e mobiliário do compartimento onde o colocar. O lenço será posto sobre a armação de arame, não necessitando de ser preso ou colado.

Xadrez



Descubra as diferenças

Há oito pormenores diferentes nestes dois desenhos, que só aparentemente são iguais. Quais são?

- 1 — Comunicado no placard
- 2 — Proveta da senhora
- 3 — Rato do cientista
- 4 — Bigode do homem
- 5 — Óculos da senhora
- 6 — Livro da senhora
- 7 — Pinta negra nas calças da dama
- 8 — Tabuleta na parede

BRIDGE

Eleição mundial

Philippe Brugnion

AAssociação Internacional dos Jornalistas de Bridge designa, anualmente, a personalidade mais em foco nesta disciplina. A eleição mais recente escolheu o famoso campeão americano Oswald Jacoby (oitenta e dois anos). Anteriormente, em 1981, havia sido Deng Xiaoping o eleito, por ter feito admitir a China na Federação Mundial de Bridge, e em 1982 o inglês Dormer, reputado cronista. Mas Dormer não é apenas um excelente escritor, é também um campeão. Eis, por exemplo, uma mão jogada por ele em 1960, na Taça do «Daily Telegraph», e que é uma brilhante ilustração de uma precaução que parece muito simples... desde se pense nela.

♦ DV	♦ 106	♦ RD74	♦ AR53
♦ R9853	♥ 532	♦ A2	♠ V86
♦ 1042	♥ RD	♦ V1095	♠ D1072
♦ A76	♥ A9874	♦ 863	♠ 94

As vozes (Oeste a dar) devem ter sido, quase sem dúvidas, as seguintes:

OESTE	NORTE	ESTE	SUL
passo	1 ST	passo	2 Paus
passo	2 Ouros	passo	2 Copas
passo	3 Copas	passo	4 Copas

Oeste atacou com o As de Ouros, e depois o 2 de Ouros; o declarante pôs o Rei do morto, e jogou o Valeta de Copas coberto pela Dama e apanhado pelo As. Como é que Dormer, em Sul, cumpriu depois QUATRO COPAS contra qualquer defesa?

Nota sobre as vozes

A voz de «2 Copas», depois de usar a Convenção Stayman, promete cinco Copas, e 8 a 9 pontos contando com a distribuição.

RESPOSTA

Onde é que está o perigo? Se Sul volta a jogar trunfo e se Este detém agora o Rei de Copas seco como é de supor, vai apanhar e continuar em Ouros. Oeste vai cortar e copará-atacará Paus. O declarante apanha com o Rei e a passagem em Espadas falha, como aliás era o caso, sabida.

Como proteger-se contra este risco? Dormer percebeu que se Oeste, depois de ter cortado, já não tinha Paus, seria obrigado a jogar Espadas! Dormer pensou então cortar o trunfo. Antes de voltar a jogar trunfo. Salvo o caso pouco verosímil de uma carta única em Paus, esta precaução nada custava, pois só Rei de Copas, se estivesse em Oeste, poderia redobrar.

Depois do As de Copas, o declarante puxou então o As e Rei de Paus, e depois de ter cortado o 3 de Paus com o 7 de Copas, deu uma segunda volta de trunfo. Este apanhou com o Rei de Copas e jogou Ouros, cortado pela última Copas de Oeste. Mas Oeste, que já não tinha Paus, teve de contra-atacar Espadas para o Valeta do morto; seguidamente o As de Espadas e o corte da terceira Espada com o Valeta de Copas asseguraram o contrato.

Depois de ter tomado a mão com o Rei de Copas, se Este tivesse contra-atacado Espadas em vez de jogar Ouros pela terceira vez. Oeste teria feito o Rei de Espadas, mas não o corte de Ouros.

Há quatrocentos anos nascia Tirso de Molina o criador do mito de Don Juan

Os escritores e os poetas aspiram, na sua grande maioria, a escrever, pelo menos, um livro cujo nome ficará para a posteridade e que marcará a sua época, ou, em todo o caso, a sua língua. Os grandes poetas dão a sua solidez a um idioma, armam as suas estruturas e determinam a sua forma. Dante não exclui Petrarca nem San Juan de la Cruz exclui Góngora. Mas nessa fauna literária de espécies soberbas, destaca-se uma mão-cheia de indivíduos que atingem o supremo poder criador e transcendem a simples proeza linguística. São aqueles que engendram os grandes arquétipos: Dom Quixote, Fausto, Sigismundo, Hamlet, Tartufo, Antígona, Don Juan.



O monge espanhol Gabriel Tellez, da Ordem de Merce, conhecido no mundo das letras por Tirso de Molina, pertence a essa espécie poderosa.

Não se sabe exactamente quando nasceu Tirso de Molina, sem dúvida em 1584. Os primeiros anos da sua vida são um mistério. Onde e como viveu ele? Porque possui uma cultura honrosa, um julgamento extremamente subtil, um conhecimento surpreendente da natureza humana, em especial da das mulheres, um conhecimento também dos nobres e dos grandes do Estado que é característico de um homem da corte, quando aquilo que dele sabemos nos mostra um homem de Igreja afastado dessa mesma corte e das ruas da Madrid dos Habsburgos.

A técnica dramática de Tirso é influenciada por Lope de Vega. Ele abandona, com efeito, as unidades clássicas de lugar e de tempo; mistura o trágico e o

cómico, o preciosismo e a crueza, o profano e o sagrado.

A sua posição teológica, ou simplesmente filosófica, não surge claramente na sua obra, e ainda hoje há debates com o objectivo de saber estudar as entranhas das suas personagens e de traçar o seu perfil psicológico é indiscutível. A obra de Tirso é rica de criaturas que, sob uma ou outra forma, ilustram os vários aspectos da condição humana, do erotismo e da paixão carnal aos conflitos intelectuais, dos problemas da razão de Estado ao tema controverso da graça e da predestinação, sem esquecer as ambiguidades daquilo a que hoje chamamos o travestismo.

Tal como o de Lope, o lirismo de Tirso alimenta-se na tradição popular, que recolhe e transforma, utilizando o seu extraordinário domínio de todas as formas poéticas espanholas. A sua poesia encontra-se nas suas

peças de teatro, onde constitui um atractivo suplementar que retém a nossa atenção.

A mobilidade de espírito e a vivacidade genial do monge também se reflectem no jogo perpétuo dos substantivos e dos adjetivos. Tal como Góngora, Tirso joga com as palavras complicadas.

O mito de Don Juan

Mas é evidentemente com a criação da personagem de Don Juan, no **Abusador de Sevilha**, transformado em arquétipo da cultura ocidental, que se baseia essencialmente a glória de Tirso de Molina.

Don Juan é um ser paradoxal, impossível de catalogar com uma única etiqueta. O seu nome é sinónimo de revolta. Revolta contra as leis sociais, contra a amizade, a família, a honra, contra o sentido dos sacramentos. E mesmo contra o ponto culminante do pensamento judaico-cristão, a divindade.

Atraídoando todos, mantém-se fiel a si próprio. Em todos os seus actos ele põe a sua própria vida na balança. No fundo, é um exemplo da vontade de poder, visto que tudo lhe é pretexto para exprimir a sua própria personalidade, que lhe vale a glória, e que continua a ser representada nos teatros espanhóis. Mas o estrangeiro não reteve este Don Juan. A sua reputação está, com efeito, ligada à utilização feita pela língua. Os seus versos são fáceis, sonoros, eficazes, mas indissociáveis da musicalidade do espanhol.

O certo é que o Don Juan de Tirso de Molina teve uma numerosa e ilustre prole, mesmo que muitos esqueçam o seu primeiro criador. Excepção feita aos Dons Juans de Mozart, Molière, Zorilla e Pouchkine, os outros só subsistem na memória dos eruditos; o de Cicognini e Goldoni, o do dinamarquês Heiberg e o do português

Guerra Junqueiro fazem — talvez imobilizados pela mão do Comendador — nas estantes das bibliotecas. O Don Juan de Lorde Byron, que, embora inspirado pelo exemplo clássico, se afasta completamente dessa velha história, é um fenómeno aparte.

Fora de Espanha e do mundo latino-americano, o amante de ópera ou de discos procurará em vão no programa que apresenta Don Juan o nome do ilustre frade da Ordem de Merce, a quem se deve a sua criação. No caso da obra de Wolfgang Amadeus Mozart, fala-se do libretista Lorenzo da Ponte, poeta hábil, capaz de reduzir uma obra ao ritmo de uma partitura, mas incapaz de criar por si só um único mito. Acontece quase a mesma coisa com o poema sinfónico de Richard Strauss. **Don Juan**, uma das mais belas criações do pós-romantismo alemão. Aí, Strauss teve debaixo dos olhos o **Don Juan**

inacabado de Nikolaus von Strenenau, conhecido sob o pseudónimo de Nikolaus Lenau, e que por sua vez se refere ao **Don Giovanni** mozartiano.

Foram os músicos alemães que empregaram repetidamente o tema de Don Juan. Ao lado de duas esplêndidas criações mencionadas, a de Mozart tão delicada, e a de Strauss, tão fogosa, temos de nos lembrar do ballet de Glück, que tem o mesmo título. A posteridade fechou os olhos e os ouvidos aos outros (principalmente aos de Franco Alfano, Paul Graener, Hans Hang e Herman Reutter). Mas ninguém se referiu a Tirso. Neste quarto centenário devemos dar a Tirso o que é de Tirso e reafirmar a sua indiscutível paternidade de Don Juan, o lugar elevado que ele ocupa na história do teatro, o seu notável talento de escritor e de poeta, e o brilho particular do seu génio num século que foi de ouro.